



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

QUALIDADE DA VINCULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL:
MAPEAMENTO DOS CONTRIBUTOS DAS RELAÇÕES PAIS-CRIANÇA PARA A
COMPETÊNCIA SOCIAL NOS GRUPOS PRÉ-ESCOLARES

Carla Sofia Rodrigues Dias Fernandes

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutoramento em Psicologia

Área de Especialidade.....Psicologia do Desenvolvimento

2015



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

QUALIDADE DA VINCULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL:
MAPEAMENTO DOS CONTRIBUTOS DAS RELAÇÕES PAIS-CRIANÇA PARA A
COMPETÊNCIA SOCIAL NOS GRUPOS PRÉ-ESCOLARES

Carla Sofia Rodrigues Dias Fernandes

Tese orientada por Professora Doutora Maria Manuela Veríssimo
(ISPA - Instituto Universitário)

Coorientação por Professor Doutor António José dos Santos
(ISPA – Instituto Universitário)

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutoramento em Psicologia

Área de especialidade..... Psicologia do Desenvolvimento

2015

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização Psicologia do Desenvolvimento realizada sob a orientação de Maria Manuela Veríssimo e coorientação de António José dos Santos, apresentada no ISPA - Instituto Universitário no ano de 2015.

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, através da atribuição de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/60793/2009).



Para a minha mãe.

Para o meu marido.

Para os meus filhos.

Agradecimentos

A todas as crianças e suas famílias que participaram neste estudo, tornando-o possível, e a toda a equipa escolar que sempre nos acolheu, pela disponibilidade e colaboração.

A toda a equipa de Psicologia do Desenvolvimento do William James Center for Research, pelos diversos contributos ao longo de todo este percurso. Um agradecimento especial às incansáveis “meninas das recolhas”, às quais me orgulho de pertencer.

À Professora Manuela Veríssimo, por todo o apoio, pelos ensinamentos, por me deixar explorar em segurança e por me acolher em momentos de maior ansiedade e dúvida, por me ajudar a crescer, pela inspiração, paixão e entrega que transmite no que faz, pelo privilégio que é de poder fazer parte da sua equipa e dos seus projetos, enfim, pela honra de ser minha orientadora.

Ao Professor António José dos Santos, pela riqueza dos seus ensinamentos e reflexões, por todo o apoio, por ser um exemplo e modelo.

À Lígia, mentora, modelo de inspiração, por me passar a paixão pela vinculação, por toda a aprendizagem, pelo apoio incondicional, por acreditar em mim, mas sobretudo pelo privilégio de ser a “sua menina”.

À querida Olívia, por todo o apoio, força e carinho, mas especialmente pelo colo nos momentos certos.

À Jordana, mana do coração, por tudo, mas especialmente por estar sempre ao meu lado.

Aos meus três grandes pilares neste percurso: Marília, Marta e João, por tudo o que não cabe em palavras, por todas as ajudas e gestos que só grandes amigos, mas sobretudo grandes pessoas, estão dispostos a dar.

À minha mãe, a mulher guerreira que me ensinou que na vida, do que depender dela, posso ser quem eu quiser e atingir qualquer objetivo. Não há agradecimento possível..., só aquele que me comprometo a dar-te sempre, em forma de amor e admiração imensos que tenho por ti enquanto mãe e mulher.

Ao meu amor, companheiro e amigo de sempre e para sempre, por estar ao meu lado em mais este “nosso projeto”, por acreditar que eu sou “especial” e me encorajar a alcançar os meus sonhos. Aos nossos filhos, simplesmente porque tudo o que faço é por eles, porque dão sentido a cada dimensão da minha vida e do meu ser.

Palavras-chave:

Vinculação; Relações Pais-Criança; Competência Social; Grupo de Pares; Pré-Escolar

Key words:

Attachment; Parent-Child Relationships; Social Competence; Peer Group; Preschool

Categorias de Classificação da tese

2800 Developmental Psychology

2840 Psychosocial & Personality Development

2900 Social Processes & Social Issues

2956 Childrearing & Child Care

Resumo

A teoria da vinculação providencia um quadro teórico de extrema relevância para se compreender a gênese da competência social. Os teóricos da vinculação sugerem que a segurança da vinculação potencia a competência social com os pares e um corpo substancial de estudos tem vindo a apoiar esta assunção. A evidência empírica construída nas últimas três décadas de investigação é, assim, consensual ao demonstrar associações positivas entre a segurança da vinculação na infância e diversos comportamentos no grupo de pares que refletem o bom funcionamento social durante o período pré-escolar. A maioria destes estudos utilizou medidas indiretas para avaliar a competência social e medidas de padrões comportamentais para indexar a segurança da vinculação (sendo escassos o que recorrem a medidas representacionais). Na maioria destes estudos predomina, ainda, o foco exclusivo na mãe, encontrando-se o papel do pai deveras negligenciado na investigação desenvolvimental, em particular no que se refere ao seu contributo para o desenvolvimento da competência social das crianças. Adicionalmente, embora seja recorrente a evocação do postulado da teoria da vinculação de que a continuidade dos contributos da vinculação no decurso do desenvolvimento é entendida à luz do papel central dos modelos internos dinâmicos, não foi possível localizar sustentação empírica a este nível.

Esta investigação propõe-se a contribuir para o estado atual do conhecimento acerca das implicações das relações de vinculação pais-criança para o desenvolvimento da competência social em idade pré-escolar.

No primeiro estudo, analisaram-se os contributos das relações de vinculação para posterior competência social numa amostra de 39 díades mãe-criança e pai-criança, com vista a explorar eventuais contributos partilhados, bem como especificidades que pudessem advir da natureza independente de cada uma destas relações. Os resultados que obtivemos sugerem que ambas as relações de vinculação predizem a posterior competência social das crianças. Verificámos ainda que dimensões específicas de ambas as relações de vinculação parecem contribuir para domínios específicos da competência social das crianças. No entanto, a forma como o fazem parece apresentar não só similaridades, como também particularidades.

No segundo estudo, analisaram-se os contributos das representações de vinculação das crianças para a sua posterior competência social, numa amostra de 41 crianças. Obtivemos resultados que indicam que a segurança das representações de vinculação prediz a posterior competência social no grupo de pares, sendo que estes contributos foram evidentes em todos os domínios da competência social.

No último estudo, analisou-se a existência de um papel mediador das representações de vinculação das crianças na relação entre vinculação precoce e posterior competência social no grupo pré-escolar, numa amostra de 37 díades mãe-criança. Os resultados encontrados confirmaram a existência de um efeito mediador, indo ao encontro da hipótese derivada da teoria da vinculação de que os modelos internos dinâmicos são os mecanismos subjacentes à ligação entre vinculação precoce e posterior funcionamento social.

No seu conjunto, os trabalhos empíricos aqui apresentados procuram providenciar suporte que ajude a mapear os contributos das relações de vinculação para a posterior competência social das crianças no grupo pré-escolar, recorrendo a medidas demonstradas como válidas e abrangentes de ambos os constructos.

Abstract

Attachment theory provides an extremely relevant conceptual framework to understand the genesis of social competence. Attachment theorists suggest that attachment security fosters social competence with peers and a substantial body of studies have been supporting this assumption. The empirical evidence built in the last three decades is consensual in demonstrating positive associations between attachment security in infancy and several peer group behaviours that reflect good social functioning during the preschool period. The majority of these studies use indirect measures to assess social competence and enacted representations to index attachment security (being few those using mental representations). In most of these studies prevails an exclusive focus on the mother, with the father's role being neglected in developmental research, particularly with respect to his contributes to children's social competence development. Additionally, although being often evoked the assumption from attachment theory that the continuity in attachment contributions in the course of development is better understood in light of the internal working models' central role, we did not find empirical support at this level.

This research aims to contribute to the current state of knowledge about the implications of parent-child attachment relationships for the development of social competence in preschool years.

In the first study, the contributes of the attachment relationships to later social competence were analyzed in a sample of 39 mother-child and father-child dyads to explore possible shared contributes, as well as specificities that may arise from the independent nature of each of these relationships. Results obtained suggest that both attachment relationships predict children's later social competence. We also found that specific dimensions of both attachment relationships appear to contribute to specific domains of children's social competence. However, the way they do seems to present not only similarities but also particularities.

In the second study, the contributes of children's attachment representations to their later social competence were analyzed in a sample of 41 children. We obtained results indicating that security of attachment representations predict later social competence in the peer group, with these contributions being evident in all social competence domains.

In the last study, the existence of a mediating role of children's attachment representations in the relation between early attachment and later social competence in the preschool group was tested in a sample of 37 mother-child dyads. Results confirmed the existence of a mediating effect, supporting the hypothesis that the internal working models are the mechanisms underlying the link between early attachment and later social functioning.

Taken together, the empirical works presented here aim to help map the contributions of attachment relationships for children's later social competence in the preschool group, using valid and broad-band measures of both constructs.

Índice

Capítulo 1: <i>Introdução Geral</i>	1
Capítulo 2: <i>Enquadramento Teórico</i>	7
2.1 - Vinculação	8
2.1.1 - Organização dos Comportamentos de Base Segura	9
2.1.2. - Representações de Vinculação	10
2.2 - Competência Social	13
2.2.1 - Definição Desenvolvimental	15
2.2.2 -Modelo Hierárquico da Competência Social	17
2.3 - Vinculação e Competência Social	21
2.3.1. -Evidência Empírica	24
2.3.2. -O Papel do Pai no Desenvolvimento Social das Crianças	27
2.4 - Objetivos	33
Capítulo 3: <i>Estudo 1 – Qualidade da Vinculação Precoce à Mãe e ao Pai e a Competência Social das Crianças em Idade Pré-escolar</i>	39
3.1 - Método	40
3.1.1 - Participantes	40
3.1.2 - Instrumentos	40
3.2. - Resultados	47
3.2.1 – Análise dos Demográficos	47
3.2.2 – Qualidade da Vinculação da Criança à Mãe e ao Pai	48
3.2.3 – Análise das Medidas da Competência Social	50
3.2.4 – Vinculação Mãe/Criança e Pai/Criança como Preditores da Competência Social	52
Capítulo 4: <i>Estudo 2 – Qualidade das Representações de Vinculação e a Competência Social de Crianças de Idade Pré-escolar</i>	57
4.1 - Método	58
4.1.1. - Participantes	58
4.1.2 - Instrumentos	58
4.2. - Resultados	62
4.2.1 – Análise dos Demográficos	62

4.2.2 – Valores Compósitos ASCT	63
4.2.3 – Análise das Medidas da Competência Social	63
4.2.4 – Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Competência Social	65
Capítulo 5: <i>Estudo 3- O Papel Mediador das Representações de Vinculação na Relação entre Vinculação Precoce e a Posterior Competência Social</i>	69
5.1 - Método	70
5.1.1 - Participantes	70
5.1.2 - Instrumentos	70
5.2 - Resultados	72
5.2.1 – Análise de Mediação	72
Capítulo 6: <i>Discussão Geral</i>	75
Referências	85
Anexos	97

Lista de Tabelas

Capítulo 3: *Estudo 1 – Qualidade da Vinculação Precoce à Mãe e ao Pai e a Competência Social das Crianças em Idade Pré-escolar*

Tabela 1 - Correlações entre as Variáveis Demográficas e as Variáveis em Estudo	47
Tabela 2 - Médias e Desvios-padrão das Escalas AQS e Análise das Diferenças entre Mãe e Pai	49
Tabela 3 - Correlações entre os Valores de Segurança à Mãe e ao Pai e cada uma das Escalas AQS, e Correlações entre as Escalas AQS da Mãe e do Pai	50
Tabela 4 - Correlação entre as Medidas da Competência Social	51
Tabela 5 - Correlação entre as Medidas Compósitas da Competência Social	51
Tabela 6 – Sumário das Análises de Regressão da Vinculação como Preditor da Competência Social, tendo em consideração Valores Globais	52
Tabela 7 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Motivação e Envolvimento Social	53
Tabela 8 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Aceitação de Pares	54
Tabela 9 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Atributos Comportamentais e Psicológicos	54
Tabela 10 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Motivação e Envolvimento Social	55
Tabela 11 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Aceitação de Pares	55
Tabela 12 – Sumário das Análises de Regressão tendo em conta as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Atributos Comportamentais e Psicológicos	56

Capítulo 4: *Estudo 2 – Qualidade das Representações de Vinculação e a Competência Social de Crianças de Idade Pré-escolar*

Tabela 13 - Correlações entre as Variáveis Demográficas e as Variáveis em Estudo	62
Tabela 14 - Correlação entre as Medidas da Competência Social	64
Tabela 15 - Correlação entre as Medidas Compósitas da Competência Social	64
Tabela 16 –Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Competência Social Global	65
Tabela 17 – Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Motivação e Envolvimento Social	66
Tabela 18 – Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Aceitação de Pares	66
Tabela 19 – Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Atributos Comportamentais e Psicológicos	67

Lista de Figuras

Capítulo 2: *Enquadramento Teórico*

Figura 1 – Modelo Prismático da Competência Social 15

Figura 2 – Modelo Hierárquico da Competência Social 17

Capítulo 5: *Estudo 3- O Papel Mediador das Representações de Vinculação na Relação entre Vinculação Precoce e a Posterior Competência Social*

Figura 3 – Modelo de Mediação com as Representações de Vinculação enquanto Variável Mediadora na Relação entre a Vinculação Precoce e a Posterior Competência Social no Grupo Pré-escolar 73

Lista de Anexos

Anexo I: <i>Outpus 1º Estudo</i>	98
Anexo II: <i>Outpus 2º Estudo</i>	157
Anexo III: <i>Outpus 3º Estudo</i>	167

Capítulo 1

Introdução Geral

Perceber de que forma é que as variações na padronização das relações sociais precoces podem estar relacionadas com os resultados desenvolvimentais posteriores dos indivíduos é um dos principais propósitos orientadores da investigação em psicologia do desenvolvimento. A examinação das histórias sociais precoces e as subsequentes relações interpessoais têm vindo, deste modo, a motivar a construção de um vasto corpo teórico e empírico por parte dos desenvolvimentalistas. De facto, as relações que as crianças estabelecem com outros, e em especial com os que para si são significativos e próximos, surgem como fundamentais para o seu desenvolvimento e adaptação social.

No palco das relações sociais precoces e das posteriores relações interpessoais são protagonistas, respetivamente, as relações de vinculação que as crianças estabelecem com os seus cuidadores privilegiados (frequentemente, as suas figuras parentais) e as relações que estabelecem, mais tarde, com os pares. O estabelecimento de relações de vinculação seguras com os cuidadores privilegiados e de relações bem-sucedidas com pares protagonizam duas tarefas chave do desenvolvimento infantil, destacando-se enquanto contextos relacionais privilegiados.

As relações de vinculação pais-criança são o primeiro contexto relacional que as crianças experienciam em fases precoces do seu desenvolvimento. Nestas relações decorrem as primeiras transações sociais, as primeiras experiências interativas, constituindo-se, assim, como contexto social primário onde se inicia o desenvolvimento da competência social dos indivíduos. Neste contexto relacional, as crianças aprendem acerca da natureza das relações, do papel que desempenham nas mesmas e o que devem esperar dos parceiros sociais. Emergem, assim, como fundações para as futuras relações com outros, destacando-se quanto à sua relevância e peso em termos dos seus contributos para o desenvolvimento dos indivíduos. A vinculação é assim considerada como o constructo organizacional central da infância (Sroufe & Waters, 1977), na medida em que a co-construção da relação de vinculação é a primeira tarefa sócio-emocional e o desafio que a criança enfrenta durante esta fase do seu desenvolvimento.

Numa fase posterior, o contexto relacional do grupo de pares constitui-se como outro contexto de socialização significativo da vida das crianças ao providenciar oportunidades de aprendizagem e oferecendo possibilidades de relações específicas co-construídas com outras crianças (Bohlin, Hagekull, & Rydell, 2000; Vaughn et al., 2000). Os anos pré-escolares, em particular, caracterizam-se quanto à importância que desempenham no desenvolvimento de comportamentos, atitudes e preferências inerentes às interações e relações entre pares. Durante

estes anos podemos assistir à emergência de dinâmicas interativas e sociais mais complexas por parte das crianças (Martin, Fabes, Hanish, & Hollenstein, 2005). É, deste modo, um período considerado como contexto privilegiado no que se refere à prática e aquisição de competências sociais por parte das crianças.

Torna-se fundamental avaliar estes sistemas sociais onde as crianças estão embebidas, nomeadamente quando se pretende compreender e conhecer os vários percursos desenvolvimentais que conduzem a um desenvolvimento mais efetivo da sua competência social, na medida em que promovem a aquisição de um repertório de comportamentos socialmente competentes (Bost, Vaughn, Washington, Cielinski, & Bradbard, 1998). Nos contextos relacionais, a competência social remete para qualidade das relações que os indivíduos estabelecem e que depende das características e capacidades de ambos os parceiros da relação.

A qualidade das relações que as crianças estabelecem pode ser considerada um índice de competência social, que é avaliado de acordo com as especificidades da etapa do desenvolvimento das crianças. Assim, numa fase inicial do desenvolvimento, as crianças capazes de utilizar os cuidadores como base de segurança, ou seja, as que apresentam relações de vinculação seguras, são consideradas socialmente competentes. Numa fase posterior, as crianças socialmente competentes são as que desenvolvem relações bem-sucedidas com os pares. Estas crianças, no contexto dos grupos de pares são as que, por exemplo, apresentam atributos comportamentais e psicológicos que as tornam parceiros sociais mais atrativos; expressam mais afeto positivo e controlam melhor a expressão de afeto negativo; participam em interações mais positivas; desenvolvem relações de maior proximidade, estando mais envolvidas socialmente; e são mais aceites pelo grupo de pares.

O grau de competência alcançado e as competências específicas adquiridas em fases precoces do desenvolvimento surgem como fundações para as futuras relações (Bost et al., 1998). Acredita-se que uma criança que interaja com um parceiro socialmente mais competente numa fase inicial do seu desenvolvimento apresente maiores probabilidades de vir a estabelecer, posteriormente, relações de maior qualidade e a tornar-se mais competente, comparativamente a uma criança que interaja e se relacione com um parceiro socialmente menos competente (Rose-Krasnor, 1997).

As competências adquiridas em fases precoces vão, deste modo, influenciar a capacidade das crianças para se envolverem em relações exteriores à família e esta contribuição

relativa das capacidades sociais da criança é provável de aumentar quanto à sua natureza. Neste sentido, pode considerar-se que a competência social emerge inicialmente no contexto das relações familiares, em particular das relações de vinculação, cuja qualidade terá impacto na qualidade das interações e das relações que ocorrem e se formam no contexto das redes sociais, com destaque para as que a criança estabelece com os seus pares (Bost et al., 1998).

O interesse manifestado por parte dos investigadores da vinculação em descrever de que forma é que as variações na padronização das relações sociais precoces podem relacionar-se com os resultados desenvolvimentais posteriores por parte dos indivíduos cruza-se com necessidade de se estudar a génese da competência social (Rose-Krasnor, Rubin, Booth-LaForce, & Coplan, 1996). Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento é caracterizado inicialmente por uma dimensão comportamental, que se encontra ainda num nível potencial e difuso, que vai sendo progressivamente estruturada e moldada pelas experiências únicas do indivíduo (Gottlieb, 1991), acredita-se que a interação com as figuras de vinculação por parte da criança leva-a a consolidar padrões de adaptação e ajustamento social particulares. Os modos de funcionamentos alternativos vão, desta forma, ficando cada vez mais dissipados e menos disponíveis. Ou seja, pode considerar-se que experiências passadas (e.g., relações de vinculação) constroem a diversidade de relações e modos de funcionar possíveis dentro dos contextos desenvolvimentais futuros (e.g., grupo de pares). Aspectos particulares da experiência passada vão assim, sob a forma de representações (e.g., representações mentais das figuras de vinculação), orientar a criança para percursos desenvolvimentais que espelham uma consolidação progressiva de modos de funcionamento social particulares (Strayer, Veríssimo, Vaughn & Howes, 1995). Estas assunções refletem uma compreensão dinâmica, assente numa visão organizacional, hierárquica e transaccional do desenvolvimento humano.

De acordo com uma abordagem organizacional do desenvolvimento, uma característica central do comportamento é a sua organização face a outros comportamentos, tendo em conta quer contexto, quer questões salientes de determinado período de desenvolvimento. O significado de um comportamento depende, assim, de quando e em que circunstâncias ocorre, de quais os comportamentos que estão a ocorrer concorrentemente, e de qual é a sua função no processo adaptativo. Neste sentido, o desenvolvimento é melhor caracterizado pelas mudanças na organização dos comportamentos e não simplesmente pela adição de novos comportamentos. Por sua vez, numa perspetiva hierárquica entende-se que o funcionamento em cada fase do desenvolvimento incorpora e constrói-se com base numa adaptação prévia, ainda

que permaneça a possibilidade de transformação associada às questões emergentes de um novo período (Sroufe, 2005).

Adicionalmente, uma concepção transacional do desenvolvimento pressupõe que o percurso desenvolvimental adotado é sempre o produto da interação entre organismo (e como se desenvolveu até ao momento) e o ambiente em que se encontra (Bowlby, 1973). Esta abordagem não só presume que a história atual e as circunstâncias são ambas importantes, como também que padrões estabelecidos de adaptação podem ser transformados por novas experiências enquanto, simultaneamente, novas experiências são interpretadas, enquadradas e, em parte, criadas pela história de adaptação prévia (Sroufe, 2005).

Inscrita numa abordagem desenvolvimental, guiada pelos pressupostos acima descritos, esta tese foi elaborada com o objetivo fundamental de contribuir para o estado atual do conhecimento acerca dos contributos das primeiras relações afetivas (neste caso das relações de vinculação a ambas as figuras parentais) para o desenvolvimento social das crianças (especificamente da sua competência social em idade pré-escolar). Com este trabalho, pretende-se, assim, explorar os contributos das relações de vinculação a ambos os pais para a posterior competência social das crianças no seu grupo de pares.

Iniciamos este trabalho com uma secção de enquadramento teórico onde procuraremos apresentar uma revisão da literatura existente acerca dos domínios em análise. Assim, começaremos por abordar pressupostos e conceitos chave da teoria da vinculação necessários enquanto facilitadores de um entendimento posterior do papel destas relações no desenvolvimento da competência social das crianças. Partimos depois para a definição de competência social dentro de uma abordagem desenvolvimental e respetivas implicações desta opção para a avaliação deste constructo. Avançamos de seguida para uma análise teórica de como se poderá processar os contributos ou suporte da segurança da vinculação para a competência social com os pares, colmatando com dados empíricos acerca desta associação.

Tendo em conta que pudemos constatar que o papel do pai aparece muito pouco estudado a este nível, terminamos o nosso enquadramento teórico com argumentos socioculturais, teóricos e empíricos acerca da importância em se incluir e estudar o papel do pai no desenvolvimento, em particular do papel da vinculação ao pai no desenvolvimento da competência social das crianças. A secção empírica, apresentada de seguida, será dividida em três capítulos correspondentes aos três estudos que realizámos. Para cada um destes apresentaremos o método e os resultados obtidos.

Terminaremos com um discussão que pretende ser uma leitura e reflexão integrada acerca dos resultados encontrados, quer do ponto de vista empírico, quer do ponto de vista teórico. Adicionalmente, iremos proceder a uma análise das limitações desta investigação, procurando sempre sugerir alternativas para as ultrapassar. Finalmente, deixaremos sugestões de futuras questões de investigação que permitirão dar continuidade à investigação acerca da associação entre a vinculação e a competência social, de modo a que se caminhe no sentido de uma compreensão cada vez mais completa a este nível.

Capítulo 2

Enquadramento Teórico

2.1 - Vinculação

A teoria da vinculação, desenvolvida por Bowlby e Ainsworth (ver Ainsworth & Bowlby, 1991), oferece um quadro teórico para se compreender o desenvolvimento e ajustamento dos indivíduos ao longo do seu ciclo de vida. A relação de vinculação traduz-se num forte laço afetivo entre a criança e uma ou mais figuras estáveis na sua vida, que se estabelece por volta dos 7/8 meses.

As figuras de vinculação são vistas como únicas e estáveis ao longo do tempo e dos contextos. Durante muito tempo, a mãe foi considerada a figura de vinculação principal (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Bowlby, 1982), o que motivou a que fosse a única figura contemplada na investigação. Recentemente, o papel do pai, enquanto figura igualmente válida de vinculação, deixou de estar completamente negligenciado e gradualmente começou a ser contemplado nas investigações. Os diversos estudos que consideraram ambas as relações de vinculação, com as figuras materna e paterna, apresentaram resultados consistentes com a noção de que estas relações são co-construídas de modo independente (e.g., Caldera, 2004; Grossmann et al., 2002; Lamb, 1977; Main & Weston, 1981; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008), que a criança tende a usar quer o pai quer a mãe como base segura (e.g., Bowlby, 1982; Lamb, 1977; Monteiro et al., 2008; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, Torres, & Fernandes, 2010) e que os estilos de interação com cada figura de vinculação tendem a apresentar características específicas (e.g., Bowlby, 1969/1982; Lamb, 1977; Monteiro et al., 2008; Monteiro et al., 2010). Inerente a isto emerge a assunção de que estas relações são únicas quanto às suas próprias especificidades, pelo que podem diferir nos seus contributos particulares para o desenvolvimento da criança. Neste sentido, ambas as relações de vinculação que a criança estabelece em fases precoces do desenvolvimento com as suas figuras parentais deverão ser consideradas individualmente, i.e., enquanto duas variáveis distintas mas igualmente cruciais. De um modo geral, as relações de vinculação co-construídas entre a criança e os seus cuidadores privilegiados traduzem-se numa, já mencionada, ligação afetiva que servirá de molde a todas as suas futuras interações.

Bowlby (1973, 1969/1982) descreveu a relação de vinculação como uma característica da espécie que ultrapassa ajustamentos locais e adaptações culturais, tendo avançado com duas hipóteses centrais enquanto fundador desta teoria: que as diferenças individuais ao nível da qualidade das relações de vinculação criança-cuidador resultam, amplamente, da sua história

interativa; e que estas variações na qualidade da vinculação emergem como fundações para as posteriores diferenças individuais na personalidade (Sroufe, 2005). As relações de vinculação integram sínteses de experiências, crenças e expectativas que serão fundamentais ao decurso do desenvolvimento socio-emocional dos indivíduos.

A referência à continuidade dos padrões de vinculação ao longo do ciclo de vida é um aspeto relevante que se destaca nesta teoria. A continuidade e estabilidade na segurança da vinculação têm sido demonstradas desde fases mais precoces da infância até momentos mais tardios do desenvolvimento (Booth-LaForce, Rubin, & Rose-Krasnor, 1998). Este aspeto sustenta a assunção de que as primeiras relações afetivas detêm um papel importante na canalização das trajetórias de desenvolvimento das crianças. A este nível, a vinculação é considerada crítica, ao ser detentora de um papel central na hierarquia do desenvolvimento devido à sua primazia. Ou seja, numa abordagem que considera que a experiência precoce nunca se perde, embora muita transformação ocorra no desenvolvimento posterior, a relação de vinculação criança-cuidador é entendida como o centro em torno do qual todas as outras experiências são estruturadas, seja qual for o seu impacto (Sroufe, 2005). No que se refere ao desenvolvimento social em particular, a teoria da vinculação providencia um quadro teórico para se compreender o desenvolvimento da competência social desde as relações precoces com os cuidadores até às posteriores relações no grupo de pares.

2.1.1 - Organização dos Comportamentos de Base Segura

A organização dos comportamentos de *base segura* assume extrema relevância nos primeiros anos de vida, sendo o fenómeno de base segura o principal indicador da existência de uma relação de vinculação (Ainsworth & Marvin, 1995). Tal implica que a criança organize o seu comportamento de vinculação, no espaço e no tempo, em torno de um cuidador privilegiado (frequentemente a mãe e o pai), usando-o como base de segurança para explorar o meio e como porto de abrigo onde regressa em situações de *stress*. Ainsworth introduziu o conceito *base segura*, referindo-se, deste modo, a um conhecimento efetivo de que se pode confiar numa figura que é protetora e que, em qualquer altura e fase da vida do indivíduo, estará disponível (Guedeney & Guedeney, 2004). Perante a existência de uma vinculação segura com um adulto significativo é possível observar-se, numa fase precoce, a aquisição de competências comportamentais por parte da criança que incluem: a exploração de novos aspetos do seu meio envolvente, sempre que os níveis de *stress* são mínimos; a procura de cuidado, proteção e

conforto quando está fragilizada, angustiada ou se sente ameaçada; e ser prontamente confortada através do contacto, sendo capaz de retomar uma brincadeira ou outra atividade, no ponto em que a deixou.

A qualidade das relações de vinculação revela e está intrinsecamente ligada a uma história de cuidado sensível e responsivo por parte do cuidador privilegiado às necessidades da criança. Neste sentido, crianças que apresentam vinculações seguras experienciaram, continuamente, um cuidado sensível e responsivo face às suas necessidades emocionais, contrariamente às que apresentam vinculações inseguras que experienciaram, sobretudo, um cuidado do tipo insensível, inconsistente quanto à responsividade, ou rejeitante (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982). Os comportamentos de *base segura* tornam-se progressivamente internalizados, promovendo a independência da criança numa fase posterior.

2.1.2 - Representações das Relações de Vinculação

A teoria da vinculação enfatiza o papel das experiências precoces na formação dos modelos internos dinâmicos, expressos de modo comportamental em termos de padrões seguros ou inseguros. Os indicadores comportamentais da qualidade das relações de vinculação pais-criança vão, deste modo, refletir e dar lugar a uma representação cognitiva com uma forte componente emocional. Estes modelos acerca das relações e vínculos afetivos constituem assim representações mentais da relação de vinculação, nomeadamente as representações de base segura (Bowlby, 1973).

Não existe propriamente uma definição conceptual globalmente aceite ou altamente especificada deste constructo. No entanto, existe consenso no que diz respeito aos seus elementos básicos. A este nível, considera-se que os modelos internos dinâmicos englobam crenças acerca: do *self* como merecedor de cuidado e competente em suscitar um cuidado responsivo por parte de outros; dos outros significativos enquanto disponíveis para responder às suas necessidades de segurança; e de expectativas face a respostas emocionais suscitadas nas interações de vinculação.

Os modelos internos dinâmicos são amplamente estabelecidos com base na história experiencial com outros significativos e são particularmente sensíveis às suas repostas, bem como de futuros parceiros sociais (Coleman, 2003). Ou seja, no contexto do modelo interativo existente entre a criança e as suas figuras de vinculação, em particular, no decorrer das transações sociais entre ambas durante os primeiros anos de vida, a criança vai,

progressivamente, construindo modelos internos dinâmicos da figura de vinculação, de si mesmo (do *self*) e de si em relação aos outros. Estes são entendidos como orientadores do comportamento em subseqüentes relações de proximidade (e.g., Treboux, Crowell, & Waters, 2004), informando as crenças da criança acerca das suas qualidades e atributos pessoais (e.g., Elicker, Englund, & Sroufe, 1992) e moldando as suas expectativas acerca de como os outros são prováveis de responder face às suas iniciações (e.g., Booth-LaForce et al., 1998). Estas estruturas afetivas geram, deste modo, percepções, expectativas e comportamentos relevantes para a compreensão do *self*, dos outros e das relações em geral (Bowlby, 1973, 1969/1982; Bost et al., 1998).

São os modelos internos (complementares) do *self* e da figura de vinculação, adquiridos através de padrões de interação interpessoal, que mais se destacam quanto à sua saliência. Isto significa que um reconhecimento da parte da figura de vinculação acerca da necessidade da criança no que se refere ao seu conforto e segurança, respeitando a sua necessidade para a exploração, durante os primeiros anos de vida, irá promover um desenvolvimento de um modelo interno de *self* mais valorizado e confiável. O contrário poderá traduzir-se na promoção de um desenvolvimento de um modelo interno de *self* menos competente (Bretherton, 1992).

Numa fase mais precoce os modelos internos dinâmicos funcionam sobretudo como condicionadores das experiências percebidas, sendo mais tarde utilizados para assimilar novas experiências (Miljkovitch, 2004). Este aspeto permite compreender, em parte, porque se trata de algo estável ao longo da vida das pessoas, mesmo com as contribuições das diversas experiências sociais que se sucedem depois da primeira infância. À medida que a criança amadurece presume-se que estes modelos internos serão continuamente validados pelo ambiente de prestação de cuidados e posteriormente vão-se tornando inveterados e crescentemente estáveis. Adicionalmente, o modelo pode tornar-se auto-reforçador. Na medida em que a expressão do comportamento da criança é guiada pelo modelo, pode-se esperar que este conduza a interações dentro das relações com outros que servirão para fortalecê-lo, aumentando a probabilidade destes comportamentos continuarem (Booth-LaForce et al., 1998).

Em suma, considera-se que as crianças internalizam as experiências precoces com as figuras de vinculação primárias em modelos internos operantes que (pelo facto de serem dinâmicos), posteriormente, são ativados para orientar o seu comportamento e gestão de futuras relações, bem como dirigirem as suas ações em situações sociais exteriores à família (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982). Deste modo, acredita-se que a experiência emocional precoce, relacionada com a sensibilidade e disponibilidade das figuras de vinculação, é

posteriormente internalizada, conduzindo à formação destes esquemas cognitivo-afetivos (Coleman, 2003). Pensa-se, assim, que estes modelos incorporam representações internas relativamente estáveis, embora potencialmente modificáveis, que são prováveis de influenciar fortemente as respostas afetivas e comportamentais suscitadas nas situações interpessoais. O facto de estes modelos serem entendidos como capazes de influenciar as respostas emocionais e comportamentais no contexto das interações de pares (Coleman, 2003) sustenta as associações entre a vinculação precoce e a posterior competência social das crianças.

2.2 - Competência Social

A competência social é frequentemente conceptualizada como um conjunto de habilidades desejadas, tendo vindo a ser descrita na literatura enquanto eficácia nas interações sociais, que inclui, simultaneamente, as perspetivas do próprio e as dos outros (Rose-Krasnor, 1997). De um modo geral, o indivíduo competente é aquele que é capaz de usar e tirar partido de recursos pessoais e ambientais para alcançar um bom resultado desenvolvimental (Bost et al, 1998).

Os recursos pessoais abrangem desde competências específicas às mais abrangentes, bem como desde características instáveis às extremamente estáveis ao longo dos contextos e idades. Este tipo de recursos remete para a capacidade de cada indivíduo capitalizar os recursos ambientais (Bost et al, 1998).

Os recursos ambientais são aqueles que o indivíduo tem disponíveis no seu meio envolvente e que apoiam o desenvolvimento das suas capacidades, estando, deste modo, ao serviço da adaptação a curto-prazo, ou de progressos desenvolvimentais a longo-prazo. Estes recursos tendem a ser cada vez mais diversificados ao longo do tempo (Bost et al, 1998).

Neste sentido, a competência social não pode ser apenas identificada a partir de traços ou de padrões particulares de recursos individuais, mas sim através da capacidade para mobilizar e coordenar estes recursos para que se criem oportunidades que permitam que os potenciais recursos ambientais sejam concretizáveis e exequíveis, potenciando melhores resultados desenvolvimentais (Bost et al, 1998).

Na prática, quando se trata de se definir o conceito de competência social surgem alguns problemas em termos da sua conceptualização, sendo possível identificar-se dois principais tipos de abordagem referentes a diferentes tipos de definições: as que se referem à competência enquanto conceito molar e as que se referem à competência enquanto um conceito com características específicas (Waters & Sroufe, 1983).

No primeiro tipo de definições (mais abstratas) a competência social é entendida como um conceito integrativo que se refere a uma capacidade para gerar e coordenar respostas flexíveis e ajustadas às exigências, bem como à capacidade para gerar e capitalizar oportunidades do meio envolvente. O problema deste tipo de abordagens tem a ver com o facto de estas definições providenciarem poucas orientações para a avaliação deste constructo, dado o seu nível de abstração e ausência de critérios (Waters & Sroufe, 1983).

O segundo tipo de definições (mais objetivas), ao conceberem a competência social como um conceito com características específicas, podem vir a solucionar o problema anteriormente referido. No entanto, há que ter presente que estas competências estão intimamente relacionadas com situações e idades específicas, sendo por isso fundamentais para uma maior compreensão da progressiva adaptação do indivíduo. O problema deste tipo de definições está, deste modo, relacionado com uma perda do potencial integrativo do conceito de competência (Waters & Sroufe, 1983).

Avaliar indivíduos como competentes ou incompetentes tem implicações que transcendem uma determinada situação, tarefa ou idade específicas. De um modo geral, o grande número de definições operacionais da competência social que é possível encontrar na literatura (ver Rose-Krasnor, 1997) reflete a dificuldade da parte dos investigadores em chegar a um consenso relativamente às definições, critérios e procedimentos que melhor se adaptam à descrição e avaliação da competência social das crianças.

Quando se trata de definir o constructo da competência social é fundamental que se assegure que as definições e os critérios são suficientemente sensíveis e relevantes para os contextos socioculturais onde o desenvolvimento social ocorre. Estas definições e critérios devem, igualmente, transcender aspetos específicos do indivíduo ou das circunstâncias. Surge um dilema a este nível que se relaciona, por um lado, com a compreensão da competência social como sendo um atributo pessoal com uma história desenvolvimental e uma trajetória a ela associada e, por outro lado, como resultante da história individual dos sujeitos nos contextos de aprendizagem. Este dilema surge como um ímpeto para gerar múltiplas definições deste constructo (Waters & Sroufe, 1983). No entanto, a adoção de uma perspetiva desenvolvimental parece ser o ideal para dar resposta a este dilema, pois só assim é possível manter uma definição integradora enquanto, simultaneamente, são geradas algumas orientações para a avaliação deste constructo. A este nível, a competência social não pode ser apenas identificada a partir de traços individuais, mas também como a capacidade para coordenar recursos individuais e ambientais de forma a atingir objetivos adaptativos, assumindo um estatuto de constructo organizacional (Bost et al., 1998; Waters & Sroufe, 1983).

Rose-Krasnor (1997) considera, igualmente, que as definições de competência social dentro de uma abordagem ampla e abrangente, como é o caso da abordagem desenvolvimental, são particularmente apelativas uma vez que compreendem a competência social enquanto propriedade transaccional que se desenvolve nas transações sociais e não, primeira e inevitavelmente, de um traço intrínseco à criança. Concebe, assim, a competência social como

um constructo organizado com características transacionais, dependentes do contexto e específicas de objetivos (Rose-Krasnor, 1997). A autora sugere a integração de três níveis, utilizando um modelo prismático (ver figura 1) para dar conta da estrutura hierarquicamente organizada do constructo da competência social.

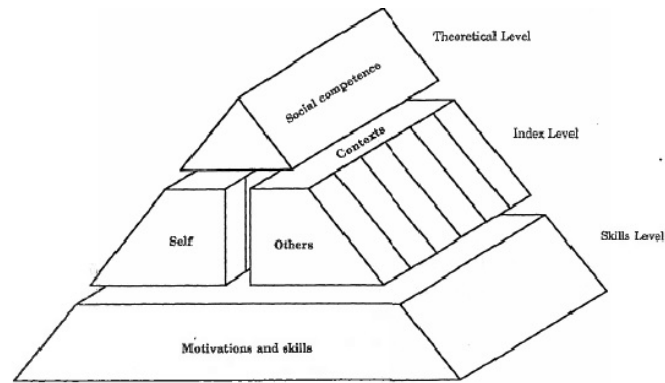


Figura 1. Modelo prismático da competência social.

No topo do prisma inscreve-se o nível teórico que define a competência social como eficácia na interação. O nível intermédio consiste num resumo dos índices da competência social e reflete qualidades associadas a sequências de interação, relações, estatuto de grupo e autoeficácia social, estando dividido em dois domínios: o *self* e outros. Finalmente, a secção base do prisma diz respeito ao nível de aptidões, sendo que os elementos aqui contidos residem principalmente no indivíduo (Rose-Krasnor, 1997). Os três níveis de abstração encontram-se conceptualmente relacionados, o que implica que medidas a um determinado nível deverão ter implicações para outras medidas, num outro dos níveis. Esta abordagem implica a utilização de instrumentos e medidas que sejam capazes de alcançar este nível de análise, o que é muito mais exigente comparado com abordagens anteriores (Waters & Sroufe, 1983).

2.2.1 - Definição Desenvolvimental

De acordo com Waters e Sroufe (1983), a competência social, enquadrada numa perspetiva desenvolvimental, é definida como um traço latente de diferenças individuais que reflete a capacidade do indivíduo para gerar e coordenar de forma flexível e efetiva os seus comportamentos, afetos e cognições de modo a atingir objetivos pessoais de natureza social.

Contudo, a concretização destes objetivos sociais por parte do indivíduo não pode constituir-se como um impedimento que possa constanger indevidamente quer as suas oportunidades de alcançar objetivos sociais futuros, quer as oportunidades dos seus pares para concretizarem os seus próprios objetivos pessoais (Waters e Sroufe, 1983). Estes autores atribuem, assim, à competência social o estatuto de constructo organizacional central durante a infância, sugerindo que esta integra a capacidade da criança para ativar recursos pessoais e interpessoais de modo a atingir objetivos sociais nos grupos em que está integrada, mantendo, simultaneamente, uma trajetória desenvolvimental ajustada.

Esta definição sugere orientações para se poder avaliar a competência social enquanto constructo unificado, embora multifacetado, que transcende o tempo e as circunstâncias e que apresenta implicações, quer em termos de diferenças individuais, quer em termos desenvolvimentais. Deste modo, implica que se ajustem critérios comportamentais, afetivos e cognitivos específicos, em função de determinados níveis ou aptidões característicos das crianças em diferentes etapas do seu desenvolvimento, de forma a se poder proceder a uma avaliação da sua competência social. Inerente a este aspeto surge a possibilidade de os indivíduos poderem apresentar índices de competência que se podem manter ao longo de períodos desenvolvimentais quando são utilizadas avaliações suficientemente abrangentes, que por sua vez são empregues nos diferentes pontos do tempo, isto é, em diferentes momentos do desenvolvimento (Waters & Sroufe, 1983). Uma avaliação, correta e precisa, da competência social requer, deste modo, medidas múltiplas e repetidas, bem como protocolos de avaliação amplos e abrangentes (e.g. Bost et al., 1998; Rose-Krasnor, 1997; Waters & Sroufe, 1983), tendo presente que o foco exclusivo num único nível de abstração restringe a utilidade e a generalização do constructo (Rose-Krasnor, 1997).

2.2.2 - Modelo Hierárquico da Competência Social

Seguindo estes referenciais teóricos, Bost et al (1998), Vaughn (2001) e Vaughn et al. (2009) desenvolveram um modelo de mensuração que descreve a competência social enquanto constructo multinível, ou seja, hierarquicamente organizado (ver figura 2). A estrutura hierárquica deste modelo inclui, assim, três níveis. A competência social ocupa o nível de topo, enquanto fator latente de segunda ordem, com implicações nos diferentes domínios inferidos a partir do nível latente inferior. Ou seja, as famílias de medida (i.e., descrições Q-sort, medidas de observação e entrevistas sociométricas) que ocupam este nível latente inferior providenciam informações acerca de três dimensões da competência social, nomeadamente: perfis de atributos comportamentais e psicológicos, motivação / envolvimento social e aceitação de pares (respetivamente). Os indicadores de cada um destes domínios ocupam o nível base do modelo, existindo múltiplos indicadores por cada família de medida.

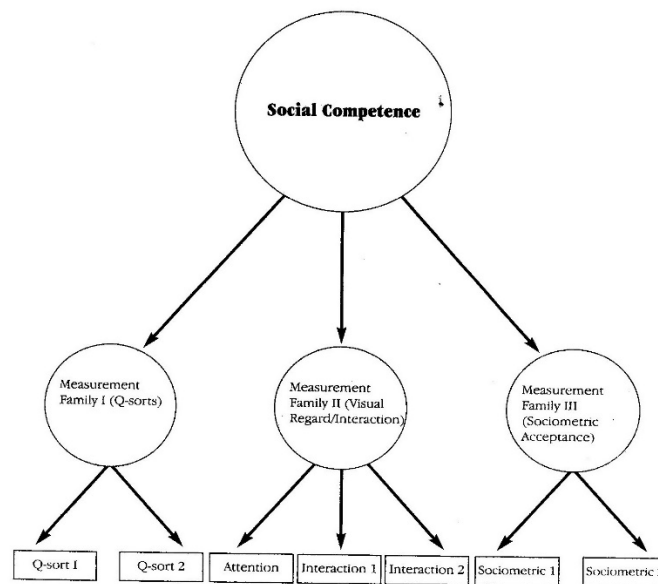


Figura 2. Modelo hierárquico da competência social.

Para Vaughn et al (2009) o domínio da motivação e envolvimento social é o indicador por excelência da competência social na medida em que providencia oportunidades para desenvolver e construir competências comportamentais e cognitivas necessárias para atingir objetivos dentro dos contextos sociais. Adicionalmente, oferece também a possibilidade de se descobrir os objetivos dos parceiros sociais. Providencia, ainda, informação essencial acerca do valor da criança aos seus parceiros de interação, nomeadamente acerca do seu valor enquanto par preferencial.

O domínio da aceitação de pares tem sido amplamente utilizado na história da competência social (ver Rose-Krasnor, 1997), sendo frequentemente operacionalizado em termos de escolhas sociométricas. Serve como indicador quer da aceitação da criança, quer do quanto ela é gostada pelos seus pares. Deste modo, reflete uma meta social de relevância, que diz respeito ao estabelecimento e manutenção de alianças e de relações positivas dentro de contextos sociais significativos, como é o do grupo de pares (Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014).

Por último, a integração do domínio dos perfis de atributos comportamentais e psicológicos relaciona-se com o facto de a competência social poder ser ainda caracterizada em termos do conteúdo das interações sociais e dos atributos das crianças relacionados com estes conteúdos de interação. A este nível recorre-se à metodologia Q-sort por ser uma ferramenta muito útil em termos de avaliações abrangentes e, ainda, por ter a vantagem de já ter sido muito utilizada para caracterizar uma criança idealmente competente. As descrições Q-sort permitem, assim, aceder e avaliar uma vasta diversidade de qualidades de interação e de atributos pessoais implicados (Vaughn et al., 2009; Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014).

No global, cada um destes três domínios capta aspetos importantes da descrição conceptual da competência social providenciada por Waters e Sroufe (1983). Avaliando simultaneamente os comportamentos; as relações individuais, diádicas e a nível do grupo; e tendo dados acerca da personalidade da criança, esta coleção de instrumentos constitui um modo poderoso de se obter uma descrição mais geral e completa da competência social das crianças em idade pré-escolar.

Neste modelo destaca-se, assim, o facto de serem considerados diversos conteúdos essenciais, bem como diversos tipos de instrumentos e níveis de análise. Deste modo, é possível obter-se uma descrição global da competência social, excluindo impedimentos situacionais, contextuais ou dependentes de determinadas habilidades sociais.

Vários estudos, quer de natureza longitudinal, quer de natureza transversal, têm vindo a analisar as propriedades deste modelo que aplica o quadro teórico de Waters e Sroufe (1983) para caracterizar e medir a competência social das crianças durante a infância. Estudos iniciais verificaram que todos os percursos dos coeficientes desde o fator de segunda ordem (i.e. competência social) aos de primeira ordem (i.e. as três famílias de medidas) apresentaram efeitos amplos, bem como os percursos dos coeficientes desde os fatores de primeira ordem em relação às variáveis por eles medidas. Os indicadores revelaram-se coerentes dentro de cada domínio, sendo explicados por uma única dimensão latente da competência social (Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009).

Desde então foram realizados estudos nacionais, com o propósito de testar o quanto a estrutura hierárquica da competência social, previamente explorada e corroborada nos estudos anteriores, seria uma descrição apropriada para os dados das crianças portuguesas em idade pré-escolar (Peceguina, Santos, Daniel, & Vaughn, 2009; Santos, Peceguina, Daniel, Shin, & Vaughn, 2012; Santos, Vaughn, Peceguina, & Daniel, 2014; Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014). As sete variáveis medidas foram idênticas às usadas anteriormente e, de um modo geral, os resultados foram consistentes com os estudos prévios, suportando a noção de que a competência social é melhor entendida como sendo um constructo latente de diferenças individuais.

De um modo semelhante ao de Bost et al. (1998) e Vaughn (2001), o maior efeito ocorreu no percurso do coeficiente de segunda ordem (competência social) para as medidas da família Q-sort de primeira ordem (e.g., Peceguina et al., 2009; Santos et al., 2012). Por outro lado, quando realizadas comparações entre amostras portuguesas e americanas (e.g., Santos et al., 2012), os dados obtidos sugerem que o constructo da competência social é igualmente bem avaliado com a bateria de medidas descritas por Vaughn et al. (2009). Estes dados vão ao encontro da noção de que a relevância das dimensões avaliadas é independente das diferenças ao nível cultural, desenvolvimental e dos parceiros ou contexto social (e.g., Peceguina et al., 2009; Santos et al., 2012). Esta assunção universal não requer contudo que as relações entre dimensões particulares e competências ou habilidades específicas, propostas no modelo hierárquico, tenham de ser exatamente as mesmas entre as culturas, períodos desenvolvimentais e contextos ou parceiros sociais. Em vez disso, o que esta proposta defende é que as três dimensões avaliadas - que dão informação acerca dos repertórios cognitivos, comportamentais e afetivos - deverão ser consideradas quando se avalia a competência social, na medida em que emergem como intrínsecas a todos os sistemas humanos (Peceguina et al., 2009; Santos et al.,

2012).

Dados de um estudo recente (Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014) indicam que o constructo da competência social apresenta estabilidade, em termos de avaliação e significado, ao longo de três anos consecutivos do pré-escolar (i.e., entre os 3 e os 5 anos de idade), replicando os previamente encontrados no estudo de Shin et al. (2011). A agregação latente dos múltiplos domínios, que serve como principal indicador da competência social, revelou maior estabilidade ao longo das idades (comparativamente à estabilidade verificada em cada um dos domínios). Este resultado é expetável, na medida em que vai ao encontro da noção de que nenhum domínio, por si só, capta a diversidade que o constructo da competência social implica (Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014). Adicionalmente, foi observado um aumento de competências das crianças ao longo do tempo, particularmente ao nível do domínio de atributos pessoais.

De um modo consensual, os diversos estudos indicam que o modelo hierárquico da competência social é um modelo adequado e bem ajustado. Os resultados encontrados foram, deste modo, transversais aos diferentes estudos, independentemente do contexto sociocultural em que foram realizados (Bost et al., 1998; Santos et al., 2012; Santos, Vaughn, Peceguina, & Daniel, 2014; Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009). Os diferentes estudos validam a existência de relações coordenadas entre os diferentes indicadores da competência social, reforçando a relevância destes indicadores na caracterização das diferenças individuais. Adicionalmente, a estrutura latente dos indicadores demonstrou ser estável ao longo de anos consecutivos do pré-escolar (e.g., Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014; Shin et al., 2011).

Em suma, a evidência empírica gerada até agora sugere que este modelo de avaliação da competência social das crianças enquanto estrutura hierárquica destaca-se por ser uma boa representação do fenómeno a um nível global. Com a mobilização do modelo hierárquico para avaliar a competência social espera-se que: 1) a estrutura do modelo seja semelhante entre idades e género; 2) alguma variabilidade ao nível da magnitude das associações entre a variável latente de segunda ordem da competência social e as variáveis de primeira ordem; 3) bem como, entre as variáveis de primeira ordem e respetivos indicadores (Peceguina, Santos, & Daniel, 2008; Peceguina, Santos, Daniel, & Vaughn, 2009). No global, as conclusões dos estudos previamente referenciados permitiram consolidar o facto de que, para além do nível teórico, a validação deste modelo representa uma ferramenta útil para se fazer uma medição apropriada da competência social das crianças.

2.3 - Vinculação e Competência Social

A teoria da vinculação providencia um conjunto de percursos conceptuais desde a relação pais-criança até à competência social, nomeadamente o facto de referir a existência de diferenças individuais na competência social das crianças relacionadas com o uso eficaz dos seus cuidadores privilegiados como uma base segura. A este nível, as predições mais diretas da teoria da vinculação lidam com a conexão entre a qualidade das relações de vinculação e a qualidade das relações próximas que a criança estabelece com os outros, nomeadamente as que estabelece no seu grupo de pares (Booth-LaForce et al., 1998).

A associação entre a segurança da vinculação e a competência social no grupo de pares assenta, do ponto de vista comportamental, no facto de os pais funcionarem como base segura a partir da qual as crianças podem explorar o seu ambiente social, fomentando o desenvolvimento de competências sociais por parte das crianças e promovendo a sua exposição aos modelos dos pares. Deste modo, uma criança seguramente vinculada é capaz de usar o seu cuidador como base segura para a exploração (Ainsworth et al., 1978), incluindo a exploração de relações com os pares (Booth-Laforce et al., 2006). Do ponto de vista cognitivo, a associação entre a segurança da vinculação e a competência social processa-se *via* modelos internos dinâmicos, na medida em que estes fornecem expectativas acerca de como a criança e os outros com quem se relaciona são prováveis de se comportar (Lieberman, Doyle, & Markiewicz, 1999). As competências emocionais e sociais são entendidas como sendo elementos destes modelos (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982). A este nível, a segurança da vinculação parece estar associada a um maior controlo do afeto negativo e a uma maior expressão de afeto positivo (Lieberman et al., 1999). Adicionalmente, as crianças seguras tendem a apresentar uma visão positiva de si mesmas, bem como expectativas dos outros como responsivos às suas necessidades. No seu conjunto, estes aspetos inerentes à segurança da vinculação poderão conduzir a comportamentos mais cooperativos e a um conhecimento efetivo acerca da natureza empática das relações, capacitando estas crianças a desencadear mais facilmente respostas positivas dos pares face às suas iniciações e tornando-as parceiros sociais mais atrativos (Lieberman et al., 1999).

A continuidade/estabilidade dos contributos da vinculação no decurso do desenvolvimento pode ser melhor entendida à luz do papel central dos modelos internos dinâmicos. Bowlby (e.g., 1973) argumentou que estes seriam os mecanismos que medeiam as

relações entre a segurança de vinculação em fases precoces do desenvolvimento e o posterior funcionamento adaptativo. Sugeriu também que a estrutura dos modelos complementares do *self* e das figuras de vinculação se baseia no facto de a criança prever o quão acessível e responsiva é a sua figura de vinculação (Bowlby, 1973). A estrutura dos modelos internos baseia-se, assim, na percepção de suporte disponível. Postula-se que é esta percepção que aparece mais diretamente associada à segurança de vinculação e que irá surgir como um preditor mais significativo de resultados positivos em termos de ajustamento e adequação em futuros e novos contextos relacionais, como o contexto dos pares (Booth-LaForce et al., 1998). Considera-se, deste modo, que a criança que recebe cuidados parentais sensíveis e responsivos da parte dos cuidadores privilegiados constrói um modelo interno destas figuras enquanto confiáveis e seguras, bem como um modelo do *self* enquanto alguém que é merecedor deste tipo de cuidados (Bowlby, 1973, 1969/1982). Postula-se que a organização de diferentes representações das relações de vinculação no modelo interno da criança se processa independentemente para cada figura de vinculação, em termos de qualidade e de influência no desenvolvimento da criança (Howes, 1999).

De um modo geral, uma relação de vinculação segura poderá promover a competência social no futuro pelo facto de existir uma história de disponibilidade e responsividade por parte do prestador de cuidados que deverá resultar no desenvolvimento de um conjunto de expectativas sociais positivas dos pares por parte da criança (Booth-LaForce et al., 1998; Elicker et al., 1992). O facto de fazer parte de uma relação com um cuidador empático e responsivo também permite à criança aprender acerca da reciprocidade e da natureza do relacionamento empático. A história de um cuidado responsivo irá igualmente gerar um sentido de autovalorização. Estes sentimentos de valor próprio e de competência que derivam da segurança interna às relações de vinculação poderão contribuir para que a criança se torne num parceiro social mais atrativo e mais competente (Elicker et al., 1992). Neste sentido, crianças com histórias seguras de vinculação tendem a formar expectativas positivas acerca das relações, a estar proximamente mais envolvidas com outros, a apresentar capacidades sociais e emocionais que promovem a competência social e têm oportunidades para aprender mais competências necessárias para vingar no mundo social (Bowlby, 1973, 1969/1982; Sroufe, 2005). Adicionalmente, estas crianças apresentam maiores probabilidades de sentirem confiança e segurança e de estarem mais bem preparadas quando introduzidas em novos contextos sociais (Rose-Krasnor et al., 1996). São também as mais prováveis de se envolverem numa exploração ativa do ambiente social (Booth-LaForce et al., 1998). A exploração do

ambiente social irá, por seu turno, conduzir e refletir-se na interação com os pares podendo resultar no desenvolvimento de competências sociais que serão evidentes nessas interações (Rubin, Hymel, Mills, & Rose-Krasnor, 1991). Presume-se que à medida que a criança interage e se relaciona com os seus pares irá consolidando competências anteriormente adquiridas e adquirindo outras novas que emergem deste novo quadro relacional, postulando-se que tal se traduza num aumento das suas competências sociais.

Sroufe e Waters (1977) sugeriram que uma relação de vinculação segura deveria ser considerada como sendo o melhor índice individual de competência para as crianças mais pequenas, tendo em conta que a segurança implica que a criança seja capaz de exercitar de um modo flexível o comportamento, afeto e a cognição ao serviço de atingir objetivos desenvolvimentais salientes. De um modo semelhante, os autores argumentaram que a eficácia em atingir-se objetivos pessoais salientes, dando suporte a bons resultados desenvolvimentais nos contextos sociais, era o melhor índice individual de competência durante o período pré-escolar. Neste sentido, a vinculação e a competência social no grupo de pares estão relacionadas conceptualmente tendo em conta que ambas indexam a eficácia pessoal e espera-se que estejam empiricamente relacionadas, em certo grau, uma vez que ambas as tarefas põem à prova as mesmas capacidades subjacentes da criança (i.e., utilizar recursos pessoais e ambientais disponíveis de modo a alcançar bons resultados desenvolvimentais) em diferentes períodos etários. Deste modo, espera-se que a vinculação segura, para além de preditiva, esteja associada ao desempenho de comportamentos socialmente competentes com os pares (e.g., Booth-LaForce, Rose-Krasnor, & Rubin, 1991).

2.3.1 - Evidência Empírica

A segurança da vinculação tem vindo a ser demonstrada como um preditor significativo da qualidade do ajustamento e interação com pares, quer em contexto de díades, quer nos contextos de grupo mais alargados. Deste modo, os teóricos da vinculação sugerem que a segurança da vinculação aos pais providencia suporte à qualidade da adaptação social no grupo de pares durante a infância e inúmeros estudos que apoiam esta conjectura têm vindo a ser publicados.

Um estudo levado a cabo por Sroufe (1983) demonstrou que a segurança da relação de vinculação estava associada a uma competência social mais elevada em crianças de idade pré-escolar, contrariamente à insegurança da relação de vinculação. No mesmo sentido, Booth-LaForce et al. (1991) verificaram a existência de uma associação significativa entre a segurança da vinculação e o envolvimento social com os pares aos quatro anos de idade. Posteriormente verificaram que a segurança de vinculação aos 4 anos de idade estava relacionada com a concorrente competência social, bem como com a competência social e adaptação sócio emocional aos 8 anos de idade (Booth-LaForce, Rose-Krasnor, MacKinnon, & Rubin, 1994). Os resultados de um estudo subsequente destes autores indicaram que a segurança de vinculação aos 4 anos de idade estava positivamente correlacionada com a perceção de suporte materno aos 8 anos de idade, sendo significativos no modo como sugerem um grau de continuidade no modelo interno operante do *self* na relação com os outros, desde o período pré-escolar até à segunda infância (Booth-LaForce et al., 1998). No seu conjunto, estes resultados sugerem um cenário desenvolvimental no qual os resultados sócio emocionais mais positivos podem ser encontrados entre as crianças que apresentam uma história de segurança nas relações de vinculação com cuidadores privilegiados.

Rose-Krasnor et al. (1996) levaram a cabo uma investigação com o propósito de avaliar a competência social das crianças relativamente a dois aspetos da relação mãe-criança: a segurança da vinculação e a diretividade materna. Neste estudo as perceções de suporte da mãe, aos 4 anos de idade, eram previstas pela segurança da vinculação precoce, sugerindo uma continuidade nos modelos internos dinâmicos do *self* na relação com a mãe por parte da criança. Verificaram ainda que a segurança da vinculação antecipava um compromisso social positivo, sugerindo que esta emerge mais correlacionada com a dimensão do compromisso social da competência. Estes resultados são consistentes com a noção de que uma criança que é segura na relação de vinculação que estabelece com figuras significativas apresenta confiança para explorar ambientes sociais não familiares e expectativas positivas relativamente à interação

com outros. Os autores chamaram também à atenção para a importância de examinar ligações entre os domínios da família e dos pares, quer a um nível de relação mais amplo, quer a um nível de comportamentos específicos.

Barglow, Contreras, Kavesh e Vaughn (1998) verificaram que a qualidade da vinculação predizia a competência social na situação de brincadeira livre no início da idade escolar. No mesmo ano, Bost et al. (1998) testaram um modelo que relacionava a competência social com o suporte social e com a vinculação pais-criança, numa amostra de crianças em idade pré-escolar de baixo rendimento e que integravam o programa *Head Start*. Os resultados deste estudo sugerem que parece existir um percurso direto e significativo desde a segurança da vinculação até á competência social. Constataram que a vinculação e a rede de suporte social predizem, única e independentemente, a competência social, o que sublinha o papel contínuo das relações precoces com os prestadores de cuidados no desenvolvimento e funcionamento interpessoal. Estes resultados sugerem ainda que as crianças que estão inseridas em redes de suporte relacional relativamente mais amplas são mais competentes nas suas transações com os pares. Desta forma, os autores entendem que a competência com os pares é o resultado das diferenças individuais nas relações pais-criança e da qualidade das redes sociais. Estes resultados apoiam, mais uma vez, a assunção de que as relações de vinculação contribuem para que a criança desenvolva as suas competências sociais com os seus pares.

Mais tarde, Bohlin et al. (2000), num estudo longitudinal também com o intuito de investigar o contributo da qualidade da vinculação face ao desenvolvimento social, obtiveram resultados que sugerem, igualmente, que a segurança da vinculação aparece associada a um bom funcionamento social na idade escolar. De um modo geral, os resultados deste estudo apresentam um quadro da segurança da vinculação como promotora de expectativas sociais positivas, capacitando a criança a ser ativa na tomada de iniciativa nas interações sociais. Esta evidência volta a reforçar as assunções da teoria da vinculação, ao evidenciar novamente o facto da segurança da vinculação emergir como um precursor da competência social.

A evidência empírica construída nas últimas três décadas de investigação, ilustrada nos estudos previamente referenciados, é consensual ao demonstrar associações positivas entre a segurança da vinculação na infância e diversos comportamentos no grupo de pares que refletem o bom funcionamento social durante o períodos pré-escolar. Esta evidência alarga-se ainda para a fase escolar e início da adolescência (Elicker et al., 1992). A maioria destes estudos utilizou medidas de padrões comportamentais para indexar a segurança da vinculação. No entanto, mesmo quando as representações mentais de vinculação foram avaliadas (e.g., Page &

Bretherton, 2001; Rydell, Bohlin, & Thorell, 2005), a associação entre a segurança da vinculação e o bom funcionamento social das crianças revelou-se igualmente positiva.

A evidência empírica que providencia suporte à ligação entre a segurança da vinculação e a competência social, embora abundante, não é extremamente forte. Numa meta-análise que abrangeu 63 estudos, Schneider, Atkinson e Tardiff (2001) encontraram um efeito de medida pequeno a moderado relacionando a segurança da vinculação na infância com subseqüentes resultados sociais. Este efeito era moderado (entre outras coisas) pela idade das crianças no momento das avaliações da adaptação social, sendo menor para crianças com menos de 8 anos do que para crianças com mais de 8 anos de idade, quando a adaptação social foi avaliada. A diferença entre efeitos de medida revelou ser estatisticamente significativa.

O trabalho desenvolvido no estudo do Minnesota foi talvez o mais forte no que se refere à predição de Bowlby de que indivíduos com histórias de vinculações seguras tendem a desenvolver capacidades sociais e emocionais que promovem a competência social (Sroufe, 2005). No âmbito das análises deste estudo, foram encontradas ligações significativas entre a segurança da vinculação e medidas globais de competência social, desde a primeira infância à fase adulta. As crianças que apresentavam histórias de relações de vinculação seguras exibiam uma competência social global mais elevada do que as com histórias de insegurança. Adicionalmente, estas crianças apresentaram vantagens no que se refere a aspetos específicos da competência social. Quer no pré-escolar, quer na idade escolar, eram participantes mais ativas no seu grupo de pares e menos frequentemente isoladas. No pré-escolar, receberam valores mais elevados nas avaliações e nas medidas de observação direta referentes à empatia e observou-se que apresentavam relações mútuas, mais profundas, em extensas séries de observações de brincadeira a pares (Sroufe, 2005).

Resultados de estudos mais recentes, voltam a dar conta da associação entre a qualidade de vinculação e a competência social, demonstrando que crianças mais seguras nas relações de vinculação com a mãe, quer em termos da organização dos seus comportamentos de base segura (Veríssimo, Fernandes, Santos, Peceguina, Vaughn, & Bost, 2011), quer em termos das suas representações cognitivas das relações de vinculação (Veríssimo, Santos, Fernandes, Shin, & Vaughn, 2014), tendem a apresentar vantagem no que se refere à competência social no seu grupo de pares.

De um modo geral, crianças com vinculações seguras, independentemente das avaliações terem sido longitudinais ou concorrentemente com as avaliações do grupo de pares,

tendem a estar em vantagem comparativamente a crianças que apresentam vinculações inseguras no que diz respeito à qualidade das suas interações com os pares e às relações que estabelecem durante a primeira infância (e.g., Barglow et al., 1998; LaFreniere & Sroufe, 1985; Sroufe, 1983; Szewczyk-Sokolowski, Bost, & Wainright, 2005; Waters, Wippman, & Sroufe, 1979), bem como no que se refere à competência social em geral (Arend, Gove, & Sroufe, 1979; Bost et al., 1998; Lieberman, 1977; Rose-Krasnor et al., 1996; Veríssimo et al., 2011; Verschueren & Marcoen, 1999).

Na maioria destes estudos predomina o foco exclusivo na mãe, encontrando-se o papel do pai deveras negligenciado na investigação desenvolvimental, em particular no que se refere ao seu contributo para o desenvolvimento social das crianças.

2.3.2 - O Papel do Pai no Desenvolvimento Social das Crianças

O século vinte destaca-se pelo conjunto de mudanças sociais protagonizadas pela crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho e pelo aumento do envolvimento dos pais nas famílias intactas. Destaca-se também no que se refere ao número de divórcios e, conseqüente, ao número de pais não residenciais. Inerentes a estas mudanças encontram-se fortes implicações ao nível do contexto cultural em que as crianças se desenvolvem e da modificação das estruturas familiares, bem como do que se entende e espera do papel do pai. Desde então, tem-se vindo a assistir a um conjunto de definições dos papéis dos pais e ao seu envolvimento, cada vez mais acentuado, em atividades tipicamente vistas como exclusivas das mães (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

A par do impacto destas mudanças sociais, surgiu uma crescente necessidade em se compreender o papel do pai e o seu impacto na vida dos filhos (Cabrera et al., 2000), algo que até então não tinha sido alvo de consideração científica comparativamente ao papel da mãe. Estas mudanças vieram assim despertar o interesse dos investigadores no estudo acerca dos contributos do pai para o desenvolvimento das crianças (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). De facto, os pais, tal como as mães, tendem a desempenhar múltiplos papéis cujo sucesso irá refletir-se no modo como influenciam o desenvolvimento e ajustamento das crianças. Contudo, embora vitais, têm vindo a ser frequentemente ignorados enquanto membros da família que desempenham um papel único e qualitativamente distinto do papel da mãe, nomeadamente no que se refere ao desenvolvimento das competências sociais das crianças (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Assume-se que os pais têm uma influência significativa na socialização das crianças, na medida em que estimulam a sua exposição ao mundo exterior (Paquette, 2004). Os pais parecem apresentar um modo único de interagirem com os filhos. Esta dinâmica interativa tem vindo a ser bastante referenciada no âmbito da interação lúdica pai-criança, em particular das brincadeiras livres, brincadeira de maior proximidade ou contacto físico que a caracterizam. Pensa-se que, através destas brincadeiras, os pais surpreendem, excitam e destabilizam momentaneamente as crianças e encorajam-nas a arriscar enquanto, simultaneamente, as protegem dos perigos. Estas brincadeiras de elevados níveis de excitação poderão capacitar as crianças a afirmarem as suas crenças e a enfrentarem com coragem situações não familiares ou estranhas (Tamis-LeMonda, 2004). Este tipo de brincadeira interativa, que é desafiante sem deixar de ser sensível, poderá ser um aspeto central na promoção do desenvolvimento de relações de vinculação seguras pai-criança (Grossman et al., 2002).

Alguns estudos têm vindo a contribuir para o conhecimento das influências do pai no desenvolvimento social das crianças. Eisenberg, Fabes e Murphy (1996) verificaram que as práticas parentais relacionadas com emoções estavam associadas ao funcionamento social e, particularmente, aos comportamentos pró-sociais das crianças. Contudo, estes resultados foram mais fracos no caso do pai, tendo-se verificado que estes intervinham predominantemente quando, e se, existissem maiores dificuldades no domínio da competência social por parte das filhas. No estudo de Cabrera et al. (2000) o investimento emocional do pai e a provisão de recursos estavam associados à competência social das crianças. Lewis e Lamb (2003) constataram que os pais tinham tendência para interagir de um modo distinto das mães e que desempenhavam papéis específicos e importantes enquanto parceiros de brincadeira. Neste estudo, os estilos parentais emergiram como preditores do posterior desenvolvimento sócio emocional das crianças e o envolvimento do pai evidenciou-se como um melhor preditor do ajustamento futuro comparativamente ao envolvimento da mãe.

Parke et al. (2004) constataram que a influência do pai nas relações que as crianças estabeleciam com os pares ocorria: através da qualidade das suas relações com as crianças, do seu aconselhamento e supervisão diretos e pela facilitação ou limitação das oportunidades que lhes providenciam para contactarem com os pares. Os autores verificaram que as competências de regulação das crianças, bem como as suas representações acerca das relações sociais mediavam associações entre as práticas dos pais e as relações que as crianças estabeleciam com os pares.

As associações entre o afeto e o controle por parte do pai e a competência social das crianças (em particular, ao nível comportamental), mediadas pelo uso de regras por parte das crianças, foram demonstradas no estudo de McDowell e Parke (2005). Mitchell e Cabrera (2009) verificaram que um maior e mais frequente envolvimento reportado pelo pai em atividades didáticas estava associado à exibição de competências sociais por parte das crianças. McDowell e Parke (2009), por sua vez, encontraram resultados que indicam que as interações pai-criança, bem como aconselhamento e provisão de oportunidades por parte do pai, prediziam a competência social das crianças.

Os resultados do estudo de Lindsey, Cremeens e Caldera (2010) revelaram que as díades pai-criança exibiam níveis mais elevados de partilha de emoções positivas, especialmente durante a brincadeira, e a existência de uma associação entre a mutualidade / reciprocidade pai-criança e a competência social das crianças. Feldman e Masalha (2010) encontraram resultados que voltam a enfatizar os contributos do pai para a socialização das crianças ao demonstrarem que o envolvimento social com o pai durante a infância emerge como um preditor único da competência social das crianças, particularmente ao nível da cooperação com adultos e pares, do potencial para serem líderes sociais e de se envolverem em atividades de cariz social.

Os resultados de um estudo levado a cabo por Attili, Vermigli e Roazzi (2010) revelaram a existência de poucas associações entre as interações dos pais e a competência social das crianças. Estes resultados contraditórios, nomeadamente aos encontrados pelos estudos previamente descritos, voltaram a ser contrariados pelos resultados do estudo de Hakoama e Ready (2011) onde a proximidade inerente às relações pai-criança predizia melhores resultados desenvolvimentais. No mesmo ano, Chae e Lee (2011) verificaram que o comportamento parental era preditor da competência social das crianças.

De um modo geral, os resultados que demonstram que os comportamentos dos pais, tal como os das mães, predizem a competência social reforçam a necessidade de se continuar a examinar as influências do pai e da mãe enquanto contextos independentes onde decorre o crescimento social das crianças (Feldman & Masalha, 2010). No entanto, a investigação acerca do papel e contributos do pai encontra-se ainda numa fase preliminar, comparativamente ao corpo de investigação acerca das influências da mãe. Deste modo, assume-se como pertinente e necessário continuar a investigar a influência de ambas as figuras parentais no desenvolvimento das crianças (Chae & Lee, 2011), nomeadamente ao nível dos contributos das relações de vinculação para a competência social das crianças.

Entre os estudos que analisaram especificamente o papel da qualidade de vinculação na competência social das crianças, são escassos os que incluíram o pai, para além da mãe. No entanto, os que o fizeram apresentam, na sua maioria, resultados reveladores de associações positivas e significativas (e.g., Cabrera, Shannon e Tamis-LeMonda, 2007).

Main e Weston (1981) foram os primeiros a demonstrar as influências independentes da segurança de vinculação a cada um dos pais na qualidade das relações que as crianças estabelecem com os seus pares. Os resultados do seu estudo revelaram que as crianças com vinculações seguras a ambos os pais eram as que apresentavam valores mais elevados de sociabilidade. De forma semelhante, o estudo de Verschueren e Marcoen (1999) revelou, posteriormente, que as crianças que apresentavam vinculações seguras a ambos os pais exibiam mais comportamentos pró-sociais, eram mais populares e mais aceites pelos seus pares, sendo, também, as que apresentavam menos problemas de comportamento, melhores índices de adaptação à escola e autoestima mais elevada, comparativamente às crianças com vinculações inseguras.

Lieberman et al. (1999) examinaram as associações diferenciais entre a vinculação ao pai e a vinculação à mãe e as relações de pares das crianças, tendo verificado que a qualidade das amizades e o reduzido conflito com o melhor amigo, reportados pelas crianças, estavam relacionadas com a vinculação ao pai e à mãe. Vinculações mais seguras estavam, assim, associadas a um reduzido conflito nas relações de amizade, sugerindo que as crianças que são mais seguras nas suas relações com ambos os pais podem estar em melhores condições para aprenderem competências de resolução de conflitos e podem ser melhores a controlar afeto positivo e a expressar afeto negativo. A disponibilidade do pai estava particularmente associada ao reduzido conflito na amizade. Talvez estes pais passem mais tempo em interação lúdica com as crianças, contribuindo para a aprendizagem da regulação emocional. Estes resultados sugerem que a qualidade da vinculação pais-criança é posteriormente generalizada para a qualidade das relações de pares de maior proximidade (Lieberman et al., 1999).

Numa investigação com o propósito de examinar as relações entre a vinculação concorrente a cada um dos pais e alguns aspetos das relações sociais, Coleman (2003) verificou que as crianças com relações de vinculações seguras com as mães reportavam uma maior qualidade nas relações com os pares. Por sua vez, crianças com vinculações seguras aos pais reportavam níveis mais elevados de autoeficácia. Estes resultados sugerem que os percursos de ligação entre vinculação à mãe e vinculação ao pai com as relações de pares de maior proximidade podem ser distintos. Neste sentido, o autor sugere ser possível que nas relações de

vinculação com as mães as crianças adquiriram percepções e competências específicas (eventualmente mais relacionadas com aspetos de sensibilidade, preocupação, conforto, compreensão de estados emocionais e expressões afetivas, etc.) que são direcionadas para diferentes tipos de relação. Por outro lado, as crianças poderão, eventualmente, transportar das relações com os pais para a esfera das interações com os pares sentimentos de valorização e competência enquanto seres sociais (em vez de competências concretas). Contudo, a ideia de possíveis diferenças qualitativas nas contribuições da vinculação à mãe e da vinculação ao pai para o funcionamento social das crianças encontra-se ainda num nível muito especulativo (Coleman, 2003).

Booth-Laforce et al. (2006) verificaram que as percepções de segurança de vinculação ao pai e à mãe estavam significativamente relacionadas com a apreciação de outros acerca da competência social das crianças, o que é consistente com a teoria da vinculação. Em particular, constataram que a percepção de segurança ao pai estava relacionada com níveis inferiores de agressividade. Estes resultados voltam a evidenciar eventuais especificidades interativas, predominantemente referenciadas na literatura, nomeadamente de que os pais tendem a interagir com as crianças de uma forma mais lúdica, o que pode ser especialmente promotor da aquisição de competências de regulação evidentes nas interações com pares. Posteriormente, Cabrera et al. (2007) realizaram um estudo cujos resultados referem a relevância do suporte providenciado pelo pai para os comportamentos sociais das crianças e a segurança ao pai enquanto preditor, independente da segurança à mãe, dos resultados sócio emocionais das crianças.

De um modo geral, os poucos estudos que incluíram medidas de vinculação a ambos os pais obtiveram resultados que reconhecem a importância de ambas as relações para um funcionamento social mais efetivo. Contudo, estes estudos utilizaram sobretudo medidas indiretas, isto é, com base nas percepções ou perspetivas de crianças em idade escolar ou de adolescentes (e.g., Coleman, 2003; Lieberman et al., 1999). Por outro lado, os resultados destes estudos foram por vezes contraditórios no que diz respeito à relação de vinculação com maior valor preditivo da qualidade das relações com pares. Assim, enquanto uns referem a relação de vinculação à mãe (e.g., Coleman, 2003), outros destacam a relação de vinculação ao pai (e.g., Lieberman, et al., 1999; Booth-Laforce et al., 2006) como sendo a mais saliente em termos de influências a este nível. Apesar de tudo, estudos que procederam a uma análise independente das implicações de ambas as relações de vinculação para o funcionamento social mais efetivo no grupo de pares vão ao encontro da expectativa de que os pais desempenham um papel

importante no desenvolvimento das crianças, que não é redundante face às influências da mãe. Neste sentido, voltam a apontar para a pertinência de se incluir o pai, para além da mãe, nos estudos que procurem contribuir para o conhecimento dos contributos das primeiras relações afetivas para a posterior competência social no grupo de pares. A consideração de ambas as relações de vinculação separadamente torna-se pertinente, na medida em que pode ajudar a revelar especificidades no modo como os cuidadores podem influenciar o sucesso social no grupo de pares (Attili, Vermigli, & Antonio Roazzi, 2010).

2.4 - Objetivos

A evidência empírica que sustenta a ligação entre vinculação e desenvolvimento social, ilustrada nos resultados dos estudos previamente referenciados, é consensual no que diz respeito à existência de contributos significativos da qualidade da vinculação pais-criança para o desenvolvimento de uma competência social mais efetiva por parte da criança no seu grupo de pares. Contudo, na maioria dos estudos, estas associações, entre a segurança de vinculação em fases precoces e os posteriores resultados desenvolvimentais das crianças, mostram-se frequentemente modestas. Por um lado, é possível constatar-se que a magnitude destas associações encontra-se dependente das idades da criança no momento da avaliação da vinculação e/ou a posterior adaptação social. Por outro lado, estas associações foram frequentemente moderadas ou mediadas por variáveis intervenientes (e.g., McElwain, Booth-LaForce, Lansford, & Dyer, 2008; Turner, 1991). Adicionalmente, são várias as razões que podem estar na origem dos modestos efeitos da segurança da vinculação nos aspetos do funcionamento da criança no grupo de pares. Nomeadamente, a utilização de diferentes medidas de vinculação pode ser uma razão possível, tendo em conta que estas poderão assumir diferentes padrões de correlação com os resultados de adaptação social durante a primeira infância. A maioria dos estudos analisou padrões de respostas comportamentais (e.g., *Strange Situation classifications*, *Attachment Q-sort scores*) em vez de representações mentais (e.g., *Attachment Story Completion Task*) para indexar a segurança da vinculação. A este nível, há que ter em consideração que a correspondência entre a organização dos comportamentos de vinculação e as propriedades dos modelos internos dinâmicos, embora significativa, não é isomórfica durante a primeira infância (e.g., Wong et al., 2011).

A natureza modesta das associações encontradas pode ainda dever-se ao facto de a qualidade das relações de pares e/ou resultados de competência social terem sido, na sua maioria, medidos indiretamente (i.e., através de itens de questionários classificados por pais ou professores) em vez de serem medidos através de observações diretas e/ou entrevistas às crianças. As associações mais fortes foram, precisamente, observadas em estudos onde as medidas de competência incluíam uma variedade de procedimentos, variando entre observações diretas, sociometrias de pares, avaliações de professores e entrevistas às próprias crianças (e.g., Sroufe, 2005).

Tal como referimos previamente, a avaliação da competência social requer a mobilização de medidas múltiplas e repetidas, bem como de protocolos de avaliação amplos e abrangentes (e.g. Bost et al., 1998; Rose-Krasnor, 1997; Waters & Sroufe, 1983). Este requisito de inclusão de medidas amplas e abrangentes torna-se ainda mais evidente se tivermos presente as considerações de Waters e Sroufe (1983). Os autores referiram que a vinculação e a competência social são, por si só, constructos muito abrangentes em termos dos domínios do afeto, comportamento e cognição que são integrados a serviço de ser “eficaz”. Consequentemente, ambos requerem medidas amplas e abrangentes de forma a garantir uma avaliação adequada das diferenças individuais. Sendo assim, nenhum traço ou comportamento isolados podem captar adequadamente o que significa para a criança ter uma vinculação segura com os seus cuidadores privilegiados ou ser socialmente competente com os pares. Assim, quando o comportamento social ou estatuto relacional subsequentes à construção e manutenção da vinculação são avaliados com recurso a competências/comportamentos específicos em domínios específicos (e.g., comportamento disruptivo, autoestima, aceitação percebida, números de amizades recíprocas), é esperado que as relações com a segurança da vinculação sejam modestas a moderadas. Associações mais substanciais só poderão ser encontradas quando medidas abrangentes (i.e., indicadores que capturam, simultaneamente, as várias facetas do sucesso social) forem usadas para avaliar a adaptação social das crianças.

Na presente investigação, estas considerações foram tidas em conta, tendo sido mobilizadas medidas abrangentes de ambos os constructos. Assim, no que se refere à qualidade da vinculação utilizámos medidas comportamentais, bem como medidas representacionais da segurança da vinculação para dar conta da natureza das associações entre os contributos da vinculação pais-criança para a competência social das crianças pré-escolares. No que diz respeito à competência social, recorreremos ao modelo hierárquico, na medida em que este, ao incluir medidas Q-sort, medidas de observação direta e entrevistas sociométricas (fornecendo dados acerca da personalidade da criança e permitindo avaliar os comportamentos, as relações individuais/diádicas e a nível do grupo), providencia uma descrição mais completa e abrangente da competência social das crianças em idade pré-escolar.

No presente trabalho, os contributos das primeiras relações afetivas para o desenvolvimento social das crianças foram analisados de acordo com a qualidade das relações de vinculação pais-criança e a posterior competência social no pré-escolar. Estudos prévios focaram-se preferencialmente nos efeitos dos estilos e práticas parentais no desenvolvimento social das crianças, no entanto consideramos que as relações de vinculação destacam-se quanto

à sua relevância face ao entendimento dos principais precursores da competência social. Adicionalmente, ao contrário da maioria dos estudos que integram definições pouco abrangentes a este nível (e.g. comportamentos pró-sociais, agressivos e isolados; sucesso social no meio escolar), esta investigação utiliza uma definição abrangente da competência social, enquadrada numa abordagem desenvolvimental.

Sabendo-se que as relações de vinculação estabelecidas com a mãe e com o pai são independentemente co-construídas com a criança, assume-se como mais-valia a inclusão, sempre que possível, de ambas as figuras de vinculação na medida em que devem ser encaradas com variáveis independentes e igualmente cruciais para se compreender o desenvolvimento das crianças, podendo apresentar especificidades quanto aos seus contributos. No entanto, a investigação acerca dos contributos da vinculação para a competência social das crianças tem-se vindo a focar quase que exclusivamente na influência da mãe, negligenciando a influência do pai (Feldman & Masalha, 2010). Assim, apesar de se assumir que o pai também exerce influência no desenvolvimento das crianças, a evidência empírica que suporta esta assunção pode ser difícil de localizar e sumarizar (Lewis & Lamb, 2003). Um maior conhecimento a este nível assume-se como fundamental para uma compreensão mais abrangente quer do papel de cada uma das relações de vinculação no desenvolvimento e adaptação social das crianças, quer da (intrinsecamente relacionada) génese da competência social.

Embora se postule que quer a vinculação ao pai, quer a vinculação à mãe contribuem para o desenvolvimento social das crianças, coloca-se o desafio de se examinar se as influências do pai e da mãe no desenvolvimento da competência social se processam por percursos de socialização idênticos ou distintos (McDowell & Parke, 2009). É possível que os domínios da interação que conduzem à formação e manutenção da vinculação possam diferir qualitativamente entre mães e pais, refletindo diferenças que podem ser especialmente relevantes para o papel de ambos os pais na socialização das crianças (Veríssimo et al., 2011). Apesar de se esperar que mãe e pai detenham um peso semelhante em termos de influência no desenvolvimento da competência social das crianças (e.g., Attili et al., 2010), muito pouco se sabe a este nível, fundamentalmente acerca dos contributos específicos contingentes à natureza independente de cada uma destas relações. Neste sentido, esta investigação contemplará a inclusão do pai, para além da tradicional inclusão da mãe, no seu objetivo principal de analisar a associação entre a segurança da vinculação e a competência social.

Finalmente, na maioria dos estudos é muito comum verificar-se que os investigadores evocam o postulado de Bowlby (e.g., 1973) de que os modelos internos dinâmicos são os

mecanismos que medeiam as relações entre a segurança da vinculação precoce e o posterior funcionamento adaptativo. Deste modo, os investigadores reportam-se a esta assunção para justificarem, do ponto de vista teórico, a natureza da ligação entre vinculação e competência social, em particular no que se refere ao facto de a continuidade destes contributos ser melhor entendida à luz pelo papel mediador das representações de vinculação. No entanto, não encontramos nenhum estudo em que esta assunção tenha sido testada ou explorada, pelo que nos propomos a fazê-lo.

De um modo geral, o presente trabalho procurou, sobretudo, complementar os estudos que têm vindo a ser realizados nesta área, levando em consideração as lacunas previamente apontadas no estabelecimento dos seus objetivos e na natureza dos estudos realizados. O objetivo geral é, assim, contribuir para o estado atual do conhecimento acerca das implicações das relações de vinculação pais-criança para o desenvolvimento da competência social em idade pré-escolar. A este nível, os objetivos específicos passam por analisar:

- Os contributos das relações precoces de vinculação mãe-criança e pai-criança, para a posterior competência social;
- Os contributos das representações de vinculação para a posterior competência social no grupo do pré-escolar;
- O papel que as representações de vinculação desempenham na ligação entre a vinculação precoce e posterior competência social.

Esta investigação será, de seguida, dividida em três secções (apresentadas nos três capítulos seguintes) onde apresentaremos o método e os resultados dos 3 estudos realizados para ir de encontro aos objetivos previamente traçados.

Na primeira secção, apresentaremos um estudo onde analisaremos a relação entre a segurança da vinculação precoce- indexada pela qualidade da organização dos comportamentos de base segura da criança em torno de cada um dos seus cuidadores (mãe/pai) - e a posterior competência social das crianças no grupo pré-escolar. Adicionalmente, exploraremos eventuais contributos partilhados e especificidades entre cada uma das relações de vinculação mãe-criança e pai-crianças e os domínios específicos da competência social.

Na secção seguinte apresentaremos um estudo onde analisaremos a relação entre a qualidade das representações de vinculação e a competência social, bem como de cada uma das suas dimensões, em idade pré-escolar.

Por último, na terceira secção, apresentaremos um estudo que teve como objetivo testar a hipótese derivada da teoria da vinculação de que os modelos internos dinâmicos são os mecanismos subjacentes às relações entre a segurança de vinculação precoce e o posterior funcionamento social. Neste estudo exploraremos o eventual papel mediador que as representações de vinculação desempenham na relação entre a qualidade da vinculação precoce e a competência social em idade pré-escolar.

Capítulo 3

Estudo 1

Qualidade da Vinculação Precoce à Mãe e ao Pai e a Posterior Competência Social das Crianças em Idade Pré-escolar

3.1 - Método

3.1.1 - Participantes

Participaram neste estudo 39 díades mãe/criança e pai/criança. No momento em que as observações AQS foram concluídas, as crianças tinham idades compreendidas entre os 27 e 53 meses ($M = 36,51$; $DP = 7,05$), sendo 14 raparigas e 25 rapazes. Destas crianças, 66,7% tem irmãos. Passam entre 6 a 10 horas na escola ($M=8.15$; $DP=1.10$). A idade das mães variava entre 27 - 49 anos ($M = 36,34$; $DP = 4,39$) e a dos pais entre 32 - 61 anos ($M = 37,57$; $DP = 5,02$). As habilitações literárias da mãe variavam entre 9 - 23 anos ($M=15.77$; $SD=2.83$) e as dos pais entre 9-18 anos ($M=15.74$; $SD=2.43$). 97, 1% das mães e todos os pais estavam empregados. As famílias pertencem a um nível socioeconómico médio/médio alto, tendo sido recrutadas através das escolas que as crianças frequentam e que se encontram filiadas com o projeto de investigação mais amplo.

3.1.2 - Instrumentos

Attachment behaviour Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995). A qualidade da vinculação foi avaliada com recurso ao AQS. Este instrumento avalia a organização do comportamento de base segura na presença de cuidadores primários ou secundários, em contextos ecologicamente válidos (Vaughn & Waters, 1990). O comportamento de base segura da criança é caracterizado em termos da sua organização nestes contextos (Posada et al., 1995). Este é um instrumento de classificação de observação sistemática, baseada na metodologia do Q-Sort (Waters, Noyes, Vaughn & Ricks, 1985), que permite estudar a qualidade da relação de vinculação da criança à mãe/pai obtendo-se, assim, uma descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das mudanças e continuidades individuais no mesmo (Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, Bost, 2008; Veríssimo, Blicharski, Strayer, & Santos, 1995). Permite, ainda, identificar grupos homogéneos de crianças que parecem semelhantes em múltiplas facetas do comportamento social precoce e fazer uma comparação dos seus comportamentos com dois valores de critério: *Segurança e Dependência*.

O AQS oferece a possibilidade de se adaptarem diversos tratamentos estatísticos, como análises multivariadas em termos de escalas ou factores, análises hierárquicas de *clusters* ou covariação entre os itens (Veríssimo et al., 1995).

O AQS é particularmente útil quando múltiplas avaliações são planeadas, uma vez que a maioria das crianças não se torna sensível aos observadores durante as observações em casa (van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg, & Riksen-Walraven, 2004; Waters & Deane, 1985).

Escalas AQS. Posada e Waters (1995) identificaram subconjuntos de itens do AQS válidos enquanto indicadores do comportamento de base segura e da sociabilidade. Organizaram estes itens em 4 subescalas que se referem a domínios específicos do comportamento da criança: Interação Suave com a Mãe/Pai; Contacto Físico com a Mãe/Pai; Proximidade com a Mãe/Pai e Interação com outros Adultos (Veríssimo et al., 2006). Os *alphas de Cronbach* das escalas foram: .85; .77; .74; .87 para a mãe e .86; .84; .75; .91 para o pai, respetivamente. Estes valores demonstram os níveis elevados de fiabilidade destas escalas para ambas as figuras parentais, sendo comparáveis aos valores obtidos por Posada e Waters (1995).

Procedimentos AQS. Previamente à realização das observações formais, os observadores foram treinados durante um período de várias semanas. Como parte do seu treino, cada observador discutiu os itens e completou o Q-Sort de uma criança ideal. Após o treino, obtiveram-se acordos inter-observadores (Q-correlation) entre .69 e .92.

As díades mãe-criança e pai-criança foram observadas por equipas independentes de dois observadores, durante visitas separadas com uma duração de cerca de 2 horas cada. Durante as visitas às mães era pedido aos pais que se ausentassem, e vice-versa. As visitas a casa foram contra-balanceadas, ou seja, para aproximadamente metade das famílias os pais foram observados em primeiro lugar. O intervalo médio entre visitas foi de um mês. A maioria das visitas aconteceu em dias da semana, depois de os pais irem buscar as crianças à escola. Foi dito aos pais que o propósito da visita era entender melhor a criança e a mãe/pai nas suas experiências e rotinas diárias, razão pela qual lhes era pedido que mantivessem o máximo possível as suas atividades diárias inalteradas, apesar da presença dos observadores. Mais nenhuma restrição foi requerida durante as observações diádicas.

Os observadores comportaram-se como se de visitas sociais se tratassem, não intervindo nas rotinas familiares, embora participando em brincadeiras quando solicitados pela criança. Os observadores falaram de modo informal com a figura parental em questão, esforçando-se

para não interferirem nas interações pais-criança. Quando se revelava oportuno, e sempre na sequência da conversação com a mãe/pai, colocavam questões relativas aos itens dos AQS que não podiam ser observados (e.g., o item 10 refere-se ao comportamento da criança quando vai para a cama) e acerca de itens que pudessem não ter conseguido observar durante a visita (e.g., o item 45 refere-se ao gosto da criança em cantar e dançar).

No final do período de observação, os observadores que visitaram a casa das famílias distribuíram independentemente os itens AQS. Os acordos durante a atual recolha de dados foi de .75 para as mães e .78 para os pais. Os observadores completaram a distribuição dos 90 itens do AQS em 9 categorias usando uma distribuição retangular (i.e., 10 itens em cada uma das 9 categorias) indicando o quanto característica ou incharacteristicamente cada item descrevia a criança observada. A colocação de um item na distribuição é determinada pela sua saliência ou relevância como observado (ou reportado pelo cuidador), em vez da sua frequência ou visibilidade *per se*. Os itens mais característicos da criança foram colocados nas categorias mais elevadas (9 – 7) e os menos característicos, ou incharacterísticos da criança, nas categorias mais baixas (1 – 3). Os itens que não eram nem característicos nem incharacterísticos, ou aqueles que não tinham sido observados na janela temporal do período de observação, foram colocados no centro da distribuição (categories 4 – 6).

No que se refere à cotação, a distribuição Q da criança observada é comparada com um “sort critério” descrito por Waters (1995). Este *sort* critério foi construído pedindo-se aos especialistas da vinculação que descrevem-se hipoteticamente a criança pré-escolar mais segura usando os itens AQS. O critério final é o resultado da média dos valores dos itens dos diferentes especialistas. Os casos individuais observados são avaliados em relação a este critério, correlacionando-se o vetor dos valores dos itens derivado do sort de uma criança observada com o vetor dos valores dos itens critério. Ou seja, o Q-sort final de uma criança resulta de um compósito (média) das duas descrições Q providenciadas por cada observador, sendo o seu valor de segurança obtido correlacionando-se este compósito com o *sort* critério dos especialistas. Este valor de segurança indexa, deste modo, a semelhança entre a criança observada e a criança hipoteticamente idealizada no extremo da segurança e variará entre -1.0 e 1.0. Na prática são raros valores menores que -.25 e acima de .80.

A validade deste instrumento foi confirmada na meta-análise de van IJzendoorn et al. (2004). No mesmo sentido, estudos prévios com amostras portuguesas demonstraram a utilidade e validade do AQS na cultura portuguesa (Posada et al., 2013).

Modelo hierárquico da competência social (Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009). A avaliação da competência social foi concebida em consonância com o que é sugerido pelo modelo hierárquico. Neste sentido, a competência social foi avaliada com recurso à utilização de três famílias de medida, nomeadamente, (1) descrições Q-sort, (2) medidas de observação e (3) entrevistas sociométricas. Estas famílias de medida providenciam informações acerca de três dimensões ou domínios da competência social, respetivamente: perfis de atributos comportamentais e psicológicos, motivação / envolvimento social e aceitação de pares.

As equipas de observadores que recolheram os dados de observação (i.e., da interação e atenção visual) trabalharam independentemente da equipa de observadores Q-sort.

Descrições Q-sort. As descrições Q-sort (i.e., indicadores da dimensão perfis de atributos comportamentais e psicológicos) de cada criança foram utilizadas para derivar os valores critério de competência social de acordo com o critério e procedimentos publicados por Waters, Noyes, Vaughn e Ricks (1985).

Antes das recolhas de dados os observadores foram treinados ao nível do racional dos itens e dos procedimentos da distribuição. O acordo entre observadores, para ambas as categorias de observação foi estimado com base numa correlação intra-classe (ICC) das taxas de codificação entre os observadores. A mediana dos ICC estimadas para cada par de observadores de cada sala, no que diz respeito aos valores critério da competência social, foi de .94 para o CCQ e de .95 para o PQ.

Os observadores Q-sort trabalharam em equipas de dois, com cada um a passar um mínimo de 20 horas observando a criança de um determinado grupo ou sala numa variedade de contextos (e.g., refeições, grupos pequenos, brincadeira livre dentro da sala, brincadeira no exterior, atividades de transição tais com ficar em fila e buscar brinquedos ou outros materiais depois da brincadeira). Terminadas as observações, cada observador descreveu cada criança da sala com dois q-sorts: o California Child Q-sort (CCQ; Block & Block, 1980) e o Preschool Q-sort (PQ; adaptação de Bronson de um Q-sort originalmente utilizado por Baumrind, 1967). Esta descrição obedeceu a uma distribuição retangular predeterminada dos itens em 9 categorias (11 itens por categoria, à exceção da categoria intermédia que recebe 12 itens, no CCQ e oito itens por categoria no PQ). Estas categorias variam do extremamente incaracterístico ao extremamente característico, onde 1 representa comportamentos/ atributos de personalidade

menos característicos ou atípicos da crianças e 9 representa os comportamentos/ atributos de personalidade mais característicos ou típicos da criança.

O Q-sort de uma criança foi correlacionado com o perfil-Q de uma criança hipotética no extremo da competência social, gerado pela agregação das descrições providenciadas por especialistas do desenvolvimento social (Waters et al., 1985). A correlação entre um Q-sort de uma determinada criança e o *sort* critério para o constructo torna-se no seu valor q-sort para esse constructo. Estes valores foram estandardizados dentro dos grupos previamente às análises. Os valores de ambos os Q-sorts foram usados para derivar um valor compósito.

Medidas de observação. Equipas de dois observadores por cada sala utilizaram amostras de indivíduos focais de forma a recolherem dados observacionais de interações iniciadas e atenção social (i.e., os indicadores do domínio motivação e envolvimento social). As crianças foram observadas numa ordem aleatoriamente determinada, sendo que nenhuma criança foi observada duas vezes antes de todas as crianças presentes terem sido observadas uma vez por cada observador. Assim, uma observação de cada criança presente na sala constitui uma ronda de observação.

Os dois tipos de dados observacionais (i.e., interações iniciadas e atenção social) encontravam-se aleatoriamente intercalados em rondas separadas. Cada observador presente numa determinada sala realizou 100 rondas de observação da sala para cada uma destas duas categorias de observação, perfazendo um total de 200 rondas de observação por observador). As observações de uma determinada sala decorreram num período de um a dois meses (dependendo dos horários dos observadores e da presença das crianças participantes), com cada um dos observadores a realizar um máximo de 20 observações (i.e., 10 de interações iniciadas e 10 de atenção visual) de cada criança por dia. As observações realizaram-se em diferentes momentos do dia, o que permitiu que as crianças fossem observadas numa variedade de atividades que aconteceram no contexto da sala, bem como nos momentos de brincadeira no exterior.

Todas as crianças participantes estiveram presentes em, pelo menos, 50% das rondas de observação (aproximadamente 160 observações por criança, por medida). No primeiro dia de observação, os observadores passaram, aproximadamente, 60m em cada sala, de modo a tornarem-se familiarizados com os nomes das crianças participantes. Uma vez que as ausências em cada sala não eram passíveis de serem controladas, todas as contagens de frequências para

ambas as categorias de observação foram convertidas em taxas, dividindo-se o valor total de cada criança pelo número de vezes em que foi de facto observada. Estes valores foram posteriormente estandardizados em cada sala ou grupo, previamente a análises subsequentes. Investigações anteriores que utilizaram este procedimento de observação demonstraram que os observadores obtêm prontamente taxas de acordo de 80% e mais, com apenas períodos de treino limitados (Vaughn & Martino, 1988; Vaughn & Waters, 1981; Waters, Garber, Gornal, & Vaughn, 1983).

Interação. Para os dados da interação, os observadores observaram cada criança presente durante um intervalo de 15s e no final deste intervalo registaram os códigos identificadores de cada criança com as quais a criança focal interagiu. Registaram-se os códigos da criança que iniciou a interação e a valência afetiva (positiva, neutra e negativa) da interação. As interações eram cotadas como positivas se uma ou ambas as crianças exibissem afeto positivo (e.g., sorriso, gargalhada, gesto ou vocalização que indicasse um sentimento positivo) no contexto da troca social, a menos que tal expressão fosse acompanhada por expressões de afeto negativo da parte do parceiro interativo. Os valores negativos eram atribuídos se uma ou ambas as crianças expressassem afetos negativos (e.g., raiva, angustia, medo, tristeza), facial, focal ou gestualmente, a menos que estas expressões surgissem no contexto de brincadeira simbólica. Todas as dinâmicas interativas não identificadas como positivas ou negativas eram codificadas como neutras (e.g., conversações durante uma refeição ou no contexto das realização de tarefas escolares onde não estivesse patente expressão afetiva; trocas não verbais que incluíssem contacto físico ou uma reação ao contacto). Para alguns intervalos de observação uma interação já poderia estar a decorrer quando o observador começou a observar a criança focal (embora acontecesse raramente). Neste caso, os observadores foram instruídos para identificarem a primeira troca que ocorreu no intervalo de observação, colocando o código da criança que iniciou a troca em primeiro lugar nas grelhas de observação. No domínio da motivação e envolvimento social foram considerados apenas os valores estandardizados das interações positivas e neutras iniciadas (ver Vaughn et al., 2009).

Atenção Visual. No que diz respeito às observações da atenção visual, os observadores olharam para uma criança focal durante um período de 6s e registaram os códigos identificadores de todas as crianças que receberam uma unidade de atenção visual da criança

alvo. Esta unidade consistia na orientação da cabeça ou dos olhos para um par recetor, distinguindo-se dois tipos: *look*, ou seja, um olhar e *glance*, ou seja um vislumbre. Um determinado recetor era creditado com uma única unidade de atenção visual durante o intervalo de observação de 6s. O valor total da atenção visual resulta do somatório de *looks* e *glances* que cada criança recebeu dos seus pares. As frequências totais das unidades de atenção visual recebidas por uma determinada criança de todos os seus pares foram convertidas em taxas e estandardizadas em cada grupo.

O acordo entre observadores, para ambas as categorias de observação foi estimado com base numa correlação intra-classe (ICC) das taxas de codificação entre os observadores. As medianas de ICC estimadas para cada par de observadores por sala foi de .74 para as interações neutras, .52 para as interações positivas e de .76 para a atenção social.

Entrevistas sociométricas. Todas as crianças completaram duas tarefas sociométricas: (a) nomeações positivas e negativas e (b) comparações de pares. Em cada uma destas tarefas eram solicitados às crianças julgamentos acerca dos seus colegas (rapazes e raparigas). Estas entrevistas tiveram uma duração entre 30 a 45m.

Nomeações positivas e negativas. Na tarefa de nomeção (McCandless & Marshall, 1957), eram apresentadas às crianças fotografias de todos os seus colegas, pedindo-lhes que identificassem um par que gostassem especialmente de brincar. Depois de fazer três escolhas destas, pediu-se às crianças que identificassem um par com o qual não gostassem especialmente de brincar, repetindo-se, igualmente mais duas vezes.

Os valores sociométricos positivos foram calculados para cada criança dividindo-se o número total de escolhas positivas recebidas pelo número de crianças que completou a tarefa. Do mesmo modo, os valores sociométricos negativos foram calculados para cada criança dividindo-se o número total de escolhas negativas recebidas pelo número de crianças que completou a tarefa.

Comparações de Pares (Paired Comparisons). Na tarefa de comparação de pares (Vaughn & Waters, 1981), apresentaram-se a cada criança fotografias com todos os pares

possíveis de colegas numa determinada sala (número total de comparações numa determinada sala = $N(N - 1) / 2$). A fotografia de cada criança aparecia no lado direito e no lado esquerdo da imagem o mesmo número de vezes. A ordem de apresentação foi delineada de modo a que nenhuma criança fosse vista duas vezes antes de todos os outros colegas terem sido vistos uma vez. Perguntou-se à criança “com qual destes dois colegas gostas especialmente de brincar?”, para cada par de fotografias apresentado.

O valor total da Aceitação social foi obtido dividindo-se o número total de vezes que uma criança foi escolhida pelos seus pares pelo número de crianças que escolheram. Ambos os valores sociométricos foram estandardizados dentro de cada grupo ou sala, previamente às análises.

3.2 - Resultados

3.2.1 - Análise dos demográficos

As relações entre as variáveis demográficas e as variáveis em estudo (i.e., valores de segurança das crianças relativamente à mãe e ao pai e os valores de competência social) foram analisadas com base no Coeficiente de Correlação de Pearson (R).

Tabela 1

Correlações entre as Variáveis Demográficas e as Variáveis em Estudo.

		Segurança		Comp. Social
		Mãe	Pai	
Idade da Criança		.25	.07	.19
Idade Entrada Escola		-.28	-.28	-.25
Nº horas Escola		.22	.25	.43*
Idade	Mãe	-.37*	.28	-.06
	Pai	-.29	.16	-.05
Habilitações Lit.	Mãe	.33	.00	.30
	Pai	.43**	.20	.45**
Horas de trabalho	Mãe	.38	-.24	-.04
	Pai	-.09	.24	-.16

** < 0.01; * < 0.05

Tal como se pode constatar na tabela 1, encontrou-se uma correlação significativa,

negativa, entre a idade da mãe e o valor de segurança à mãe, bem como uma correlação significativa, positiva, entre as habilitações literárias do pai e o valor de segurança relativamente à mãe. De acordo com a teoria da vinculação, não é expectável a existência de diferenças nos valores de segurança em função da idade ou habilitações literárias dos pais. No que diz respeito à competência social, encontrou-se uma correlação significativa entre estes valores e o nº de horas que a criança passa na escola. Encontrou-se ainda uma correlação positiva e significativa entre as habilitações literárias do pai e os valores de competência social da criança no grupo pré-escolar.

Adicionalmente, a existência de diferenças nas variáveis em estudo em função do sexo e da ordem de nascimento das crianças foi testada através de Anovas. No que diz respeito ao sexo das crianças, recorreu-se a uma Anova com correção de Welch devido à heterogeneidade dos grupos (14 raparigas e 25 rapazes). Não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de segurança à mãe para as raparigas ($M=.50$; $DP=.21$) e para os rapazes ($M=.60$; $DP=.11$), $F_w(1,17.052) = 2.871$, $p=.108$; nem entre os valores de segurança ao pai para as raparigas ($M=.52$; $DP=.19$) e para os rapazes ($M=.56$; $DP=.13$), $F_w(1,20.222) = .559$, $p=.463$; nem entre os valores de competência social para as raparigas ($M=.21$; $DP=.81$) e para os rapazes ($M=.60$; $DP=.37$), $F_w(1,16.103) = 2.951$, $p=.105$.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de segurança à mãe para as crianças primogénitas ($M=.58$; $DP=.12$) e não primogénitas ($M=.53$; $DP=.21$), $F(1,34) = .585$, $p=.450$; nem entre os valores de segurança ao pai para as crianças primogénitas ($M=.55$; $DP=.13$) e não primogénitas ($M=.54$; $DP=.20$), $F(1,34) = .078$, $p=.781$. Da mesma forma, não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de competência social para as crianças primogénitas ($M=.44$; $DP=.49$) e não primogénitas ($M=.47$; $DP=.65$), $F(1,34) = .038$, $p=.848$.

3.2.2 - Qualidade da vinculação da criança à mãe e ao pai

O valor de segurança da criança à mãe foi obtido utilizando o valor do critério de segurança do AQS publicado por Waters (1995). Convencionou-se que o valor de segurança da criança é a correlação de *Pearson* entre o valor do critério de segurança da criança idealmente segura e o *Q-sort* individual da criança. Os resultados para a mãe e para o pai mostram poucos valores de segurança negativos ou zero, o que, de acordo com Posada et al. (1995), indica que a criança utiliza quer a mãe, quer o pai como base segura. Os valores de segurança para a mãe

variam entre -.12 e .80 ($M=.56$; $DP=.16$). Para o pai os valores variam entre .04 e .79 ($M=.55$; $DP=.16$).

Realizou-se uma ANOVA de medições repetidas agrupada pelo sexo das crianças para se testar diferenças entre os valores de segurança da mãe vs. pai. Não foram encontradas diferenças significativas ao nível dos efeitos principais dos pais (*within subject*), do sexo da criança ou da sua interação. Estes resultados são consistentes com a literatura acerca da vinculação da criança a ambos os pais (e.g., Caldera, 2004; Main & Weston, 1981; Monteiro et al., 2008.)

Os valores de segurança à mãe e ao pai encontram-se significativamente correlacionados, de forma positiva, $r(39) = .32$, $p < .05$, indicando uma consistência moderada ao nível do comportamento das crianças com cada um dos pais. Estes resultados são consistentes com os encontrados em estudos anteriores (e.g., Monteiro et al., 2008; Steele, Steele, & Fonagy, 1996).

Escalas AQS. Utilizaram-se as quatro escalas AQS (Posada et al., 1995) de forma a analisar-se o modo como as crianças organizam os seus comportamentos de base segura em torno da mãe e do pai. As médias e os desvios-padrão podem ser consultadas na tabela 2. Complementarmente, realizaram-se ANOVAs de medições repetidas, agrupadas pelo sexo, de forma a testar diferenças entre os valores da mãe e do pai em cada uma das escalas. Como também é possível observar na tabela 2, não foram encontradas diferenças significativas ao nível dos efeitos principais dos pais (*within subject*), nem do sexo da criança ou da sua interação em nenhuma das quatro escalas analisadas.

Tabela 2

Médias e Desvios-Padrão das Escalas AQS e análise das Diferenças entre Mãe e Pai.

	Mãe		Pai		F (1,37)	p
	M	DP	M	DP		
Interação Suave	6.81	.87	6.96	.77	1.213	.278
Contacto Físico	6.54	.90	6.37	1.16	.275	.603
Proximidade	5.97	.97	5.66	1.09	2.820	.101
Interação Outros Adultos	5.81	1.03	5.65	1.06	.470	.497

De seguida, correlacionaram-se os valores de segurança da mãe e do pai com cada uma das escalas AQS, bem como os valores das escalas AQS entre pai e mãe. Estes resultados podem ser consultados na tabela 3.

Tabela 3

Correlações entre os Valores de Segurança à Mãe e ao Pai e cada uma das Escalas AQS, e Correlações entre as Escalas do AQS da Mãe e do Pai.

		Interação Suave	Contacto físico	Proximidade	Interação com Outros Adultos
Segurança	Mãe	.78**	.49**	.44**	.50**
	Pai	.84**	.43**	.66**	.35*
r (mãe/pai)		.39*	-.22	.48**	.53**

** < 0.01; * < 0.05

Tal como se observa nesta tabela, as quatro escalas apresentam correlações positivas e significativas com os valores de segurança à mãe e ao pai. Quer para a mãe, quer para o pai, o valor da correlação com a escala de Interação Suave é muito forte ($r(39) = .78$ e $r(39) = .84$, respetivamente). Estes resultados são consistentes com os reportados em estudos anteriores (e.g., Monteiro et al., 2008). Neste sentido, nas visitas separadas, as crianças apresentaram semelhanças em termos de qualidade de interação, contacto físico e proximidade a ambos os pais, bem como semelhanças em termos de sociabilidade com adultos não-familiares.

Tal como também é possível constatar na tabela 3, no que se refere às correlações entre as escalas do AQS da mãe e do pai, foram encontradas associações significativas e positivas entre os valores das escalas *Interação Suave*, *Proximidade* e *Interação com Outros Adultos*. A única escala em que os valores da mãe e do pai não estão significativamente associados é a de *Contacto Físico*. Estes resultados são semelhantes aos reportados em estudos anteriores (e.g., Monteiro et al., 2008).

3.2.3 - Análise das medidas da competência social

Em primeiro lugar correlacionaram-se todas as variáveis pertencentes ao modelo da competência social. Tal como se pode verificar na Tabela 4, das 15 correlações analisadas 14 são significativas e positivas.

Tabela 4
Correlação entre as Medidas da Competência Social.

	Comparações Pares	CCQ	PQ	Atenção Visual	Interações
Nomeações Positivas	0.57**	0.47**	0.45**	0.55**	0.45**
Comparações Pares	-	0.53**	0.28	0.51**	0.43**
CCQ	-	-	0.71**	0.61*	0.45**
PQ	-	-	-	0.52*	0.43**
Atenção Visual	-	-	-	-	0.68**

** < 0.01; * < 0.05

Os resultados obtidos mostram ainda que as correlações entre indicadores da mesma família tendem a ser mais elevadas do que as correlações entre famílias diferentes. Estes resultados são consistentes com os estudos prévios, demonstrando a existência de relações coordenadas entre os diferentes indicadores da competência social (e.g., Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009; Veríssimo et al., 2014; Veríssimo et al., 2011).

Teoricamente estas medidas representam três grandes domínios da competência social: Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos, Motivação e Envolvimento Social e Aceitação de Pares. Assim, com base na análise confirmatória reportada por Vaughn et al. (2009), foram criados valores compósitos destas três dimensões, após standardização das variáveis.

Adicionalmente, foram encontradas correlações positivas e significativas entre as medidas compósitas da competência social, tal como se pode verificar na tabela 5. Os três domínios foram agregados de modo a derivar-se um valor global de competência social, com um alfa de .71.

Tabela 5
Correlação entre as Medidas Compósitas da Competência Social.

	Motivação Social	Aceitação Social
Atributos psicológicos	0.58**	0.46**
Motivação Social		0.60**

** < 0.01

3.2.4 - Vinculação Mãe/Criança e Pai/Criança como Preditores da Competência Social

Indo ao encontro do principal objetivo deste estudo, realizaram-se análises de regressão de modo a averiguar os contributos da vinculação à mãe e da vinculação ao pai para a competência social das crianças nos seus grupos pré-escolares. Os resultados serão apresentados em duas secções: na primeira analisaremos estes contributos com base em valores globais, quer da vinculação, quer da competência social; na segunda secção analisaremos estes contributos com base nas escalas do AQS e nas dimensões da competência social. Devido ao tamanho da amostra, utilizou-se o modelo de regressão linear simples. Neste sentido, foram efetuadas diversas análises de regressão, das quais serão apresentados, de seguida, os resultados significativos relativamente à mãe e ao pai.

Análise dos contributos globais da vinculação mãe/criança e pai/criança para a competência social. Os resultados obtidos nas análises de regressão identificam os valores de segurança da vinculação quer à mãe, quer ao pai como preditores significativos do valor global de competência social das crianças nos seus grupos pré-escolares, tal como se constata na tabela 6. O modelo em relação à mãe é muito significativo, explicando 29,4% da variabilidade da competência social, $F(1,37) = 16.830, p = .000$. Assim, quanto maior o valor de segurança à mãe maior o valor de competência social da criança, $t(37) = 4.102, p = .002$. O modelo em relação ao pai é significativo, explicando 10,5% da variabilidade da competência social, $F(1,37) = 5.481, p = .025$. Assim, quanto maior o valor de segurança ao pai maior o valor de competência social da criança, $t(37) = 2.341, p = .002$.

Tabela 6

Sumário das Análises de Regressão da Vinculação como Preditor da Competência Social, tendo em Consideração Valores Globais.

		B	SE B	β	R² Ajustado
Segurança	Mãe	2.035	.496	.559**	.294
	Pai	1.351	.577	.359*	.105

** < 0.01; * < .05;

Análise dos contributos específicos da vinculação mãe/criança e pai/criança para a competência social. De forma a se perceber a existência de contributos a um nível de maior especificidade, testou-se o efeito preditivo de cada escala AQS (Interação Suave, Contacto Físico, Proximidade e Interação com Outros Adultos) relativamente à mãe e ao pai, para cada uma das 3 dimensões da competência social (Motivação e Envolvimento Social, Perfis de atributos Comportamentais e Psicológicos e Aceitação de Pares).

Os resultados relativos à mãe podem ser consultados nas tabelas 7, 8 e 9. A este nível, o modelo em relação à interação suave como preditor da *Motivação e Envolvimento Social* revelou-se significativo, $F(1,37) = 6.021, p = .02$, bem como o modelo da interação suave como preditor da *Aceitação Social*, $F(1,37) = 5.009, p = .03$, como se constata nas tabelas 7 e 8.

Neste sentido, como se observa na tabela 7, a interação suave com a mãe aparece como preditor significativo da dimensão *Motivação e Envolvimento Social*, explicando 12% da sua variabilidade, $t(37) = 2.454, p = .03$.

Tabela 7

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Motivação e Envolvimento Social.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.320	.130	.374*	.12
Contacto Físico	.029	.136	.035	.03
Proximidade	.018	.127	.023	.03
Interação c/ Outros Adultos	.157	.115	.219	.02

* < .05

Adicionalmente, como se verifica na tabela 8, a interação suave com a mãe aparece também como preditor significativo da dimensão *Aceitação Social*, explicando 10% da sua variabilidade, $t(37) = 2.238, p = .03$. É de referir também o facto de que o modelo do contacto físico com a mãe, relativamente a esta dimensão, encontrava-se marginalmente significativo, $F(1,37) = 3.856; p = .057$.

Tabela 8

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Aceitação de Pares.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.383	.171	.345*	.10
Contacto Físico	.331	.169	.307	.07
Proximidade	.118	.164	.118	.01
Interação c/ Outros Adultos	.205	.149	.220	.02

* <.05

Finalmente, na tabela 9 podemos constatar que, ao contrário dos anteriores, o modelo relativo à dimensão *Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos* não revelou significância estatística, não existindo, portanto, preditores significativos a este nível.

Tabela 9

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS da Mãe como Preditores da Dimensão Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.183	.131	.223	.02
Contacto Físico	.005	.131	.006	.02
Proximidade	.002	.122	.002	.03
Interação c/ Outros Adultos	.173	.109	.252	.04

Os resultados relativos ao pai podem ser consultados nas tabelas 10, 11 e 12. A este nível, o modelo em relação à interação suave como preditor da *Motivação e Envolvimento Social* é significativo, $F(1,37) = 4.250$, $p = .046$. Adicionalmente, os modelos relativos ao contacto físico e à proximidade como preditores da dimensão *Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos* são ambos muito significativos, $F(1,37) = 11.749$, $p = .002$ e $F(1,37) = 17.984$, $p = .000$ (respetivamente).

Neste sentido, tal como é possível observar na tabela 10, verificou-se que a interação suave com o pai aparece como preditor significativo da dimensão *Motivação e Envolvimento Social*, explicando 8% da sua variabilidade, $t(37) = 2.062$, $p = .046$.

Tabela 10

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Motivação e Envolvimento Social.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.310	.150	.321*	.08
Contacto Físico	.144	.103	.224	.02
Proximidade	.088	.112	.129	.01
Interação c/ Outros Adultos	.051	.115	.072	.02

* <.05

Na tabela 11 podemos constatar que não foram encontrados preditores significativos no que se refere à dimensão da Aceitação Social.

Tabela 11

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Aceitação de Pares.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.074	.206	.059	.02
Contacto Físico	.151	.131	.181	.01
Proximidade	.026	.146	.026	.03
Interação c/ Outros Adultos	.112	.149	.123	.01

* <.05

Por fim, a tabela 12 mostra que ao nível dos *Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos* o contacto físico com o pai é um preditor muito significativo, explicando 22% da sua variabilidade, $t(37) = 3.428$, $p = .002$, bem como a proximidade ao pai é um preditor fortemente significativo, explicando 31% da sua variabilidade, $t(37) = 4.241$, $p = .000$.

Tabela 12

Sumário das Análises de Regressão tendo as Escalas AQS do Pai como Preditores da Dimensão Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Interação Suave	.278	.145	.300	.07
Contacto Físico	.302	.088	.491**	.22
Proximidade	.375	.088	.572***	.31
Interação c/ Outros Adultos	.210	.105	.312	.07

** < 0.01; ***<0.001

É, ainda, de referir que o modelo da interação com outros adultos, relativamente a esta dimensão, encontrava-se marginalmente significativo, $F(1,37) = 3.990$; $p = .53$.

De um modo geral, os resultados obtidos demonstram que a qualidade da interação com ambos os pais é um preditor significativo da motivação e envolvimento social da criança no seu grupo pré-escolar. Particularmente, a interação suave com a mãe é ainda um preditor significativo da aceitação social das crianças pelos seus pares e quer a proximidade com o pai, quer o contacto físico com ele, são preditores muito significativos do perfil de atributos comportamentais e psicológicos que as crianças apresentam no contexto do seu grupo de pares.

Capítulo 4

Estudo 2

*Qualidade das Representações de Vinculação e Competência Social de Crianças de Idade
Pré-escolar*

4.1 -Método

4.1.1 -Participantes

Participaram neste estudo 41 crianças (19 raparigas e 22 rapazes). No momento em que as avaliações da vinculação foram concluídas, as crianças tinham idades compreendidas entre os 50 e os 61 meses ($M = 55,74$; $DP = 3,47$). Destas crianças, 63,2% tem irmãos. Passam entre 6 a 10 horas na escola ($M=8.03$; $DP=1.19$). A idade das mães variava entre 27 - 45 anos ($M = 36,24$; $DP = 3,77$) e a dos pais entre 33 - 51 anos ($M = 38$; $DP = 4,38$). As habilitações literárias da mãe variavam entre 9 - 23 anos ($M=15.29$; $SD=3.04$) e as dos pais entre 9-18 anos ($M=15.21$; $SD=2,71$). 89, 5% das mães e todos os pais estavam empregados. As famílias pertencem a um nível sócio-económico médio/médio alto, tendo sido recrutadas através das escolas que as crianças frequentam e que se encontram filiadas com o projeto de investigação mais amplo.

4.1.2 - Instrumentos

Attachment Story Completion Task (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). A avaliação da qualidade da vinculação, indexada pelas representações de vinculação, foi feita com recurso ao ASCT. Este instrumento procura captar diferenças individuais no modo como as crianças encenam situações hipotéticas relacionadas com a relação pais/filhos.

O ASCT tem em consideração a conceção de Bowlby de que a criança representa as relações de vinculação enquanto modelos internos dinâmicos (MID), permitindo avaliar a associação entre as respostas das crianças e a forma como estas representam a narrativa através do jogo, em comportamentos de vinculação e as suas representações internas (Bretherton et al., 1990; Main et al., 1985). A utilização do ASCT parte, assim, do pressuposto que, a partir do padrão de respostas obtido, será possível fazer, pelo menos em parte, inferências sobre a qualidade e a organização das representações de vinculação emergentes (para uma discussão deste tópico ver Bretherton, 2005).

Este instrumento, constituído por seis histórias, é aplicado no formato de entrevista, cuja duração é cerca de 30 minutos. O sexo e a posição na fratria da criança participante são tidos em consideração aquando da constituição das histórias, onde figura a criança protagonista (Bretherton et al., 1990). A primeira história apresentada é sobre uma festa de aniversário, ou seja, os anos da criança protagonista. Esta não foi considerada para efeitos de cotação, mas sim

como uma história de “aquecimento” que assegurasse a compreensão do procedimento pela criança e a sua familiarização com o material.

Cada uma das 5 histórias apresentadas de seguida remete para problemáticas distintas, suscetíveis de ativarem conteúdos ligados ao comportamento de base segura (Bretherton & Ridgeway, 1990). As problemáticas que figuram nas histórias são: (1) a figura de vinculação num papel autoritário, em resposta a um percalço accidental da criança (história do sumo entornado), (2) ativação do sistema de vinculação e resposta parental à dor da criança (história do joelho magoado), (3) ativação do sistema de vinculação e resposta parental ao medo da criança (história do monstro no quarto), (4) a ansiedade de separação e capacidade de *coping* (história da partida) e (5) qualidade afetiva do reencontro entre os pais e a criança (história do reencontro) (Bretherton et al., 1990).

Procedimento ASCT. Nos procedimentos de aplicação são utilizados bonecos que representam elementos da mesma família, bem como um conjunto de adereços complementares e relacionados com as temáticas de cada história. Este material consiste em pequenas figuras de elementos de uma família tradicional: pai, mãe, 2 crianças do mesmo sexo da criança (uma mais velha e outra mais nova) e uma vizinha; e outros adereços simples: 1 mesa, 4 cadeiras, bolo de aniversário, conjunto de pratos e copos, plástico verde para simbolizar a relva do jardim, uma estrutura cinzenta que simbolize a rocha, 2 camas individuais e uma de casal, cobertas e almofadas e um carro. Todos os objetos têm tamanhos proporcionais e adequados às figuras (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Um observador introduz o início de cada história, pedindo à criança que as complete, ilustrando os comportamentos, emoções e interações entre os personagens, através de material específico. As instruções são enunciadas pelo observador de forma dramatizada, finalizando com uma solicitação dirigida à criança: “Mostra-me e conta-me o que acontece agora” (para uma descrição completa do procedimento de aplicação consultar Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Fernandes, 2009).

As entrevistas foram gravadas em vídeo de forma a se considerar os comportamentos verbais (i.e., narração da história) e não-verbais (i.e., ação dramatizada) das crianças. Este compromisso prova a adaptação da prova à idade pré-escolar, ao permitir que não se esteja totalmente dependente da linguagem (Miljkovich, Pierrehumbert, Bretherton, & Halfon, 2004;

Trapolini, Ungerer, & McMahon, 2007). A maioria das crianças realizou a tarefa em 15 a 30 minutos.

Para efeitos de cotação, os vídeos das entrevistas foram posteriormente analisados de forma independente, por díades de investigadores, previamente treinados, não familiarizados com qualquer informação sobre as crianças. O método de cotação utilizado assenta numa avaliação dimensional das representações de vinculação que considera a extensão em que estão ou não presentes elementos de um contínuo de segurança/insegurança (Heller, 2000; Maia et al., 2009) e não uma classificação categorial das narrativas (i.e., seguras, inseguras ambivalentes/evitantes/ desorganizadas), como aquela originariamente proposta por Bretherton et al. (1990). Neste sentido, foram analisados dois critérios: segurança e coerência, numa escala de 8 pontos (versão portuguesa e ampliada de Maia et al. (2009), de uma escala originalmente desenvolvida por Heller, (2000).

Os valores de segurança foram atribuídos em função da complexidade da resolução dada ao problema levantado em cada início de história e da coerência da narrativa produzida. No que diz respeito à dimensão da Segurança, a escala de oito pontos varia entre: (1) “Desorganizado”, (2) “Severamente Inseguro”, (3) “Muito Inseguro”, (4) “Inseguro”, (5) “Pouco Seguro”, (6) “Algo Seguro”, (7) “Seguro”, e (8) “Muito Seguro”. Este é um critério mais lato que inclui, não apenas a coerência e a resolução dada (i.e., extensão em que cada problema é reconhecido e resolvido de forma bem sucedida), mas também uma avaliação global de parâmetros associados ao processo narrativo, nomeadamente: comportamento não-verbal, representação parental, grau de investimento na tarefa, fluência do discurso, emoção geral expressa, conhecimento emocional revelado e qualidade da interação mantida com entrevistador. Nesta escala de 8 pontos estão contidos as variantes dos comportamentos de evitamento e de ambivalência.

Relativamente à Coerência, a escala de 8 pontos organiza-se da seguinte forma: (1) “Extremamente Incoerente”, (2) “Muitíssimo Incoerente”, (3) “Muito Incoerente”, (4) “Incoerente”, (5) “Algo Incoerente”, (6) “Algo Incoerente”, (7) “Coerente”, e (8) “Muito Coerente”. Para este critério, uma pontuação acima de 6 é dada quando a história é completada de forma consistente e unificada, com poucas hesitações e sem desvios inapropriados. Em contraste, as histórias com pontuações iguais ou menores que 4 não são, geralmente, resolvidas e/ou apresentam desvios negativos, agressivos ou bizarros, sendo desconexas e ilógicas.

Para as X narrativas consideradas (5 histórias, $n = X$), os valores de correlação entre os dois investigadores (calculado como correlações intra classes) variaram entre .72 e .99. Quando

considerado em termos exatos de acerto/não acerto, o acordo entre os investigadores oscilou entre .56 e .74 (Kappa). Para cada história, o valor final foi obtido através da média dos valores de segurança atribuídos pelos dois investigadores.

Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence Revised (WPPSI-R, 1989; versão portuguesa de Seabra-Santos et al., 2003). A secção verbal da WPPSI-R foi utilizada para se avaliar a capacidade lexical e a compreensão verbal das crianças, com o objetivo de controlar-se potenciais efeitos ao nível das narrativas decorrentes de diferenças a estes níveis.

Ambos os instrumentos previamente descritos foram aplicados de forma individual, em ocasiões distintas, por membros independentes, previamente treinados, da equipa de investigação. As aplicações tiveram lugar no Jardim-de-Infância, tendo decorrido numa sala disponibilizada para o efeito, estando o entrevistador e a criança sentados, em situação de face a face.

Modelo Hierárquico da Competência Social (e.g., Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009). Tal como no estudo anterior, a competência social foi avaliada com recurso à utilização das três famílias de medida que integram o modelo hierárquico, nomeadamente: (1) descrições Q-sort (CCQ, California Child Q-sort, Block & Block, 1980; PQ, Preschool Q-sort, adaptação de Bronson de um Q-sort originalmente usado por Baumrind, 1967); (2) medidas de observação (taxa de classificação para atenção visual recebida e interações iniciadas); e (3) entrevistas sociométricas (scores de aceitação para as duas tarefas sociométricas: nomeações e *paired comparison*, McCandless & Marshall, 1957). As equipas de observadores que recolheram os dados de observação (i.e., da interação e atenção visual) trabalharam independentemente da equipa de observadores Q-sort.

(Para uma descrição mais detalhada, consultar o 1º estudo)

4.2 - Resultados

4.2.1 - Análise dos Demográficos

As relações entre as variáveis demográficas e as variáveis em estudo (i.e., valores de segurança das representações de vinculação e os valores de competência social) foram analisadas com base no Coeficiente de Correlação de Pearson (R).

Tal como se pode constatar na tabela 13, encontrou-se uma correlação significativa, positiva, entre as habilitações literárias do pai e o valor de segurança das representações de vinculação das crianças. De acordo com a teoria da vinculação, não é expectável a existência de diferenças nos valores de segurança em função das habilitações literárias dos pais.

No que diz respeito à competência social, encontrou-se uma correlação significativa, negativa, entre estes valores e a idade de entrada na escola. Encontraram-se ainda correlações positivas e significativas entre as habilitações literárias de ambos os pais e os valores de competência social da criança no grupo pré-escolar.

Tabela 13

Correlações entre as Variáveis Demográficas e as Variáveis em Estudo.

	Segurança/ Representações	Competência Social
Idade/Criança	.09	-.01
Idade Entrada Creche/J.I.	-.06	-.38*
Nº horas Creche\J.I.	.29	.24
Idade Mãe	.05	-.11
Idade Pai	.03	-.09
Hab. Lit. Mãe	.15	.34*
Hab. Lit. Pai	.33*	.46**

** < 0.01; * < 0.05

Com recurso a uma análise de variância, testou-se a existência de diferenças, nas variáveis em estudo, em função do sexo e da ordem de nascimento das crianças, não tendo sido encontradas quaisquer diferenças significativas. Ou seja, os valores de segurança das representações de vinculação das raparigas ($M=5.79$; $DP=1.15$) não diferem significativamente dos dos rapazes ($M=5.68$; $DP=.92$), $F(1,39) = .116$, $p=.74$; nem os valores de competência

social diferem significativamente entre raparigas ($M=-.07$; $DP=.75$) e rapazes ($M=.32$; $DP=.65$), $F(1,39) = 3.161$, $p=.08$. De forma semelhante, não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de segurança das crianças primogénitas ($M=5.70$; $DP=.97$) e não primogénitas ($M=5.74$; $DP=1.13$), $F(1,36) = .017$, $p=.90$; nem entre os valores de competência social das crianças primogénitas ($M=.15$; $DP=.66$) e não primogénitas ($M=.18$; $DP=.75$), $F(1,36) = .014$, $p=.91$.

4.2.2 - Valores Compósitos ASCT

Encontraram-se correlações positivas e significativas entre as 5 histórias, quer para a coerência, quer para a segurança ($r(41) > .58$, $p < .05$, para todas as correlações de *Pearson* efetuadas). Os alphas das histórias foram de .87 para a segurança e de .87 para a coerência. Neste sentido, criaram-se valores compósitos (média das 5 histórias) para a segurança e para a coerência.

Testou-se a associação entre a inteligência verbal das crianças e as suas representações de vinculação (coerência e segurança), verificando-se que esta não atinge significância estatística. Posteriormente, uma vez que a coerência e a segurança estavam altamente correlacionadas ($r(41) = .93$, $p < .05$), criou-se uma única medida agregadora (i.e., Segurança).

4.2.3 - Análise das Medidas da Competência Social

Em primeiro lugar correlacionaram-se todas as variáveis pertencentes ao modelo da competência social. Das 15 correlações analisadas 14 revelaram-se significativas e positivas (ver tabela 14). Os resultados obtidos mostram ainda que as correlações entre indicadores da mesma família tendem a ser mais elevadas do que as correlações entre famílias diferentes. Estes resultados são consistentes com os estudos prévios, demonstrando a existência de relações coordenadas entre os diferentes indicadores da competência social (e.g., Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009; Veríssimo et al., 2014; Veríssimo et al., 2011).

Tabela 14
Correlação entre as Medidas da Competência Social.

	Comparações Pares	CCQ	PQ	Atenção Visual	Interações
Nomeações Positivas	0.56**	0.50**	0.48**	0.55**	0.46**
Comparações Pares	-	0.52**	0.27	0.52**	0.43**
CCQ	-	-	0.73**	0.61**	0.46**
PQ	-	-	-	0.51**	0.44**
Atenção Visual	-	-	-	-	0.69**

** < 0.01

Teoricamente estas medidas representam três grandes domínios da competência social: Motivação e Envolvimento Social, Perfis de atributos Comportamentais e Psicológicos e Aceitação de Pares. Assim, com base na análise confirmatória reportada por Vaughn et al. (2009), foram criados valores compósitos destas três dimensões, após estandardização das variáveis.

Adicionalmente, foram encontradas correlações positivas e significativas entre as medidas compósitas da competência social, tal como se pode verificar na tabela 15. Os três domínios foram agregados de modo a derivar-se um valor global de competência social, com um alfa de .71.

Tabela 15
Correlação entre as Medidas Compósitas da Competência Social.

	Motivação Social	Aceitação Social
Atributos psicológicos	0.57**	0.48**
Motivação Social		0.61**

** < 0.01

4.2.4 - Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Competência Social

Indo ao encontro do principal objetivo deste estudo, realizaram-se análises de regressão de modo a averiguar os contributos da segurança das representações de vinculação para a competência social das crianças nos seus grupos pré-escolares. Os resultados serão apresentados em duas secções: na primeira analisaremos estes contributos com base em valores globais de competência social; na segunda secção analisaremos os contributos específicos das representações de vinculação para cada dimensão da competência social. Devido ao tamanho da amostra, utilizou-se o modelo de regressão linear simples. Neste sentido, foram efetuadas diversas análises de regressão, das quais serão apresentados, de seguida, os resultados significativos.

Análise dos contributos das representações de vinculação para a competência social global. Os resultados obtidos na análise de regressão demonstram que a segurança das representações de vinculação é um preditor significativo da competência social, tal como se constata na tabela 16. Este modelo revelou-se muito significativo, explicando 26% da variabilidade da competência social, $F(1,39) = 15.299, p = .000$. Assim, quanto maior o valor de segurança das representações de vinculação, maior o valor de competência social da criança, $t(39) = 3.911, p = .000$.

Tabela 16.

Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Competência Social Global.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Segurança/Representações	.372	.095	.531**	.26

** < 0.01

Análise dos contributos específicos das representações de vinculação para cada uma das dimensões da competência social. De forma a se perceber a existência de contributos a um nível de maior especificidade, testou-se o efeito preditivo da segurança das representações de vinculação para cada uma das 3 dimensões da competência social. Estes resultados podem ser consultados nas tabelas 17,18 e 19.

O modelo relativo à dimensão *Motivação e Envolvimento Social* revelou-se muito significativo, $F(1,39) = 11,937, p = .001$. Neste sentido, tal como é possível observar na tabela 17, verificou-se que a segurança das representações de vinculação é um preditor muito significativo desta dimensão da competência social, explicando 21% da sua variabilidade, $t(39) = 3.455, p = .001$.

Tabela 17

Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Motivação e Envolvimento Social.

	B	SE B	B	R² Ajustado
Segurança/Representações	.378	.110	.484**	.21

** < 0.01

O modelo relativo à dimensão *Aceitação de Pares* revelou-se, tal como o anterior, muito significativo, $F(1,39) = 7.468, p = .009$. Neste sentido, tal como é possível observar na tabela 18, verificou-se que a segurança das representações de vinculação é um preditor muito significativo desta dimensão da competência social, explicando 14% da sua variabilidade, $t(39) = 2.733, p = .009$.

Tabela 18

Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Aceitação de Pares.

	B	SE B	B	R² Ajustado
Segurança/Representações	.342	.125	.40**	.14

** < 0.01

Por fim, o modelo relativo à dimensão *Perfis de atributos Comportamentais e Psicológicos* revelou-se, igualmente, muito significativo, $F(1,39) = 10.001, p = .003$. Neste sentido, tal como é possível observar na tabela 19, verificou-se que a segurança das representações de vinculação é um preditor muito significativo desta dimensão da competência social, explicando 18% da sua variabilidade, $t(39) = 3.162, p = .001$.

Tabela 19

Análise de Regressão da Segurança das Representações de Vinculação como Preditor da Dimensão Perfis de Atributos Comportamentais e Psicológicos.

	B	SE B	β	R² Ajustado
Segurança/Representações	.396	.125	.452**	.18

** <0.01

No global, estes resultados demonstram que a segurança ao nível das representações de vinculação é um preditor muito significativo da competência social das crianças nos seus grupos pré-escolares, em todas as suas dimensões.

Capítulo 5

Estudo 3

O Papel Mediador das Representações de Vinculação na Relação entre Vinculação Precoce e a Posterior Competência Social

5.1 - Método

5.1.1 - Participantes

Participaram neste estudo 37 díades mãe/criança. No momento em que as observações AQS foram concluídas, as crianças tinham idades compreendidas entre os 27 e 53 meses ($M = 37.98$; $DP = 7.99$), sendo 16 raparigas e 21 rapazes. Destas crianças, 70,6% tem irmãos. Passam entre 6 a 10 horas na escola ($M=7.93$; $DP=1.14$). A idade das mães variava entre 27 - 45 anos ($M = 36,71$; $DP = 3,87$). As habilitações literárias das mães variavam entre 9 - 23 anos ($M=13.51$; $SD=2.99$), encontrando-se 88. 2% empregadas. As famílias pertencem a um nível sócio-económico médio/médio alto, tendo sido recrutadas através das escolas que as crianças frequentam e que se encontram filiadas com o projeto de investigação mais amplo.

5.1.2 - Instrumentos

Os instrumentos mobilizados para efeitos deste estudo foram os mesmos utilizados previamente, pelo que optámos por uma apresentação sumária dos mesmos, podendo a sua descrição completa ser consultada nas devidas secções dos dois estudos anteriores.

Attachment Behaviour Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995). A qualidade da vinculação foi avaliada com recurso ao AQS. Este instrumento avalia a organização do comportamento de base segura na presença de cuidadores primários ou secundários, em contextos ecologicamente válidos (Vaughn & Waters, 1990). É um instrumento de classificação de observação sistemática, baseada na metodologia do Q-Sort (Waters et al., 1985), que permite estudar a qualidade da relação de vinculação da criança à mãe/pai obtendo-se, assim, uma descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das mudanças e continuidades individuais no mesmo (Monteiro et al., 2008; Veríssimo et al., 1995).

O Q-sort final de uma criança resulta de um compósito das duas descrições Q providenciadas por cada observador, sendo o seu valor de segurança obtido correlacionando-se este compósito com o *sort* critério dos especialistas. Este valor de segurança indexa, deste modo, a semelhança entre a criança observada e a criança hipoteticamente idealizada no

extremo da segurança e variará entre -1.0 e 1.0. Na prática são raros valores menores que -.25 e acima de .80.

A validade deste instrumento foi confirmada na meta-análise de van IJzendoorn et al. (2004). No mesmo sentido, estudos prévios com amostras portuguesas demonstraram a utilidade e validade do AQS na cultura portuguesa (Posada et al, 2013).

Attachment Story Completion Task (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). A avaliação da qualidade da vinculação, indexada pelas representações de vinculação, foi feita com recurso ao ASCT. Este instrumento procura captar diferenças individuais no modo como as crianças encenam situações hipotéticas relacionadas com a relação pais/filhos. O ASCT tem em consideração a conceção de Bowlby de que a criança representa as relações de vinculação enquanto modelos internos dinâmicos (MID), permitindo avaliar a associação entre as respostas das crianças e a forma como estas representam a narrativa através do jogo, em comportamentos de vinculação e as suas representações internas (Bretherton et al., 1990; Main et al., 1985).

Este instrumento, constituído por seis histórias (a primeira de aquecimento e as seguintes relacionadas com problemáticas distintas, suscetíveis de ativarem conteúdos ligados ao comportamento de base segura) é aplicado no formato de entrevista. Um observador introduz o início de cada história, pedindo à criança que as complete, ilustrando os comportamentos, emoções e interações entre os personagens, através de material específico.

O método de cotação utilizado assenta numa avaliação dimensional das representações de vinculação que considera a extensão em que estão ou não presentes elementos de um contínuo de segurança/insegurança (Heller, 2000; Maia et al., 2009). Neste sentido, foram analisados dois critérios: segurança e coerência, numa escala de 8 pontos (versão portuguesa e ampliada de Maia et al. (2009), de uma escala originalmente desenvolvida por Heller (2000)). Os valores de segurança foram atribuídos em função da complexidade da resolução dada ao problema levantado em cada início de história e da coerência da narrativa produzida.

Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence Revised (WPPSI-R, 1989; versão portuguesa de Seabra-Santos et al., 2003). A secção verbal deste instrumento foi utilizada para se avaliar a capacidade lexical e a compreensão verbal das crianças, com o

objetivo de controlar-se potenciais efeitos ao nível das narrativas decorrentes de diferenças a estes níveis.

Modelo Hierárquico da Competência Social (Bost et al., 1998; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009). A competência social foi avaliada com recurso à utilização das três famílias de medida que integram o modelo hierárquico, nomeadamente: (1) descrições Q-sort (CCQ, California Child Q-sort, Block & Block, 1980; PQ, Preschool Q-sort, adaptação de Bronson de um Q-sort originalmente usado por Baumrind, 1967); (2) medidas de observação (taxa de classificação para atenção visual recebida e interações iniciadas); e (3) entrevistas sociométricas (scores de aceitação para as duas tarefas sociométricas: nomeações e *paired comparison*, McCandless & Marshall, 1957). As equipas de observadores que recolheram os dados de observação, da interação e atenção visual, trabalharam independentemente da equipa de observadores Q-sort.

5.2 - Resultados

5.2.1 - Análise de Mediação

Indo ao encontro do objetivo deste estudo, que é o de testar o papel mediador que as representações de vinculação desempenham na relação entre a qualidade da vinculação precoce e a competência social em idade pré-escolar, realizou-se uma análise de mediação com recurso ao teste Sobel do SPSS, com técnica *bootstrapping* (Hayes, 2009; Preacher & Hayes, 2004). Esta técnica é considerada uma abordagem mais rigorosa do que a da regressão múltipla em três etapas sugerida inicialmente por Baron e Kenny (1986). Para este estudo, o intervalo de confiança a 95% dos efeitos diretos foi obtido para o mínimo recomendado de 5000 amostras *bootstrap*.

Em primeiro lugar, verificou-se se estavam asseguradas as condições para a medição (Baron & Kenny, 1986), nomeadamente: (1) a variável independente (i.e., segurança da vinculação precoce, indexada pela organização do comportamentos de base segura) é um preditor significativo da variável dependente (i.e., competência social no grupo pré-escolar); (2) a variável independente influencia significativamente a variável mediadora proposta (i.e.,

representações de vinculação); (3) o proposto mediador é um preditor significativo da variável dependente; (4) quando o proposto mediador e a variável independente entram em simultâneo numa análise de regressão como preditores da variável dependente a influência da variável independente passa a ser significativamente menor.

Os resultados da análise de mediação completa estão apresentados na figura 1.

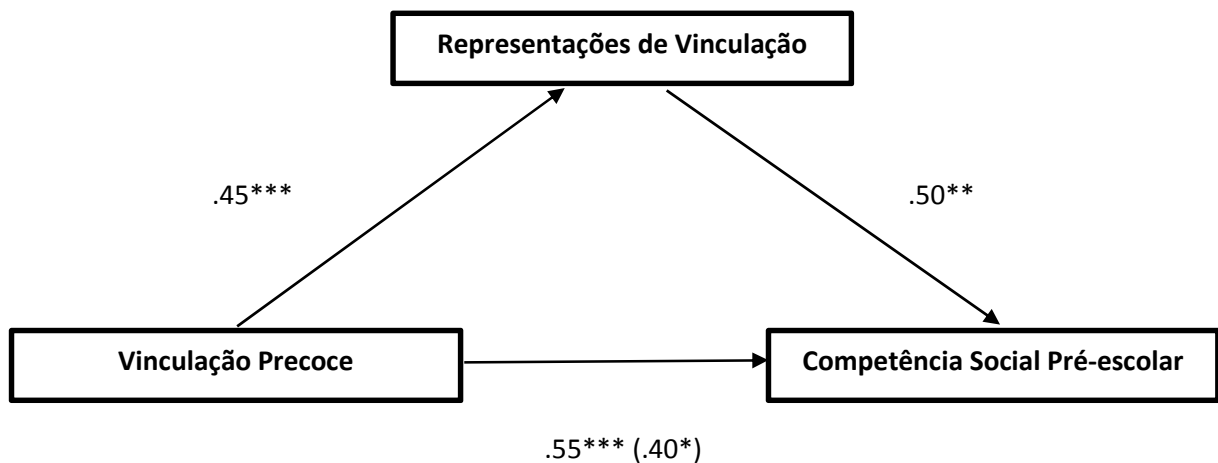


Figura 3. Modelo de mediação com as representações de vinculação enquanto variável mediadora na relação entre a vinculação precoce e a posterior competência social no grupo pré-escolar.

* $p < 0.5$, ** $p < .01$, *** $p < .0001$

Tal como se observa na figura 1, primeiro verificou-se que a segurança da vinculação precoce é um preditor significativo da competência social no grupo pré-escolar, $B = .55$, $t(35) = 3.86$, $p = .000$ (1ª condição). Verificou-se também que a segurança da vinculação precoce influencia significativamente a segurança das representações de vinculação, $B = .45$, $t(35) = 2.96$, $p = .006$ (2ª condição). Posteriormente, verificou-se que o mediador (i.e., representações de vinculação) é um preditor significativo da competência social, $B = .50$, $t(35) = 3.395$, $p = .002$ (3ª condição). Finalmente, o efeito da segurança de vinculação precoce como preditora da competência social passa a ser significativamente menor, $B = .41$, $t(35) = 2.661$, $p = .012$, quando se controla para as representações de vinculação (4ª condição). Neste sentido, este modelo cumpre todas as condições para a mediação de acordo com Baron e Kenny (1986).

Os resultados da análise de mediação confirmam o papel mediador das representações de vinculação na relação entre a vinculação precoce e a posterior competência social, $B = .79$, $IC = .093$ a 2.34 . Tal como se constatou previamente, os efeitos da vinculação precoce sobre a posterior competência social não perdem totalmente a sua significância quando controlados os efeitos das representações de vinculação, o que indica que estamos perante uma mediação parcial.

Capítulo 6

Discussão Geral

O presente trabalho foi realizado com o objetivo central de mapear os contributos das relações de vinculação para a posterior competência social das crianças no grupo pré-escolar. Começámos por analisar os contributos das relações de vinculação mãe/criança e pai/criança para posterior competência social, com vista a explorar eventuais contributos partilhados, bem como especificidades que pudessem advir da natureza independente de cada uma destas relações. Os resultados que obtivemos sugerem que ambas as relações de vinculação predizem a posterior competência social das crianças, indo assim ao encontro dos resultados de estudos anteriores (e.g., Booth-Laforce et al., 2006; Cabrera et al., 2007, Lieberman et al., 1999; Main & Weston, 1981; Verschueren & Marcoen, 1999).

Verificámos ainda que dimensões específicas de ambas as relações de vinculação parecem contribuir para domínios específicos da competência social das crianças. No entanto, a forma como o fazem parece apresentar não só similaridades, como também particularidades. Assim, no que se refere a similaridades, a proximidade a ambos os pais, relacionada com a qualidade da interação, destacou-se quanto ao impacto que aparenta ter na motivação e no envolvimento social da criança no seu grupo de pares. De um modo semelhante, Main e Weston (1981) - os primeiros a analisar os contributos independentes da segurança de vinculação a cada um dos pais - verificaram que as crianças com vinculações mais seguras tendiam a apresentar valores de sociabilidade mais elevados. Esta evidência volta a ser reforçada nos estudos de Verschueren e Marcoen (1999) e Lieberman et al. (1999), com a segurança nas relações a ambas as figuras parentais a favorecer melhores índices de adaptação e envolvimento social, quer a nível grupal, quer a nível mais específico das relações diádicas com amigos.

Este resultado corrobora, assim, resultados de estudos prévios que incluíram ambas as relações de vinculação, alargando também a investigação que incluiu apenas a mãe e que já fornecia evidência acerca da associação entre vinculação e envolvimento social com pares (e.g., Bohlin et al., 2000; Booth-Laforce et al., 1991; Rose-Krasnor et al., 1996; Sroufe, 2005). Neste sentido, é possível constatar que na investigação acerca da ligação entre vinculação e competência social (quer tenham sido incluídos ambos os pais ou apenas a mãe), são maioritariamente reportadas associações entre a segurança da vinculação e aspetos do funcionamento social que remetem para o a motivação e o envolvimento com os pares. Esta evidência é particularmente interessante se tivermos em consideração o facto de o domínio da motivação e envolvimento social ser descrito como o indicador por excelência da competência social (Vaughn et al., 2009). No global, estes resultados, validam e reforçam a importância e o papel de ambas as relações de vinculação para o desenvolvimento social das crianças.

No que diz respeito a particularidades, os nossos resultados indicam que a proximidade à mãe tende ainda a contribuir para o modo como a criança é aceite no seu grupo de pares, indo ao encontro de estudos anteriores (e.g., Coleman, 2003; Verschueren & Marcoen, 1999). Particularmente, no que se refere ao pai, os nossos resultados são também consistentes com os de estudos prévios (e.g., Coleman, 2003; Hakoama & Ready, 2011; Mcdowell & Parke, 2005), demonstrando que a proximidade e o tipo de contacto físico específicos destas relações de vinculação parecem contribuir de forma única para o perfil de atributos psicológicos e comportamentais (que integra traços/características, tendências e comportamentos individuais) que a criança exhibe no seu grupo de pares, ou seja, para o desenvolvimento de um conjunto de características que lhe conferem um estatuto de maior competência.

Estes resultados evidenciam especificidades interativas inerentes a cada uma das relações de vinculação pais/criança (Booth-Laforce et al., 2006). Alguns autores têm vindo a apontar algumas particularidades ao nível da natureza das relações que as crianças desenvolvem com os pais e com as mães, em particular no que se refere a aspetos únicos associados à natureza e dinâmica interativa inerente a cada uma destas relações. Por exemplo, Tamis-LeMonda (2004) refere que os pais se destacam devido ao modo único como interagem com as crianças, especialmente através de brincadeiras livres, pressupondo a existência de maior proximidade ou contacto físico a este nível. Por sua vez, no estudo de Monteiro et al. (2008) foram encontradas diferenças ao nível da proximidade e do contacto físico, tendo-se verificado que as crianças recebiam valores mais elevados nestas escalas quando eram observadas com a mãe, comparativamente a quando eram observadas com o pai. Tal implica que, no global, o conteúdo de cada uma destas escalas AQS foi mais visível quando a criança foi observada a interagir com a mãe. No entanto, esta evidência pode também significar que outro tipo de conteúdo poderia ser igualmente mais saliente nas interações observadas entre o pai e a criança. Análises subsequentes revelaram que apenas um pequeno conjunto de itens (7 de 90 itens Q-sort) evidenciaram diferenças significativas entre pai e mãe e destes apenas um, relacionado com a interação lúdica de carácter mais físico, apresentava valores mais extremos para o pai comparativamente à mãe (Monteiro et al., 2008).

Particularmente, os nossos resultados não revelaram a existência de maior proximidade e contacto físico quando a criança interage com o pai comparativamente a quando é observada a interagir com a mãe. Mas, embora o conteúdo global destas escalas possa ser igualmente saliente em cada uma das observações, tal não anula a possibilidade de existir outro tipo de conteúdo mais específico que possa revelar diferenças. Fomos explorar esta possibilidade e de

forma semelhante a Monteiro et al. (2008) encontramos apenas um item (do mesmo conjunto de 7), igualmente relacionado com o tipo de brincadeira lúdica de carácter mais físico que apresenta valores mais extremos para o pai (i.e., a criança gosta de trepar pelo pai enquanto eles brincam).

No global, estes dados apoiam a a assunção de que existem especificidades na dinâmica interativa entre pai-criança e mãe-criança. Estas especificidades parecem estar interligadas a conteúdos específicos das interações, o que pode fazer com que possam não ser detetáveis a partir de níveis de análise mais globais. Neste sentido, é possível que as especificidades dos contributos de ambas as relações de vinculação não estejam relacionadas tanto com aspetos quantitativos mais salientes (i.e., em termos de maior vs. menor contacto físico entre pai-criança e mãe-criança), mas antes com a sua natureza interativa qualitativamente diferente. Esta hipótese que levantamos liga-se a outros aspetos que têm vindo a ser referenciados na literatura acerca das especificidades interativas nas relações com o pai e com a mãe e respetivos contributos para o desenvolvimento social das crianças.

Nomeadamente, no que se refere ao pai, tem vindo a ser postulado que a forma única com que este interage com as crianças (frequentemente associada à interação lúdica) parece promover a competência social em geral e, em particular, a aquisição de competências de regulação, mobilizadas e posteriormente exibidas nas interações de pares (Booth-Laforce et al., 2006; Chae & Lee, 2011; Coleman, 2003; McDowell & Parke, 2009; Lieberman et al., 1999; Lyndsey et al., 2010). Especula-se, assim, que no contexto de brincadeira física entre pais e crianças com vinculações seguras, os pais promovam a aprendizagem de limites entre brincadeira e agressão, posteriormente transportada para outros contextos sociais, nomeadamente o grupo de pares (Booth-Laforce et al., 2006). É, assim, provável que, no contexto de relações de vinculação seguras, as interações entre pai e criança, em particular o tipo de interação inerente à brincadeira física (que implica proximidade e contacto físico), tenham efeitos positivos na adaptação das crianças ao seu grupo de pares.

Por sua vez, as relações de vinculação mãe-criança aparecem sobretudo associadas aos objetivos de acalmar, tranquilizar e confortar, que implicam igualmente proximidade e contacto físico mas que contrastam com a natureza interativa das relações de vinculação pai-criança, associada sobretudo a níveis de maior excitação ou destabilização (Paquete, 2004). Coloca-se, a este nível, a possibilidade de nas relações de vinculação com a mãe, as crianças adquirirem competências mais ligadas a aspetos de sensibilidade, preocupação, conforto, compreensão de estados emocionais e expressões afetivas, etc., direcionadas depois na relação direta com os

pares. Tendo em conta os aspetos únicos das relações mãe-criança e pai-criança tem-se postulado que aspetos particulares destas interações influenciem aspetos particulares da competência social das crianças e os nossos resultados vão neste sentido.

De um modo geral, ao examinarmos as influências do pai e da mãe no desenvolvimento da competência social (McDowell e Parke, 2009) obtivemos resultados que revelam que quer a vinculação à mãe, quer a vinculação ao pai contribuem para o desenvolvimento social das crianças. A este nível, a segurança ao pai surgiu como preditor independente da segurança à mãe, apoiando o postulado de que o impacto do pai na competência social das crianças é crucial e também independente da influência da mãe (e.g., Cabrera et al., 2007; Chae & Lee, 2011). Ou seja, mãe e pai influenciam o desenvolvimento da competência social das crianças (e.g., Attili et al., 2010), apresentando contributos partilhados e outros que são específicos e contingentes às particularidades de cada uma destas relações. Assim, juntando-se ao modesto conjunto de estudos que realizou uma análise independente dos contributos de ambas as relações de vinculação, os nossos resultados vão ao encontro da expectativa de que o pai desempenha um papel importante no desenvolvimento social das crianças, que não é redundante face ao da mãe (e.g., Chae & Lee, 2011). Deste modo, a pertinência de incluir o pai, para além da mãe, na investigação acerca das implicações das primeiras relações afetivas na competência social das crianças, volta a ser evidenciada e justificada.

Seguidamente, analisámos os contributos das representações de vinculação das crianças para a sua posterior competência social. Obtivemos resultados que indicam que as representações de relações de vinculação seguras predizem a posterior competência social no grupo de pares, indo ao encontro de estudos prévios que reportam, de forma semelhante, uma associação entre as representações de vinculação e o funcionamento social das crianças (e.g., Page & Bretherton, 2001; Rydell et al., 2005). Particularmente, corroboram a evidência reportada por Veríssimo et al. (2014) - o primeiro e único estudo, do nosso conhecimento, a analisar as associações entre representações de vinculação e competência social, propriamente dita, durante a infância. Contudo, estes autores analisaram esta associação com base em avaliações concorrentes da vinculação e da competência social, o que condicionou a que os dados não pudessem dar conta de relações causais entre estes dois constructos. Seguindo as sugestões destes autores, no nosso estudo as avaliações da vinculação e da competência social realizaram-se separadamente no tempo, o que permitiu ultrapassar esta contingência.

No presente estudo, os contributos das representações de vinculação foram evidentes em todos os domínios da competência social. Deste modo, crianças com representações mais

seguras das suas relações de vinculação tendem a ser mais competentes no seu grupo pré-escolar, apresentando vantagens que se traduzem no facto de estarem mais motivadas e envolvidas com os pares, serem melhor aceites por eles e de exibirem perfis de atributos comportamentais e psicológicos que as destacam como mais competentes no seu grupo. De um modo geral, estes resultados sugerem que os modelos internos dinâmicos, emergentes das representações sensoriomotoras precoces e de interações continuadas com as figuras de vinculação, contribuem significativamente para a competência social das crianças, em todas as suas dimensões.

Por último, analisámos a existência de um papel mediador das representações de vinculação das crianças na relação entre vinculação precoce e posterior competência social no grupo pré-escolar. Os resultados a este nível confirmaram a existência de um efeito mediador indo ao encontro da hipótese derivada da teoria da vinculação de que os modelos internos dinâmicos são os mecanismos subjacentes à ligação entre vinculação precoce e posterior funcionamento social (e.g. Bowlby, 1973). É recorrente verificarmos a evocação deste postulado por parte dos investigadores para dar conta da continuidade dos contributos das relações de vinculação para a competência social. Contudo não encontramos evidência empírica a este nível, pelo que, do nosso conhecimento, este é o primeiro estudo a providenciá-la. De um modo geral, os nossos resultados são consistentes com a noção de que a continuidade dos contributos das relações de vinculação pode ser entendida e explicada à luz do papel mediador dos modelos internos dinâmicos.

Adicionalmente, todos os nossos resultados derivam da implementação de medidas amplas e abrangentes de ambos os constructos em análise. Seleccionámos medidas de vinculação amplamente testadas e validadas ao longo de anos e que se encontram significativamente associadas (e.g., Bretherton et al, 1990; Posada et al, 2013; van IJzendoorn, et al., 2004; Wong et al., 2011) e recorreremos também a uma bateria de indicadores da competência social que tem vindo a ser testada e validada durante a última década (Bost et al., 1998; Santos et al., 2012; Santos, Vaughn, Peceguina, & Daniel, 2014; Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009), cumprindo, assim, o requisito de medidas amplas e abrangentes proposto por Waters e Sroufe (1983). Estes autores argumentaram que a associação entre a vinculação e a competência social aumentaria quando medidas amplas e abrangentes fossem mobilizadas para ambos os constructos. Os nossos resultados, bem como os de estudos anteriores, vão ao encontro da validação deste argumento, verificando-se associações mais fortes quando medidas amplas e abrangentes destes constructos complexos são mobilizadas,

comparativamente a medidas mais restritas e reducionistas dos mesmos (e.g., Shneider et al., 2001; Veríssimo et al., 2014).

De facto, de acordo com Waters e Sroufe (1983), a avaliação da vinculação e da competência social constitui-se um aspeto crítico a ser considerado na investigação que procura analisar a sua ligação, na medida em que ambos os constructos são complexos e, portanto, nenhum deles é redutível à avaliação de uma dimensão única. Contudo, a maioria dos estudos nem sempre adota medidas abrangentes e é frequente verificar-se que, principalmente, a competência social tem sido medida com recurso a medidas indiretas (e.g., questionários).

A definição de competência social que utilizamos é mais abrangente do que a utilizada em outros estudos e recorreremos a uma alternativa mais válida e apropriada no que se refere à avaliação deste constructo. Desta forma, avaliámos a competência social recorrendo ao modelo Hierárquico, que contempla medidas de observação direta de comportamentos e entrevistas sociométricas das crianças. Este modelo de avaliação permite obter uma representação da competência social do ponto de vista da própria criança em vez da representação da competência das crianças centrada na perceção de adultos (Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014).

Neste âmbito, obtivemos resultados consistentes com estudos prévios no que diz respeito à sua adequação e validação enquanto ferramenta útil e precisa para se obter uma descrição mais completa da competência social das crianças em idade pré-escolar (Bost et al., 1998; Santos et al., 2013; Santos, Vaughn, Peceguina, & Daniel, 2014; Santos, Vaughn, Peceguina, Daniel, & Shin, 2014; Vaughn, 2001; Vaughn et al., 2009). Neste sentido, verificámos também a existência de relações coordenadas entre os diferentes indicadores da competência social, corroborando as perspetivas de Rose-Krasnor (1997), Waters e Soufe (1983) e Bost et al. (1998). Esta abordagem mais robusta, que contempla uma análise simultânea das relações (individuais e de grupo), dos comportamentos e dos dados da personalidade, detém a vantagem de permitir uma análise mais descritiva e compreensiva da competência social das crianças.

Em suma, os três estudos realizados refletem a existência de uma relação conceptual entre vinculação e competência social, explicada em parte pelo facto de ambas requerem capacidades em comum da parte da criança, nomeadamente a mobilização de recursos pessoais e interpessoais, para atingir bons resultados desenvolvimentais (Sroufe & Waters, 1977).

Associado a isto está o facto de, tal como era esperado, a segurança da vinculação ser preditiva da competência social da criança e que tal se reflita no desempenho de comportamentos socialmente competentes com os pares (Booth-LaForce et al., 1991, Booth-LaForce et al., 1998).

Os nossos dados juntam-se, deste modo, ao corpo de estudos acerca da ligação entre vinculação e competência social, transcendendo o plano de relação conceptual para a relação empírica, sendo consistentes com a noção de que uma criança que é segura na relação de vinculação que estabelece em fases precoces do seu desenvolvimento a ambos os pais tende a ser socialmente competente noutros contextos relacionais exteriores à família (Elicker et al., 1992). A segurança da vinculação surge, desta forma, associada a um funcionamento social mais efetivo e ajustado, ao ser promotora de expectativas sociais mais positivas. Estas refletem-se na capacidade da criança para exibir comportamentos socialmente mais competentes, interagir de forma mais positiva e desenvolver relações mais positivas com os seus pares (e.g., Bohlin et al., 2000; Bost et al., 1998; Sroufe, 2005).

A evidência empírica produzida nesta investigação vai ao encontro do conjunto de estudos que tem vindo a analisar as implicações das relações de vinculação para a posterior competência social das crianças (e.g., Arend et al., 1979; Bost et al., 1998; Lieberman, 1977; Rose-Krasnor et al., 1996; Sroufe, 2005; Veríssimo et al., 2014; Veríssimo et al., 2011; Verschueren & Marcoen, 1999). No entanto, relembramos, que a grande maioria destes estudos se focou na relação de vinculação à mãe. Deste modo, os nossos resultados estendem e complementam a investigação atual, juntando-se aos poucos estudos que procuraram alargar este foco para o contributo independente da vinculação ao pai no desenvolvimento da competência social das crianças (Booth-Laforce et al., 2006; Cabrera et al., 2007; Lieberman et al., 1999; Main & Weston, 1981; Verschueren & Marcoen, 1999).

Neste sentido, obtivemos evidência que sugere, especificamente, que a qualidade das interações inerentes às relações de vinculação a ambos os pais promove um envolvimento mais positivo por parte da criança para com os seus pares. Adicionalmente, a qualidade das interações patentes nas relações de vinculação mãe/criança, parecem potenciar uma variedade de habilidades que estão inerentes à aceitação de pares e de um conjunto de características promotoras da valorização da criança enquanto par preferencial no seu grupo. Por seu turno, a proximidade e o tipo de contacto físico patentes nas relações de vinculação pai/criança parecem promover a aquisição de atributos psicológicos e comportamentais característicos de crianças socialmente competentes. No seu conjunto, estes dados revelam especificidades no modo como

a mãe e o pai podem influenciar o desenvolvimento social das crianças, ao mesmo tempo que sugerem que ambas as relações de vinculação tendem a contribuir significativamente para a adaptação global das crianças no grupo pré-escolar.

Nesta investigação, obtivemos também evidência que suporta os contributos das representações cognitivas das relações de vinculação para a competência social das crianças. Estes resultados são consistentes com o facto de estes modelos serem entendidos como capazes de influenciar as respostas emocionais e comportamentais no contexto das interações de pares (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982; Coleman, 2003). Especificamente, verificámos que os contributos das representações de vinculação são transversais aos três domínios da competência social (i.e., motivação e envolvimento social, aceitação de pares e perfil de atributos psicológicos e comportamentais).

Se cruzarmos esta evidência com a gerada no âmbito do estudo anterior, i.e., de que cada dimensão da competência social é influenciada por ambos os pais ou pelo contributo individual a cada um, o conjunto destes resultados vai ao encontro do postulado de que a organização de diferentes representações das relações de vinculação no modelo interno da criança se processa independentemente para cada figura de vinculação, em termos de qualidade e de influência no desenvolvimento da criança (Howes, 1999). Por outro lado, vão, ao encontro da teoria da vinculação que sugere que diferenças individuais relativas à segurança da vinculação devem apoiar a construção e a aquisição de habilidades, atitudes, valores e expectativas acerca dos outros, inerentes à competência social e conduzir a uma integração efetiva nos grupos exteriores à família (e.g., Bowlby, 1969/1982; Veríssimo et al., 2014).

Nesta investigação obtivemos ainda dados que providenciam suporte à hipótese derivada da teoria da vinculação de que a continuidade dos contributos da vinculação para a competência social é entendida com base no papel mediador dos modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973, 1969/1982). No global, a evidência gerada no âmbito dos três estudos que compõe o presente trabalho sugere que as relações de vinculação que as crianças estabelecem com ambos os pais oferecem-lhes as condições para desenvolverem e adquirirem ferramentas sociais, em termos de requisitos afetivos, cognitivos e comportamentais, que favorecem a competência com os pares.

Por fim, reconhecemos limitações e constrangimentos presentes nesta investigação, que condicionam a generalização dos dados encontrados. Por exemplo, a nossa amostra é pouco diversificada uma vez que os participantes recrutados provêm de famílias de classe média /

média-alta e que frequentam instituições particulares. Por outro lado o tamanho da amostra condicionou, por vezes, a realização de algumas análises mais complexas, nomeadamente ao nível da contemplação, em simultâneo, de preditores múltiplos que permitiria ter informação mais clara relativamente ao peso de cada um deles, bem como da realização de uma análise de mediação que incluísse a segurança da vinculação precoce ao pai. Neste sentido, estudos futuros devem procurar replicar estes dados, levando em consideração estas limitações, continuando, deste modo, a contribuir para uma melhor compreensão da génese da competência social à luz dos contributos das relações de vinculação a ambos os pais.

Como sugestões para investigações futuras, seria ainda interessante continuar a analisar as associações entre a segurança da vinculação à mãe e ao pai e a competência social considerando níveis de análise ainda mais específicos de ambos os constructos. Ou seja, a maioria dos estudos que temos vindo a referenciar encontra associações positivas e significativas entre valores globais de segurança e valores globais de competência social, sugerindo que ambos os pais contribuem para o desenvolvimento social das crianças. No entanto, valores globais destes constructos sintetizam informação dos seus indicadores mais específicos e não permitem registar as nunces que podem evidenciar diferentes padrões de organização que conduzem a um mesmo valor global. Por outro lado, não possibilitam a identificação de diferenças salientes que aspetos específicos de um determinado constructo podem apresentar para diferentes categorias de pessoas (e.g., pai e mãe) ou diferentes domínios de um outro constructo com o qual se relaciona.

Neste sentido, tivemos isto em consideração e, para além da tradicional análise dos valores globais de vinculação e competência social, analisámos escalas/dimensões específicas de ambos os constructos. A este nível, foi-nos possível detetar nuances no modo como esta associação é sustentada pelos contributos específicos de ambas as relações de vinculação pais-crianças, mediante a seleção de instrumentos (e.g., metodologia Q) que são sensíveis a estas diferenças e possibilitaram este tipo de análises. Investigações futuras devem ponderar a possibilidade de incluir, nos seus objetivos, níveis de análise mais específicos (e.g, análise de itens Q-sort), para assim ser possível continuar a alcançar uma compreensão mais detalhada que visa mapear exaustivamente os contributos da vinculação ao pai e da vinculação à mãe que estão subjacentes à génese da competência social das crianças em idade pré-escolar.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ.: Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*(4), 331-341. doi: 10.1037/0003-066X.46.4.333
- Ainsworth, M. D. S., & Marvin, R. (1995). On the shaping of attachment theory and research: An interview with Mary D. S. Ainsworth (Fall 1994). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *60*(2/3), 3-21. doi: 10.1111/j.1540-5834.1995.tb00200.x
- Arend, R., Gove, F., & Sroufe, L. A. (1979). Continuity of individual adaptation from infancy to kindergarten: A predictive study of ego-resiliency and curiosity in preschoolers. *Child Development*, *50*, 950-959. doi: 10.2307/1129319
- Attili, G., Vermigli, P., Roazzi, A. (2010). Children's social competence, peer status, and the quality of mother-child and father-child relationships: A multidimensional scaling approach. *European Psychologist*, *15* (1), 23-33. doi: 10.1027/1016-9040/a000002
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *51*, 1173-1182.
- Barglow, P., Contreras, J., Kavesh, L., & Vaughn, B. (1998). Developmental follow-up of 6-7 year old children of mother employed during their infancies. *Child Psychiatric and Human Development*, *29*, 3-20. doi: 10.1023/A:1022636412780
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, *75*, 43-88.
- Block, J. H. & Block, J. (1980). *The California Child Q-Set*. Palo Alto: Consulting Psychologists.
- Bohlin, G., Hagekull, B., & Rydell, A. (2000). *Attachment and social functioning: A longitudinal study from infancy to middle childhood*. Oxford: Blackwell Publishers.

- Booth-LaForce, C., Oh, W., Kim, A. H., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2006). Attachment, self-worth, and peer-group functioning. *Attachment and Human Development, 8*(4), 309-325. doi: 10.1080/14616730601048209
- Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Rubin, K. H. (1991). Relating preschoolers' social competence and their mothers' parenting behaviors to early attachment security and high risk status. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*(3), 363–382. doi: 10.1177/0265407591083004
- Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., McKinnon, J., & Rubin, K. H. (1994). Predicting social adjustment in middle childhood: The role of preschool attachment security and maternal style. *Social Development, 3*(3), 189-204. doi:10.1111/j.1467-9507.1994.tb00040.x
- Booth-LaForce, C., Rubin, K., & Rose-Krasnor, L. (1998). Perceptions of emotional support from mother and friend in middle childhood: Links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development, 69*(2), 427-442. doi: 10.2307/1132176
- Bost, K., Vaughn, B., Washington, W., Cielinski, K., & Bradbard, M. (1998). Social competence, social support, and attachment: Demarcation of construct domains, measurements, and paths of influence for preschool children attending Head Start. *Child Development, 69*(1), 192-218. doi: 10.2307/1132080
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation* (Vol. 2). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment* (Vol.1, 2nd rev. ed.). New York: Basic Books. (Original work published 1969)
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: Jonh Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28*(5), 759-775. doi: 10.1037/0012-1649.28.5.759
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K., Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp.13-47). New York: The Guilford Press.
- Bretherton, I., & Ridgeway, D. (1990). Story completion tasks to assess young children's internal working model of child and parent in the attachment relationship. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years*.

- Theory, research and intervention* (pp. 300-305). Chicago: The University of Chicago Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- Cabrera, N., Shannon, J., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From Toddlers to Pre-K. *Applied Developmental Science, 11*(4), 208-213. doi: 10.1080/10888690701762100
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R.H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.
- Chae, J., & Lee, K.Y. (2011). Impacts of Korean fathers' attachment and parenting behaviour on their children's social competence. *Social Behavior and Personality, 39*(5), 627-644. doi: 10.2224/sbp.2011.39.5.627
- Coleman, P. K. (2003). Perceptions of parent-child attachment, social self-efficacy, and peer relationships in middle childhood. *Infant and Child Development, 12*, 351-368. doi: 10.1002/icd.316
- Elicker, J., Englund, M., & Sroufe, L. A. (1992). Predicting peer competence and peer relationships in childhood from early parent-child relationships. In R. Parke & G.W. Ladd (Eds.), *Family and Peer Relationships: Modes of Linkage* (pp. 77-106). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Murphey, B. C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development, 67*(5), 2227-2247. doi: 10.2307/1131620
- Feldman, R., & Masalha, S. (2010). Parent-child and triadic antecedents of children's social competence: Cultural specificity, shared process. *Developmental Psychology, 46*(2), 455-467. doi: 10.1037/a0017415.
- Gottlieb, G. (1991). Experiential canalization of behavioral development: Theory. *Developmental Psychology, 27*(1), 4-13. doi: 10.1037/0012-1649.27.1.4
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Engelisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship:

- Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, *11*(3), 307–331. doi: 10.1111/1467-9507.00202
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Hakoama, M., & Ready, B. S. (2011). Fathering quality, father-child relationship, and child's developmental outcomes. *The American Association of Behavioral and Social Sciences Journal*, *15*, 1-24.
- Hayes, A. F. (2009). Beyond Baron and Kenny: Statistical mediation analysis in the new millennium. *Communication Monographs*, *76*(4), 408-420. doi: 10.1080/03637750903310360
- Heller, C. (2000). Attachment and social competence in preschool children (Master's thesis, Auburn University, AL).
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 671-685). New York: The Guilford Press.
- LaFreniere, P. J., & Sroufe, L. A. (1985). Profiles of peer competence in the preschool: Interrelations among measures influence of social ecology, and relation to attachment history. *Developmental Psychology*, *21*(1), 56-69. doi: 10.1037/0012-1649.21.1.56
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 1-31). Hoboken, NJ: Wiley.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, *18*(2), 211-228. doi: 10.1007/BF03173485
- Lieberman, A. F. (1977). Preschoolers' competence with a peer: Relations with attachment and peer experience. *Child Development*, *48*(4), 1277-1287. doi: 10.2307/1128485
- Lieberman, M., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development*, *70*(1), 202–213. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/1132024>

- Lindsey, E. W., Cromeens, P. R., Caldera, Y. M. (2010). Mother-child and father-child mutuality in two contexts: Consequences for young children's peer relationships. *Infant and Child Development*, 19(2), 142-160. doi: 10.1002/icd.645
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Fernandes, M. (2009). *Adaptação portuguesa do Attachment Story Completion Task – Manual de aplicação e cotação: Dimensão contínua de segurança*. Manuscrito não publicado, ISPA-IU, Lisboa, Portugal
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1/2), 66–104. doi: 10.2307/3333827
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52(3), 932-940. doi: 10.2307/1129097
- Martin, C. L., Fabes, R. A., Hanish, L. D., & Hollenstein, T. (2005). Social dynamics in the preschool. *Developmental Review*, 25(2/3), 299 – 327. doi: 10.1016/j.dr.2005.10.001
- McCandless, B., & Marshall, H. (1957). A picture sociometric technique for preschool children and its relation to teacher judgments of friendship. *Child Development*, 28, 139-148. doi: 10.2307/1125876
- McDowell, D. J., & Parke, R. D. (2005). Parental control and affect as predictors of children's display rule use and social competence with peers. *Social Development*, 14 (3), 440-457. doi: 10.1111/j.1467-9507.2005.00310.x
- McDowell, D. J, & Parke, R. D. (2009). Parental correlates of children's peer relations: An empirical test of a tripartite model. *Developmental Psychology*, 45(1), 224-235. doi: 10.1037/a0014305
- McElwain, N. L., Booth-LaForce, C., Lansford, J., Wu, X., & Dyer, J. (2008). A process model of attachment – friend linkages: Hostile attribution biases, language ability, and mother-child affective mutuality as intervening mechanisms. *Child Development*, 79(6), 1891-1906. doi: 10.1111/j.1467-8624.2008.01232.x
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development*, 6(3), 305-325. doi:10.1080/14616730412331281557

- Mitchell, S., & Cabrera, N. J. (2009). An exploratory study of fathers' parenting stress and toddlers' social development in low-income African American families. *Fathering*, 7(3), 201-225. doi: 10.3149/fth.0703.201
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Bost, K. B. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment & Human Development*, 10(2), 189-206. doi: 10.1080/14616730802113711
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai. *Psicologia*, 22, 105-125.
- Monteiro, L., Verissimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., Fernandes, M. (2010). The organization of children's secure base behaviour in two-parent Portuguese families and father's participation in child-related activities, *European Journal of Developmental Psychology* 7(5), 545-560. doi: 10.1080/17405620902823855
- Page, T., & Bretherton, I. (2001). Mother- and father-child attachment themes in the story completions of preschoolers from post-divorce families: Do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment & Human Development*, 3(1), 1-29. doi: 10.1080/713761897
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219. doi: 10.1159/000078723
- Parke, R. D., Dennis, J., Flyr, M. L., Morris, K. L., Killan, C., McDowell, D. J., & Wild, M. N. (2004). Fathering and children's peer relationships. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 307-340). Hoboken, NJ: Wiley
- Peceguina, I., Santos, A. J., Daniel, J. (2008). Medidas comportamentais e sociométricas na avaliação da competência social em crianças de idade pré-escolar. In *Actas do I Congresso em Estudos da Criança: Infâncias Possíveis Mundos Reais*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Peceguina, I, Santos, A. J., Daniel, J. R., & Vaughn, B. (2009, April). Hierarchical model of social competence: A replication study with portuguese preschool children. *Paper presented at the 2009 Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development*, Denver, USA.

- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., ... Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behaviour, mother's preferences and experts concepts. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2/3), 27-47. doi: 10.1111/j.1540-5834.1995.tb00202.x
- Posada, G., & Waters, E. (1995). Appendix I. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 36, 717-731. doi:10.3758/bf03206553
- Rose-Krasnor, L. (1997). The nature of social competence: A theoretical review. *Social Development*, 6, 111-129. doi: 10.1111/1467-9507.00029
- Rose-Krasnor, L., Rubin, K., Booth-LaForce, C., & Coplan, R. (1996). The relation of maternal directiveness and child attachment security to social competence in preschoolers. *International Journal of Behavioural Development*, 19(2), 309-325. doi: 10.1177/016502549601900205
- Rubin, K. H., Hymel, S., Mills, R., & Rose-Krasnor, L. (1991). Conceptualizing different pathways to and from social isolation in childhood. In D. Cicchetti, & S. Toth (Eds.), *The Rochester Symposium on developmental psychopathology*, (Vol. 2, pp. 91-122). New York: Cambridge University Press.
- Rydell, A-M., Bohlin, G., & Thorell, L. B. (2005). Representations of attachment to parents and shyness as predictors of children's relationships with teachers and peer competence in preschool. *Attachment & Human Development*, 7(2), 187-204. doi: 10.1080/14616730500134282
- Santos, A. J., Peceguina, I., Daniel, J. R., Shin, N., & Vaughn, B. E. (2012). Social competence in preschool children: Replication of results and clarification of a hierarchical measurement model. *Social Development* 22(1), 163-179. doi: 10.1111/sode.12007
- Santos, A. J., Vaughn, B. E., Peceguina, I., & Daniel, J. R. (2014). Longitudinal stability of social competence indicators in a Portuguese sample: Q-sort profiles of social competence, measures of social engagement, and peer sociometric acceptance. *Developmental Psychology* 50(3), 968-978. doi: 10.1037/a0034344

- Santos, A. J., Vaughn, B. E., Peceguina, I., Daniel, J. R., & Shin, N. (2014). Growth of social competence during the preschool years: A 3-year longitudinal study. *Child Development, 85*, 2062 - 2073. doi: 10.1111/cdev.12246
- Schneider, B. H., Atkinson, L., & Tardif, C. (2001). Child-parent attachment and children's peer relations: A quantitative review. *Developmental Psychology, 37*(1), 86-100. doi: 10.1037/0012-1649.37.1.86
- Seabra-Santos, M. J., Simões, M. R., Albuquerque, C. P., Pereira, M. M., Almeida, L. S., Ferreira, C., et al., (2003). Escala de Inteligência de Wechsler para a idade pré-escolar e primária – Forma Revista (W.P.P.S.I.-R.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida, & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*. (Vol. 1, pp.197-219). Coimbra: Quarteto.
- Shin, N., Vaughn, B. E., Kim, M., Krzysik, L., Bost, K. K., McBride, B., Santos, A. J., & Peceguina, I. (2011). Longitudinal analyses of a hierarchical model of peer social competence for preschool children: Structural fidelity and external correlates. *Merrill-Palmer Quarterly, 57*(1), 73-103.
- Sroufe, L. A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation and competence. In M. Perimutter (Ed), *Minnesota symposia on child psychology* (pp. 44-81). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development, 7*(4), 349-367. doi: 10.1080/14616730500365928
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development, 48*, 1184-1199.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development, 67*(2), 541–555. doi: 10.2307/1131831
- Strayer, F., Veríssimo, M., Vaughn, B., Howes, C. (1995). A quantitative approach to the description and classification of primary social relationships. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60*(2/3), 49-70. doi: 10.2307/1166170

- Szewczyk-Sokolowski, M., Bost, K. K., & Wainright, A. B. (2005). Attachment, temperament, and preschool children's peer acceptance. *Social Development, 14*(3), 379–397. doi: 10.1111/j.1467-9507.2005.00307.x
- Tamis-LeMonda, C.S. (2004). Conceptualizing father's roles: Playmates and more. *Human Development, 47*(4), 220-227. doi: 10.1159/000078724
- Trapolini T., Ungerer J., & McMahon C. (2007). Maternal depression and children's attachment representations during the preschool years. *British Journal of Developmental Psychology, 25*, 247–261. doi: 10.1348/026151006x118739
- Treboux, D., Crowell, J. A., & Waters, E. (2004). When “new” meets “old”: Configurations of adult attachment representations and their implications for marital functioning. *Developmental Psychology, 40*(2), 295-314. doi: 10.1037/0012-1649.40.2.295
- Turner, P. (1991). Relations between attachment, gender, and behavior with peers in preschool. *Child Development, 62*(6), 1475-1488. doi: 10.2307/1130820
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development, 75*(4), 1188-1213. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00733.x
- Vaughn, B. E. (2001). A hierarchical model of social competence for preschool-age children: Cross-sectional and longitudinal analyses. *Revue Internationale de Psychologie Sociale, 14*, 13-40.
- Vaughn, B. E., Azria, M. R., Krzysik, L., Caya, L. R., Bost, K. K., Newell, W., & Kazura, K. L. (2000). Friendship and social competence in a sample of preschool children attending Head-Start. *Developmental Psychology, 36*(3), 326-338. doi: 10.1037/0012-1649.36.3.326
- Vaughn, B. E., Copolla, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., Posada, G., Carbonell, O. A., ... Korth, B. (2007). The quality of maternal secure-base scripts predicts children's secure-base behavior at home in three sociocultural groups. *International Journal of Behavioral Development, 31*(1), 65-76. doi: 10.1177/0165025407073574
- Vaughn, B. E., & Martino, D. (1988). Q-Sort correlates of visual regard in groups of young preschool children. *Developmental Psychology, 24*(4), 589-594. doi: 10.1037/0012-1649.24.4.589

- Vaughn, B. E., Shin, N., Kim, M., Coppola, G., Krzysik, L., Santos, A. J., Peceguina, I., ... Korth, B. (2009). Hierarchical models of social competence in preschool children: A multi-site, multi-national study. *Child Development, 80*, 1775-1796. doi:10.1111/j.1467-8624.2009.01367.x
- Vaughn, B. E., & Waters, E. (1981). Attention structure, sociometric status, and dominance: Interrelations, behavioural correlates, and relationships to social competence. *Developmental Psychology, 17*(3), 265-288. doi: 10.1037/0012-1649.17.3.275
- Vaughn, B. E., & Waters, E. (1990). Attachment behavior at home and in the laboratory: Q-sort observations and strange situation classifications of one-year-olds. *Child Development, 61*(6), 1965-1973. doi: 10.1111/j.1467-8624.1990.tb03578.x
- Veríssimo, M., Blicharsky, T., Strayer, F., & Santos, A. (1995). Vinculação e estilos de comunicação da criança. *Análise Psicológica, 13* (1/2), 145-155.
- Veríssimo, M., Fernandes, C., Santos, A. J., Peceguina, I., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2011). A relação entre a qualidade de vinculação à mãe e o desenvolvimento da competência social em crianças de idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*, 292-299. doi:10.1590/S0102-79722011000200010
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Rosa, & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.
- Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2008). Desenvolvimento social: algumas considerações teóricas. *Análise Psicológica, 26*(3), 389-394.
- Veríssimo, M., Santos, A. J., Fernandes, C., Shin, N., & Vaughn, B. E. (2014). Associations between attachment security and social competence in preschool children. *Merrill-Palmer Quarterly, 60*, 80-99. doi: 10.1353/mpq.2014.0001
- Veríssimo, M., Santos, A. J., Vaughn, B. E., Torres, N., Monteiro, L., & Santos, O. (2011). Quality of attachment to father and mother and number of reciprocal friends. *Early Child Development and Care, 18*(1), 27-38. doi: 10.1080/03004430903211208
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development, 70*(1), 183-201. doi: 10.1111/1467-8624.00014

- Waters, E. (1995). Appendix A: The attachment Q-set (Version 3.0). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60(2/3), 234-246. doi: 10.2307/1166181
- Waters, E., & Deane, K. E. (1985). Defining and assessing individual differences in attachment relationships: Q-Methodology and the organization of behavior in infancy and early childhood. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1/2), 41–65. doi: 10.2307/3333826
- Waters, E., Garber, J., Gornal, M., Vaughn, B. (1983). Q-sort correlates of visual regard among preschool peers: Validation of a behavioral index of social competence. *Developmental Psychology*, 19(4), 550-560. doi: 10.1037/0012-1649.19.4.550
- Waters, E., Noyes, D., Vaughn, B., & Ricks, M. (1985). Q-sort definitions of social competence and self-esteem: Discriminant validity of related constructs in theory and data. *Developmental Psychology*, 21(3), 508-522. doi: 10.1037/0012-1649.21.3.508
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71(3), 211–234. doi: 10.1006/jecp.1998.2473
- Waters, E., & Sroufe, L. A. (1983). Social competence as a developmental construct. *Development Review*, 3(1), 79-97. doi: 10.1016/0273-2297(83)90010-2
- Waters, E., Wippman, J., & Sroufe, L. A. (1979). Attachment, positive affect, and competence in the peer group: Two studies in construct validation. *Child Development*, 50(3), 821-829. doi: 10.2307/1128949
- Wong, M., Bost, K. K., Shin, N., Veríssimo, M., Maia, J., Monteiro, L., Silva, F., ... Vaughn, B. E. (2011). Preschool children's mental representations of attachment: Antecedents in their secure base behaviors and maternal attachment scripts. *Attachment & Human Development*, 13(5), 489-502. doi: 10.1080/14616734.2011.602256

Anexos

Anexo I:
Outputs 1º Estudo

Descritivos

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade AQS	39	27,000	53,333	36,51537	7,054872
N válido (de lista)	39				

Sex

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	1,0	14	35,9	35,9	35,9
	2,0	25	64,1	64,1	100,0
	Total	39	100,0	100,0	

irm

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	1,0	24	61,5	66,7	66,7
	2,0	12	30,8	33,3	100,0
	Total	36	92,3	100,0	
Ausente	Sistema	3	7,7		
	Total	39	100,0		

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Nhoras	34	6,0	10,0	8,147	1,1046
N válido (de lista)	34				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
idm	35	27,0	49,0	36,343	4,3921
idp	35	32,0	61,0	37,571	5,0193
N válido (de lista)	35				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Hlm	35	9,0	23,0	15,771	2,8293
Hlp	35	9,0	18,0	15,743	2,4295
N válido (de lista)	35				

trabm

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1,0	34	87,2	97,1	97,1
	2,0	1	2,6	2,9	100,0
	Total	35	89,7	100,0	
Ausente	Sistema	4	10,3		
Total		39	100,0		

trabtp

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	2,0	19	48,7	100,0	100,0
Ausente	Sistema	20	51,3		
Total		39	100,0		

Alphas de Cronbach Escalas AQS

Interação Suave com a Mãe

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,855	17

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_M01	103,167	268,465	,775	,845
3_AQS_V_M02	102,808	257,008	,626	,842
3_AQS_V_M06	104,128	272,378	,337	,852
3_AQS_V_M09	103,859	248,197	,630	,839
3_AQS_V_M18	104,744	237,525	,766	,831
3_AQS_V_M19	104,115	247,861	,642	,839
3_AQS_V_M24	106,641	285,236	,006	,865
3_AQS_V_M32	105,846	237,463	,677	,835
3_AQS_V_M38	104,603	227,647	,765	,829
3_AQS_V_M41	103,872	254,430	,654	,840
3_AQS_V_M54	103,628	276,088	,198	,857
3_AQS_V_M62	106,577	333,257	-,789	,895
3_AQS_V_M65	103,000	272,395	,464	,850
3_AQS_V_M70	105,013	275,427	,212	,857
3_AQS_V_M74	105,436	220,818	,774	,828
3_AQS_V_M79	103,795	232,865	,831	,827
3_AQS_V_M81	105,179	227,441	,629	,839

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
111,026	287,881	16,9671	17

Contacto Físico com a Mãe

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,771	7

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_M03	5,321	1,4532	39
3_AQS_V_M28	7,321	1,6760	39
3_AQS_V_M33	7,590	1,5554	39
3_AQS_V_M44	6,923	1,9110	39
3_AQS_V_M53	7,641	1,3952	39
3_AQS_V_M64	5,333	2,1068	39
3_AQS_V_M71	6,128	1,3559	39

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_M03	40,936	46,831	,385	,762
3_AQS_V_M28	38,936	38,568	,731	,690
3_AQS_V_M33	38,667	41,820	,615	,718
3_AQS_V_M44	39,333	35,925	,743	,680
3_AQS_V_M53	38,615	42,690	,656	,715
3_AQS_V_M64	40,923	44,020	,291	,797
3_AQS_V_M71	40,128	52,378	,122	,802

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
46,256	56,604	7,5235	7

Proximidade com a Mãe

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,741	10

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_M11	53,551	78,392	,522	,700
3_AQS_V_M14	53,551	101,879	,153	,751
3_AQS_V_M21	52,103	91,081	,514	,708
3_AQS_V_M25	52,244	102,604	,170	,747
3_AQS_V_M34	52,833	107,952	-,016	,763
3_AQS_V_M35	54,654	76,818	,629	,678
3_AQS_V_M36	51,936	104,937	,056	,761
3_AQS_V_M43	53,667	71,004	,736	,653
3_AQS_V_M59	56,179	92,401	,426	,718
3_AQS_V_M69	52,821	81,730	,656	,679

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
59,282	109,063	10,4433	10

Interação com Outros Adultos (Mãe)

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,868	13

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_M07	5,756	2,4491	39
3_AQS_V_M12	6,782	1,7689	39
3_AQS_V_M15	7,410	1,5341	39
3_AQS_V_M17	5,513	1,7490	39
3_AQS_V_M48	6,846	2,0071	39
3_AQS_V_M50	5,295	2,5176	39
3_AQS_V_M51	2,782	1,9762	39
3_AQS_V_M58	7,218	1,9050	39
3_AQS_V_M60	5,231	1,1519	39
3_AQS_V_M66	6,756	2,1209	39
3_AQS_V_M67	5,308	2,0952	39
3_AQS_V_M76	5,526	1,8530	39
3_AQS_V_M78	4,744	2,3644	39

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_M07	69,410	207,393	,656	,851
3_AQS_V_M12	68,385	220,559	,685	,851
3_AQS_V_M15	67,756	236,538	,440	,863
3_AQS_V_M17	69,654	228,002	,542	,858
3_AQS_V_M48	68,321	221,862	,565	,857
3_AQS_V_M50	69,872	214,641	,525	,860
3_AQS_V_M51	72,385	232,624	,384	,867
3_AQS_V_M58	67,949	214,497	,745	,847
3_AQS_V_M60	69,936	258,371	-,001	,878
3_AQS_V_M66	68,410	205,630	,815	,841
3_AQS_V_M67	69,859	221,841	,536	,858
3_AQS_V_M76	69,641	225,184	,558	,857
3_AQS_V_M78	70,423	220,968	,471	,863

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
75,167	259,675	16,1144	13

Interação Suave com o Pai

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,857	17

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_P01	7,385	1,6562	39
3_AQS_V_P02	8,026	1,1236	39
3_AQS_V_P06	7,410	1,3072	39
3_AQS_V_P09	7,718	1,3707	39
3_AQS_V_P18	6,551	1,9728	39
3_AQS_V_P19	7,154	1,6024	39
3_AQS_V_P24	4,782	1,2183	39
3_AQS_V_P32	4,962	1,8005	39
3_AQS_V_P38	6,487	2,2869	39
3_AQS_V_P41	7,128	1,1960	39
3_AQS_V_P54	6,910	1,7086	39
3_AQS_V_P62	3,872	1,5883	39
3_AQS_V_P65	7,949	1,2128	39
3_AQS_V_P70	5,346	1,5268	39
3_AQS_V_P74	6,141	2,0582	39
3_AQS_V_P79	7,397	1,9063	39
3_AQS_V_P81	6,346	2,5109	39

Estadísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_P01	104,179	232,414	,351	,855
3_AQS_V_P02	103,538	241,939	,277	,857
3_AQS_V_P06	104,154	230,305	,526	,848
3_AQS_V_P09	103,846	237,502	,320	,856
3_AQS_V_P18	105,013	218,427	,524	,847
3_AQS_V_P19	104,410	221,314	,608	,844
3_AQS_V_P24	106,782	239,458	,317	,856
3_AQS_V_P32	106,603	221,016	,535	,847
3_AQS_V_P38	105,077	196,823	,792	,830
3_AQS_V_P41	104,436	232,489	,520	,849
3_AQS_V_P54	104,654	218,594	,621	,842
3_AQS_V_P62	107,692	267,955	-,338	,882
3_AQS_V_P65	103,615	233,585	,481	,850
3_AQS_V_P70	106,218	226,366	,526	,847
3_AQS_V_P74	105,423	208,889	,668	,839
3_AQS_V_P79	104,167	209,991	,711	,837
3_AQS_V_P81	105,218	205,050	,578	,845

Estadísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
111,564	252,884	15,9023	17

Contacto Físico com o Pai:

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,839	7

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_P03	5,500	1,4096	39
3_AQS_V_P28	7,154	1,7813	39
3_AQS_V_P33	7,551	1,3219	39
3_AQS_V_P44	6,628	2,2352	39
3_AQS_V_P53	7,064	1,7327	39
3_AQS_V_P64	5,692	2,3859	39
3_AQS_V_P71	5,192	,8241	39

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_P03	39,282	65,629	,354	,847
3_AQS_V_P28	37,628	51,036	,844	,774
3_AQS_V_P33	37,231	63,709	,485	,832
3_AQS_V_P44	38,154	46,134	,809	,777
3_AQS_V_P53	37,718	54,195	,725	,795
3_AQS_V_P64	39,090	47,867	,671	,809
3_AQS_V_P71	39,590	71,183	,276	,853

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
44,782	75,695	8,7003	7

Proximidade com o Pai:

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,750	10

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_P11	4,821	2,5713	39
3_AQS_V_P14	5,628	2,1574	39
3_AQS_V_P21	6,423	1,7303	39
3_AQS_V_P25	6,013	1,7936	39
3_AQS_V_P34	6,385	1,4800	39
3_AQS_V_P35	4,397	2,5318	39
3_AQS_V_P36	7,179	1,5538	39
3_AQS_V_P43	5,808	2,3497	39
3_AQS_V_P59	2,603	1,6310	39
3_AQS_V_P69	5,859	2,1793	39

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_P11	50,295	95,602	,503	,715
3_AQS_V_P14	49,487	116,730	,131	,771
3_AQS_V_P21	48,692	110,258	,392	,733
3_AQS_V_P25	49,103	114,805	,247	,751
3_AQS_V_P34	48,731	126,445	-,034	,776
3_AQS_V_P35	50,718	89,510	,659	,685
3_AQS_V_P36	47,936	110,739	,439	,729
3_AQS_V_P43	49,308	91,890	,668	,685
3_AQS_V_P59	52,513	107,480	,513	,719
3_AQS_V_P69	49,256	98,011	,573	,704

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
55,115	127,506	11,2919	10

Interação com Outros Adultos (Pai):

Resumo de processamento do caso

		N	%
Casos	Válido	39	100,0
	Excluídos ^a	0	,0
	Total	39	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,913	13

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
3_AQS_V_P07	5,667	2,3988	39
3_AQS_V_P12	6,295	2,5358	39
3_AQS_V_P15	6,487	2,3466	39
3_AQS_V_P17	5,551	1,7910	39
3_AQS_V_P48	6,282	2,3362	39
3_AQS_V_P50	4,244	2,4003	39
3_AQS_V_P51	3,051	2,4138	39
3_AQS_V_P58	6,346	2,3259	39
3_AQS_V_P60	5,321	1,5109	39
3_AQS_V_P66	6,231	2,5748	39
3_AQS_V_P67	3,936	2,3232	39
3_AQS_V_P76	5,500	2,3480	39
3_AQS_V_P78	4,205	2,6500	39

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
3_AQS_V_P07	63,449	377,879	,680	,905
3_AQS_V_P12	62,821	360,651	,830	,898
3_AQS_V_P15	62,628	383,562	,630	,907
3_AQS_V_P17	63,564	393,897	,702	,905
3_AQS_V_P48	62,833	391,360	,543	,910
3_AQS_V_P50	64,872	395,891	,475	,913
3_AQS_V_P51	66,064	388,884	,549	,910
3_AQS_V_P58	62,769	370,116	,799	,900
3_AQS_V_P60	63,795	429,036	,251	,918
3_AQS_V_P66	62,885	353,388	,899	,895
3_AQS_V_P67	65,179	383,243	,642	,906
3_AQS_V_P76	63,615	382,296	,645	,906
3_AQS_V_P78	64,910	377,064	,611	,908

Estatísticas de escala

Média	Variância	Desvio Padrão	N de itens
69,115	447,006	21,1425	13

Correlações entre variáveis demográficas e as variáveis em estudo

Correlações

		IdadeAQS _cri	ICA	Nhoras	idm	idp	Hlm	Hlp	trabhm	trabh
AQSM	Correlação de Pearson	,246	-,279	,222	-,370*	-,292	,329	,435**	,385	-,089
	Sig. (2 extremidades)	,132	,105	,206	,029	,088	,054	,009	,174	,783
	N	39	35	34	35	35	35	35	14	12
AQSP	Correlação de Pearson	,074	-,278	,245	,281	,160	,004	,204	-,243	,243
	Sig. (2 extremidades)	,656	,106	,162	,102	,360	,980	,240	,403	,447
	N	39	35	34	35	35	35	35	14	12
CS_GLOBAL_5	Correlação de Pearson	,185	-,249	,425*	-,058	-,050	,298	,450**	-,042	-,157
	Sig. (2 extremidades)	,259	,149	,012	,739	,775	,082	,007	,886	,626
	N	39	35	34	35	35	35	35	14	12

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Análise de diferenças em função do sexo

Descritivos

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AQSM	1,0	14	,49767	,214370	,057293	,37390	,62145	-,116	,732
	2,0	25	,60189	,111860	,022372	,55571	,64806	,417	,799
	Total	39	,56448	,161830	,025914	,51202	,61694	-,116	,799
AQSP	1,0	14	,52260	,192563	,051465	,41142	,63378	,036	,701
	2,0	25	,56600	,134186	,026837	,51061	,62139	,290	,788
	Total	39	,55042	,156532	,025065	,49968	,60116	,036	,788
CS_GLOBAL_5	1,0	14	,20507	,809121	,216247	,26211	,67224	-1,651	1,342
	2,0	25	,59771	,369962	,073992	,44500	,75043	,051	1,394
	Total	39	,45676	,588918	,094302	,26586	,64767	-1,651	1,394

Teste de Homogeneidade de Variâncias

	Estadística de Levene	df1	df2	Sig.
AQSM	2,333	1	37	,135
AQSP	,637	1	37	,430
CS_GLOBAL_5	6,565	1	37	,015

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AQSM	Entre Grupos	,097	1	,097	4,017	,052
	Nos grupos	,898	37	,024		
	Total	,995	38			
AQSP	Entre Grupos	,017	1	,017	,684	,413
	Nos grupos	,914	37	,025		
	Total	,931	38			
CS_GLOBAL_5	Entre Grupos	1,384	1	1,384	4,340	,044
	Nos grupos	11,796	37	,319		
	Total	13,179	38			

Testes Robustos de Igualdade de Médias

		Estadística ^a	df1	df2	Sig.
AQSM	Welch	2,871	1	17,052	,108
AQSP	Welch	,559	1	20,222	,463
CS_GLOBAL_5	Welch	2,951	1	16,103	,105

a. F distribuído assintoticamente.

Análise de diferenças em função da ordem de nascimento

Descritivos

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AQSM	1,0	19	,57701	,119334	,027377	,51949	,63452	,324	,785
	2,0	17	,53441	,207724	,050380	,42761	,64121	-,116	,799
	Total	36	,55689	,165874	,027646	,50077	,61302	-,116	,799
AQSP	1,0	19	,55593	,129899	,029801	,49332	,61854	,290	,788
	2,0	17	,54048	,197442	,047887	,43897	,64200	,036	,748
	Total	36	,54863	,162972	,027162	,49349	,60378	,036	,788
CS_GLOBAL_5	1,0	19	,43686	,493600	,113240	,19895	,67476	-,560	1,394
	2,0	17	,47406	,654906	,158838	,13734	,81078	-1,651	1,155
	Total	36	,45442	,567208	,094535	,26251	,64634	-1,651	1,394

Teste de Homogeneidade de Variâncias

	Estatística de Levene	df1	df2	Sig.
AQSM	1,317	1	34	,259
AQSP	2,494	1	34	,124
CS_GLOBAL_5	,398	1	34	,532

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AQSM	Entre Grupos	,016	1	,016	,585	,450
	Nos grupos	,947	34	,028		
	Total	,963	35			
AQSP	Entre Grupos	,002	1	,002	,078	,781
	Nos grupos	,927	34	,027		
	Total	,930	35			
CS_GLOBAL_5	Entre Grupos	,012	1	,012	,038	,848
	Nos grupos	11,248	34	,331		
	Total	11,260	35			

Testes Robustos de Igualdade de Médias

		Estatística ^a	df1	df2	Sig.
AQSM	Welch	,552	1	24,913	,465
AQSP	Welch	,075	1	27,170	,786
CS_GLOBAL_5	Welch	,036	1	29,601	,850

a. F distribuído assintoticamente.

Qualidade de Vinculação da criança à mãe e ao pai

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
AQSM	39	-,116	,799	,56448	,161830
AQSP	39	,036	,788	,55042	,156532
N válido (de lista)	39				

Modelo linear geral**Fatores entre assuntos**

Medir: MEASURE_1

fator1	Variável dependente
1	Score_segM
2	Score_segP

Fatores entre assuntos

	N
Sex 1,0	14
2,0	25

Testes multivariáveis^a

Efeito		Valor	Z	df de hipótese	Erro df	Sig.
fator1	Rastreamento de Pillai	,001	,031 ^b	1,000	37,000	,861
	Lambda de Wilks	,999	,031 ^b	1,000	37,000	,861
	Rastreamento de Hotelling	,001	,031 ^b	1,000	37,000	,861
	Maior raiz de Roy	,001	,031 ^b	1,000	37,000	,861
fator1 * Sex	Rastreamento de Pillai	,025	,959 ^b	1,000	37,000	,334
	Lambda de Wilks	,975	,959 ^b	1,000	37,000	,334
	Rastreamento de Hotelling	,026	,959 ^b	1,000	37,000	,334
	Maior raiz de Roy	,026	,959 ^b	1,000	37,000	,334

a. Design: Intercepção + Sex

Design entre Assuntos: fator1

b. Estatística exata

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Esfericidade considerada	,001	1	,001	,031	,861
	Greenhouse-Geisser	,001	1,000	,001	,031	,861
	Huynh-Feldt	,001	1,000	,001	,031	,861
	Limite inferior	,001	1,000	,001	,031	,861
fator1 * Sex	Esfericidade considerada	,017	1	,017	,959	,334
	Greenhouse-Geisser	,017	1,000	,017	,959	,334
	Huynh-Feldt	,017	1,000	,017	,959	,334
	Limite inferior	,017	1,000	,017	,959	,334
Erro(fator1)	Esfericidade considerada	,640	37	,017		
	Greenhouse-Geisser	,640	37,000	,017		
	Huynh-Feldt	,640	37,000	,017		
	Limite inferior	,640	37,000	,017		

Testes de contrastes entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Linear	,001	1	,001	,031	,861
fator1 * Sex	Linear	,017	1	,017	,959	,334
Erro(fator1)	Linear	,640	37	,017		

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Variável transformada: Média

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Interceptação	21,485	1	21,485	678,596	,000
Sex	,098	1	,098	3,088	,087
Erro	1,171	37	,032		

Correlações

		AQSM	AQSP
AQSM	Correlação de Pearson	1	,318*
	Sig. (2 extremidades)		,049
	N	39	39
AQSP	Correlação de Pearson	,318*	1
	Sig. (2 extremidades)	,049	
	N	39	39

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Escala AQS

Modelo linear geral**Fatores entre assuntos**

Medir: MEASURE_1

fator1	Variável dependente
1	IS_M
2	IS_P

Fatores entre assuntos

		N
Sex	1,0	14
	2,0	25

Estatísticas descritivas

	Sex	Média	Desvio Padrão	N
interacção Suave MAE	1,0	6,6513	1,00510	14
	2,0	6,8951	,79626	25
	Total	6,8076	,87182	39
interacção Suave PAI	1,0	6,8613	,91765	14
	2,0	7,0236	,69166	25
	Total	6,9654	,77230	39

Testes multivariáveis^a

Efeito		Valor	Z	df de hipótese	Erro df	Sig.
fator1	Rastreamento de Pillai	,032	1,213 ^b	1,000	37,000	,278
	Lambda de Wilks	,968	1,213 ^b	1,000	37,000	,278
	Rastreamento de Hotelling	,033	1,213 ^b	1,000	37,000	,278
	Maior raiz de Roy	,033	1,213 ^b	1,000	37,000	,278
fator1 * Sex	Rastreamento de Pillai	,002	,070 ^b	1,000	37,000	,792
	Lambda de Wilks	,998	,070 ^b	1,000	37,000	,792
	Rastreamento de Hotelling	,002	,070 ^b	1,000	37,000	,792
	Maior raiz de Roy	,002	,070 ^b	1,000	37,000	,792

a. Design: Interceptação + Sex

Design entre Assuntos: fator1

b. Estatística exata

Modelo linear geral

Fatores entre assuntos

Medir: MEASURE_1

fator1	Variável dependente
1	IO_M
2	IO_P

Fatores entre assuntos

		N
Sex	1,0	14
	2,0	25

Estatísticas descritivas

	Sex	Média	Desvio Padrão	N
outro adulto	1,0	5,5164	1,46230	14
	2,0	5,9882	,68244	25
	Total	5,8188	1,03839	39
outro adulto	1,0	5,5575	1,34504	14
	2,0	5,7149	,88983	25
	Total	5,6584	1,06058	39

Testes multivariáveis^a

Efeito		Valor	Z	df de hipótese	Erro df	Sig.
fator1	Rastreamento de Pillai	,013	,470 ^b	1,000	37,000	,497
	Lambda de Wilks	,987	,470 ^b	1,000	37,000	,497
	Rastreamento de Hotelling	,013	,470 ^b	1,000	37,000	,497
	Maior raiz de Roy	,013	,470 ^b	1,000	37,000	,497
fator1 * Sex	Rastreamento de Pillai	,023	,862 ^b	1,000	37,000	,359
	Lambda de Wilks	,977	,862 ^b	1,000	37,000	,359
	Rastreamento de Hotelling	,023	,862 ^b	1,000	37,000	,359
	Maior raiz de Roy	,023	,862 ^b	1,000	37,000	,359

a. Design: Interceptação + Sex

Design entre Assuntos: fator1

b. Estatística exata

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Esfericidade considerada	,242	1	,242	,470	,497
	Greenhouse-Geisser	,242	1,000	,242	,470	,497
	Huynh-Feldt	,242	1,000	,242	,470	,497
	Limite inferior	,242	1,000	,242	,470	,497
fator1 * Sex	Esfericidade considerada	,444	1	,444	,862	,359
	Greenhouse-Geisser	,444	1,000	,444	,862	,359
	Huynh-Feldt	,444	1,000	,444	,862	,359
	Limite inferior	,444	1,000	,444	,862	,359
Erro(fator1)	Esfericidade considerada	19,049	37	,515		
	Greenhouse-Geisser	19,049	37,000	,515		
	Huynh-Feldt	19,049	37,000	,515		
	Limite inferior	19,049	37,000	,515		

Testes de contrastes entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Linear	,242	1	,242	,470	,497
fator1 * Sex	Linear	,444	1	,444	,862	,359
Erro(fator1)	Linear	19,049	37	,515		

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Variável transformada: Média

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Interceptação	2327,907	1	2327,907	1379,258	,000
Sex	1,776	1	1,776	1,052	,312
Erro	62,448	37	1,688		

Modelo linear geral

Fatores entre assuntos

Medir: MEASURE_1

fator1	Variável dependente
1	CF_M
2	CF_P

Fatores entre assuntos

		N
Sex	1,0	14
	2,0	25

Estatísticas descritivas

	Sex	Média	Desvio Padrão	N
contacto Fisico c MAE	1,0	6,2246	,85795	14
	2,0	6,7115	,88930	25
	Total	6,5367	,89850	39
contacto Fisico c PAI	1,0	6,1582	1,31415	14
	2,0	6,4914	1,07493	25
	Total	6,3718	1,16052	39

Testes multivariáveis^a

Efeito		Valor	Z	df de hipótese	Erro df	Sig.
fator1	Rastreamento de Pillai	,007	,275 ^b	1,000	37,000	,603
	Lambda de Wilks	,993	,275 ^b	1,000	37,000	,603
	Rastreamento de Hotelling	,007	,275 ^b	1,000	37,000	,603
	Maior raiz de Roy	,007	,275 ^b	1,000	37,000	,603
fator1 * Sex	Rastreamento de Pillai	,002	,079 ^b	1,000	37,000	,780
	Lambda de Wilks	,998	,079 ^b	1,000	37,000	,780
	Rastreamento de Hotelling	,002	,079 ^b	1,000	37,000	,780
	Maior raiz de Roy	,002	,079 ^b	1,000	37,000	,780

a. Design: Intercepção + Sex

Design entre Assuntos: fator1

b. Estatística exata

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Esfericidade considerada	,369	1	,369	,275	,603
	Greenhouse-Geisser	,369	1,000	,369	,275	,603
	Huynh-Feldt	,369	1,000	,369	,275	,603
	Limite inferior	,369	1,000	,369	,275	,603
fator1 * Sex	Esfericidade considerada	,106	1	,106	,079	,780
	Greenhouse-Geisser	,106	1,000	,106	,079	,780
	Huynh-Feldt	,106	1,000	,106	,079	,780
	Limite inferior	,106	1,000	,106	,079	,780
Erro(fator1)	Esfericidade considerada	49,612	37	1,341		
	Greenhouse-Geisser	49,612	37,000	1,341		
	Huynh-Feldt	49,612	37,000	1,341		
	Limite inferior	49,612	37,000	1,341		

Testes de contrastes entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem	fator1	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Linear	,369	1	,369	,275	,603
fator1 * Sex	Linear	,106	1	,106	,079	,780
Erro(fator1)	Linear	49,612	37	1,341		

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Variável transformada: Média

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Interceptação	2937,427	1	2937,427	3732,313	,000
Sex	3,018	1	3,018	3,835	,058
Erro	29,120	37	,787		

Modelo linear geral**Fatores entre assuntos**

Medir: MEASURE_1

fator1	Variável dependente
1	P_M
2	P_P

Fatores entre assuntos

	N
Sex 1,0	14
Sex 2,0	25

Estatísticas descritivas

	Sex	Média	Desvio Padrão	N
Proximidade c MAE	1,0	5,8821	1,02312	14
	2,0	6,0340	,94898	25
	Total	5,9795	,96557	39
Proximidade c PAI	1,0	5,6500	1,39118	14
	2,0	5,6720	,90968	25
	Total	5,6641	1,08851	39

Testes multivariáveis^a

Efeito		Valor	Z	df de hipótese	Erro df	Sig.
fator1	Rastreamento de Pillai	,071	2,820 ^b	1,000	37,000	,101
	Lambda de Wilks	,929	2,820 ^b	1,000	37,000	,101
	Rastreamento de Hotelling	,076	2,820 ^b	1,000	37,000	,101
	Maior raiz de Roy	,076	2,820 ^b	1,000	37,000	,101
fator1 * Sex	Rastreamento de Pillai	,004	,135 ^b	1,000	37,000	,716
	Lambda de Wilks	,996	,135 ^b	1,000	37,000	,716
	Rastreamento de Hotelling	,004	,135 ^b	1,000	37,000	,716
	Maior raiz de Roy	,004	,135 ^b	1,000	37,000	,716

a. Design: Interceptação + Sex

Design entre Assuntos: fator1

b. Estatística exata

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Esfericidade considerada	1,584	1	1,584	2,820	,101
	Greenhouse-Geisser	1,584	1,000	1,584	2,820	,101
	Huynh-Feldt	1,584	1,000	1,584	2,820	,101
	Limite inferior	1,584	1,000	1,584	2,820	,101
fator1 * Sex	Esfericidade considerada	,076	1	,076	,135	,716
	Greenhouse-Geisser	,076	1,000	,076	,135	,716
	Huynh-Feldt	,076	1,000	,076	,135	,716
	Limite inferior	,076	1,000	,076	,135	,716
Erro(fator1)	Esfericidade considerada	20,780	37	,562		
	Greenhouse-Geisser	20,780	37,000	,562		
	Huynh-Feldt	20,780	37,000	,562		
	Limite inferior	20,780	37,000	,562		

Testes de contrastes entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Origem		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
fator1	Linear	1,584	1	1,584	2,820	,101
fator1 * Sex	Linear	,076	1	,076	,135	,716
Erro(fator1)	Linear	20,780	37	,562		

Testes de efeitos entre assuntos

Medir: MEASURE_1

Variável transformada: Média

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Interceptação	2423,128	1	2423,128	1507,774	,000
Sex	,136	1	,136	,084	,773
Erro	59,462	37	1,607		

Correlações

		AQSM	interacção Suave MAE	outro adulto	contacto Fisico c MAE	Proximida de c MAE
AQSM	Correlaçã o de Pearson Sig. (2 extremida des) N	1 39	,780** 39	,504** 39	,495** 39	,442** 39
interacção Suave MAE	Correlaçã o de Pearson Sig. (2 extremida des) N	,780** 39	1 39	,326* 39	,106 39	,262 39
outro adulto	Correlaçã o de Pearson Sig. (2 extremida des) N	,504** 39	,326* 39	1 39	,029 39	,092 39
contacto Fisico c MAE	Correlaçã o de Pearson Sig. (2 extremida des) N	,495** 39	,106 39	,029 39	1 39	,543** 39
Proximida de c MAE	Correlaçã o de Pearson Sig. (2 extremida des) N	,442** 39	,262 39	,092 39	,543** 39	1 39

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Correlações

		AQSP	interacção Suave PAI	outro adulto	contacto Físico c PAI	Proximidade c PAI
AQSP	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 39	,840** 39	,353* 39	,431** 39	,664** 39
interacção Suave PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,840** 39	1 39	,254 39	,076 39	,419** 39
outro adulto	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,353* 39	,254 39	1 39	-,139 39	,186 39
contacto Físico c PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,431** 39	,076 39	-,139 39	1 39	,614** 39
Proximidade c PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,664** 39	,419** 39	,186 39	,614** 39	1 39

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Correlações

		interacção Suave MAE	outro adulto	contacto Físico c MAE	Proximidade c MAE	interacção Suave PAI	outro adulto	contacto Físico c PAI	Proximidade c PAI
interacção Suave MAE	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 39	,326* 39	,106 39	,262 39	,393* 39	,227 39	,266 39	,310 39
outro adulto	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,326* 39	1 39	,029 39	,092 39	,270 39	,534** 39	,065 39	,084 39
contacto Físico c MAE	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,106 39	,029 39	1 39	,543** 39	-,180 39	,003 39	-,222 39	-,041 39
Proximidade c MAE	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,262 39	,092 39	,543** 39	1 39	,192 39	,052 39	,052 39	,485** 39
interacção Suave PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,393* 39	,270 39	-,180 39	,192 39	1 39	,254 39	,076 39	,419** 39
outro adulto	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,227 39	,534** 39	,003 39	,052 39	,254 39	1 39	-,139 39	,186 39
contacto Físico c PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,266 39	,065 39	-,222 39	,052 39	,076 39	-,139 39	1 39	,614** 39
Proximidade c PAI	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,310 39	,084 39	-,041 39	,485** 39	,419** 39	,186 39	,614** 39	1 39

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Análise das medidas da competência social

Correlações

	Z_R_SA	Z_POS_N OM	Z_PAIR	Z_CCQ_S OCCOMP	Z_PQ_SO CCOMP	Interações
Z_R_SA Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 37	,555** 32	,512** 36	,612** 37	,523** 37	,677** 37
Z_POS_N OM Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,555** 32	1 32	,572** 31	,475** 32	,450** 32	,451** 32
Z_PAIR Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,512** 36	,572** 31	1 36	,525** 36	,284 36	,430** 36
Z_CCQ_S OCCOMP Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,612** 37	,475** 32	,525** 36	1 37	,707** 37	,451** 37
Z_PQ_SO CCOMP Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,523** 37	,450** 32	,284 36	,707** 37	1 37	,431** 37
Interações Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,677** 37	,451** 32	,430** 36	,451** 37	,431** 37	1 37

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Correlações

		FAM_MOTIVAT ION_5	FAM_ACCEPT_ 5	FAM_QSORTS _5
FAM_MOTIVATION_5	Correlação de Pearson	1	,604**	,579**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,000
	N	39	39	39
FAM_ACCEPT_5	Correlação de Pearson	,604**	1	,464**
	Sig. (2 extremidades)	,000		,003
	N	39	39	39
FAM_QSORTS_5	Correlação de Pearson	,579**	,464**	1
	Sig. (2 extremidades)	,000	,003	
	N	39	39	39

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Análises Regressão

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	AQSM ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,559 ^a	,313	,294	,494803	2,332

a. Preditores: (Constante), AQSM

b. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	4,121	1	4,121	16,830	,000 ^b
	Resíduo	9,059	37	,245		
	Total	13,179	38			

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

b. Preditores: (Constante), AQSM

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,692	,291		-2,378	,023		
	AQSM	2,035	,496	,559	4,102	,000	1,000	1,000

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	AQSP ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,359 ^a	,129	,105	,556992	2,310

a. Preditores: (Constante), AQSP

b. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,700	1	1,700	5,481	,025 ^b
	Resíduo	11,479	37	,310		
	Total	13,179	38			

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

b. Preditores: (Constante), AQSP

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,287	,330		-,870	,390		
	AQSP	1,351	,577	,359	2,341	,025	1,000	1,000

a. Variável Dependente: CS_GLOBAL_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,374 ^a	,140	,117	,700822	2,417

a. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	2,957	1	2,957	6,021	,019 ^b
	Resíduo	18,173	37	,491		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,622	,895		-1,812	,078		
	interacção Suave MAE	,320	,130	,374	2,454	,019	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,219 ^a	,048	,022	,737322	2,586

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,015	1	1,015	1,867	,180 ^b
	Resíduo	20,115	37	,544		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,359	,681		-,528	,601		
	outro adulto	,157	,115	,219	1,367	,180	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,035 ^a	,001	,026	,755248	2,534

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,025	1	,025	,044	,834 ^b
	Resíduo	21,105	37	,570		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,745	,899		,828	,413		
	contacto Físico c MAE	,029	,136	,035	,211	,834	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,023 ^a	,001	,026	,755505	2,543

a. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,011	1	,011	,019	,891 ^b
	Resíduo	21,119	37	,571		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,452	,769		,588	,560		
	Proximidade c MAE	,018	,127	,023	,138	,891	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,345 ^a	,119	,095	,920415	2,574

a. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	4,243	1	4,243	5,009	,031 ^b
	Resíduo	31,345	37	,847		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-2,062	1,175		-1,755	,088		
	interacção Suave MAE	,383	,171	,345	2,238	,031	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,220 ^a	,048	,023	,956735	2,411

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,721	1	1,721	1,880	,179 ^b
	Resíduo	33,868	37	,915		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,645	,883		-,731	,470		
	outro adulto	,205	,149	,220	1,371	,179	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,307 ^a	,094	,070	,933314	2,625

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	3,359	1	3,359	3,856	,057 ^b
	Resíduo	32,230	37	,871		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,616	1,112		-1,453	,155		
	contacto Físico c MAE	,331	,169	,307	1,964	,057	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,118 ^a	,014	,013	,973881	2,438

a. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,496	1	,496	,523	,474 ^b
	Resíduo	35,092	37	,948		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	1,255	,991		1,266	,213		
	Proximidade c MAE	,118	,164	,118	,723	,474	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,223 ^a	,050	,024	,705514	1,437

a. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,964	1	,964	1,936	,172 ^b
	Resíduo	18,417	37	,498		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), interacção Suave MAE

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,977	,901		-1,085	,285		
	interacção Suave MAE	,183	,131	,223	1,392	,172	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,252 ^a	,063	,038	,700402	1,560

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,230	1	1,230	2,507	,122 ^b
	Resíduo	18,151	37	,491		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,742	,646		-1,148	,259		
	outro adulto	,173	,109	,252	1,583	,122	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,006 ^a	,000	,027	,723726	1,390

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,001	1	,001	,001	,970 ^b
	Resíduo	19,380	37	,524		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c MAE

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,234	,862		,271	,788		
	contacto Físico c MAE	,005	,131	,006	,038	,970	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c MAE ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,002 ^a	,000	,027	,723738	1,384

a. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,000	1	,000	,000	,988 ^b
	Resíduo	19,380	37	,524		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), Proximidade c MAE

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,277	,736		,377	,709		
	Proximidade c MAE	,002	,122	,002	,015	,988	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente:

FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,321 ^a	,103	,079	,715713	2,136

a. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	2,177	1	2,177	4,250	,046 ^b
	Resíduo	18,953	37	,512		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,602	1,053		-1,521	,137		
	interacção Suave PAI	,310	,150	,321	2,062	,046	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,072 ^a	,005	,022	,753723	2,558

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,110	1	,110	,194	,662 ^b
	Resíduo	21,020	37	,568		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,269	,663		,406	,687		
	outro adulto	,051	,115	,072	,441	,662	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,224 ^a	,050	,024	,736572	2,486

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,056	1	1,056	1,947	,171 ^b
	Resíduo	20,074	37	,543		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,358	,667		-,538	,594		
	contacto Físico c PAI	,144	,103	,224	1,395	,171	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente:
FAM_MOTIVATION_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,129 ^a	,017	,010	,749411	2,473

a. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

b. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,350	1	,350	,624	,435 ^b
	Resíduo	20,780	37	,562		
	Total	21,130	38			

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

b. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,057	,644		,089	,930		
	Proximidade c PAI	,088	,112	,129	,790	,435	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_MOTIVATION_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,059 ^a	,003	,023	,979023	2,423

a. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,124	1	,124	,130	,721 ^b
	Resíduo	35,464	37	,958		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,031	1,441		,022	,983		
	interacção Suave PAI	,074	,206	,059	,360	,721	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,123 ^a	,015	,011	,973277	2,482

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,539	1	,539	,569	,455 ^b
	Resíduo	35,049	37	,947		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,088	,857		-,103	,918		
	outro adulto	,112	,149	,123	,755	,455	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,181 ^a	,033	,007	,964516	2,420

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,168	1	1,168	1,255	,270 ^b
	Resíduo	34,421	37	,930		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,415	,873		-,476	,637		
	contacto Físico c PAI	,151	,135	,181	1,120	,270	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,029 ^a	,001	,026	,980330	2,443

a. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

b. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,030	1	,030	,031	,862 ^b
	Resíduo	35,559	37	,961		
	Total	35,588	38			

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

b. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	,402	,842		,477	,636		
	Proximidade c PAI	,026	,146	,029	,175	,862	1,000	1,000

a. Variável Dependente: FAM_ACCEPT_5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	interacção Suave PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,300 ^a	,090	,066	,690315	1,490

a. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,749	1	1,749	3,670	,063 ^b
	Resíduo	17,632	37	,477		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), interacção Suave PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,669	1,016		-1,642	,109		
	interacção Suave PAI	,278	,145	,300	1,916	,063	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	outro adulto ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,312 ^a	,097	,073	,687613	1,496

a. Preditores: (Constante), outro adulto

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	1,887	1	1,887	3,990	,053 ^b
	Resíduo	17,494	37	,473		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), outro adulto

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-,923	,605		-1,524	,136		
	outro adulto	,210	,105	,312	1,998	,053	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	contacto Físico c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,491 ^a	,241	,221	,630520	1,651

a. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	4,671	1	4,671	11,749	,002 ^b
	Resíduo	14,710	37	,398		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), contacto Físico c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,659	,571		-2,907	,006		
	contacto Físico c PAI	,302	,088	,491	3,428	,002	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Proximidade c PAI ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,572 ^a	,327	,309	,593697	1,567

a. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	6,339	1	6,339	17,984	,000 ^b
	Resíduo	13,042	37	,352		
	Total	19,381	38			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), Proximidade c PAI

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,859	,510		-3,645	,001		
	Proximidade c PAI	,375	,088	,572	4,241	,000	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Anexo II:*Outputs 2º Estudo*

Descritivos

Sex

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1,0	19	46,3	46,3	46,3
	2,0	22	53,7	53,7	100,0
	Total	41	100,0	100,0	

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade ASCT_4	25	50,233	61,133	55,73600	3,472457
N válido (de lista)	25				

irm

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1,0	24	58,5	63,2	63,2
	2,0	14	34,1	36,8	100,0
	Total	38	92,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	7,3		
	Total	41	100,0		

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Nhoras	34	6,0	10,0	8,029	1,1930
N válido (de lista)	34				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
idm	38	27,0	45,0	36,237	3,7664
idp	37	33,0	51,0	38,000	4,3843
Hlm	38	9,0	23,0	15,289	3,0395
Hlp	38	9,0	18,0	15,211	2,7129
N válido (de lista)	37				

trabm

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1,0	34	82,9	89,5	89,5
	2,0	4	9,8	10,5	100,0
	Total	38	92,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	7,3		
Total		41	100,0		

trabtp

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	2,0	22	53,7	100,0	100,0
Ausente	Sistema	19	46,3		
Total		41	100,0		

Análise dos demográficos

Correlações

		ASCT4	CS5	Idade ASCT_4	ICA	Nhoras	idm	idp	Hlm	Hlp
ASCT4	Correlação de Pearson	1	,531**	,087	-,062	,290	,052	,031	,150	,334*
	Sig. (2 extremidades)		,000	,681	,722	,086	,759	,855	,368	,040
	N	41	41	25	35	36	38	37	38	38
CS5	Correlação de Pearson	,531**	1	-,007	-,382*	,244	-,107	-,089	,337*	,457**
	Sig. (2 extremidades)	,000		,973	,023	,152	,523	,599	,039	,004
	N	41	41	25	35	36	38	37	38	38

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Análise de diferenças em função do sexo

Descritivos

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ASCT4	1,0	19	5,79084	1,147105	,263164	5,23796	6,34373	2,500	7,298
	2,0	22	5,68097	,917209	,195550	5,27430	6,08764	4,000	7,462
	Total	41	5,73189	1,018272	,159027	5,41048	6,05329	2,500	7,462
CS5	1,0	19	-,06881	,748716	,171767	-,42968	,29206	-1,651	1,342
	2,0	22	,31850	,646559	,137847	,03183	,60516	-1,169	1,394
	Total	41	,13901	,714116	,111526	-,08639	,36442	-1,651	1,394

Teste de Homogeneidade de Variâncias

	Estatística de Levene	df1	df2	Sig.
ASCT4	,100	1	39	,754
CS5	,925	1	39	,342

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ASCT4	Entre Grupos	,123	1	,123	,116	,735
	Nos grupos	41,352	39	1,060		
	Total	41,475	40			
CS5	Entre Grupos	1,529	1	1,529	3,161	,083
	Nos grupos	18,869	39	,484		
	Total	20,398	40			

Análise de diferenças em função da ordem de nascimento

Descritivos

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ASCT4	1,0	20	5,70027	,975761	,218187	5,24360	6,15694	4,000	7,298
	2,0	18	5,74500	1,127460	,265745	5,18433	6,30567	2,500	7,462
	Total	38	5,72146	1,036090	,168076	5,38090	6,06201	2,500	7,462
CS5	1,0	20	,15018	,662993	,148250	-,16011	,46047	-1,169	1,394
	2,0	18	,17693	,747851	,176270	-,19497	,54883	-1,651	1,155
	Total	38	,16285	,694889	,112726	-,06555	,39125	-1,651	1,394

Teste de Homogeneidade de Variâncias

	Estatística de Levene	df1	df2	Sig.
ASCT4	,010	1	36	,920
CS5	,225	1	36	,638

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ASCT4	Entre Grupos	,019	1	,019	,017	,896
	Nos grupos	39,700	36	1,103		
	Total	39,719	37			
CS5	Entre Grupos	,007	1	,007	,014	,908
	Nos grupos	17,859	36	,496		
	Total	17,866	37			

Medidas da Competência Social

Correlações

	Z_R_SA	Z_INT	Z_POS_N OM	Z_PAIR	Z_CCQ_S OCCOMP	Z_PQ_SO CCOMP
Z_R_SA Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 39	,681** 39	,559** 34	,519** 38	,606** 39	,510** 39
Z_INT Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,681** 39	1 39	,463** 34	,433** 38	,462** 39	,436** 39
Z_POS_N OM Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,559** 34	,463** 34	1 34	,561** 33	,503** 34	,476** 34
Z_PAIR Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,519** 38	,433** 38	,561** 33	1 38	,523** 38	,269 38
Z_CCQ_S OCCOMP Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,606** 39	,462** 39	,503** 34	,523** 38	1 39	,733** 39
Z_PQ_SO CCOMP Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,510** 39	,436** 39	,476** 34	,269 38	,733** 39	1 39

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Correlações

		CS5_GLO BAL	FAM_MOTI VATION_5	FAM_ACC EPT_5	FAM_QSO RTS_5
CS5_GLO BAL	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 41	,859** 41	,832** 41	,823** 41
FAM_MOTI VATION_5	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,859** 41	1 41	,612** 41	,575** 41
FAM_ACC EPT_5	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,832** 41	,612** 41	1 41	,476** 41
FAM_QSO RTS_5	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,823** 41	,575** 41	,476** 41	1 41

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Regressões

Estatísticas descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
CS5	,13901	,714116	41
ASCT4	5,73189	1,018272	41

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4 ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,531 ^a	,282	,263	,612921	2,281

a. Preditores: (Constante), ASCT4

b. Variável Dependente: CS5

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	5,747	1	5,747	15,299	,000 ^b
	Resíduo	14,651	39	,376		
	Total	20,398	40			

a. Variável Dependente: CS5

b. Preditores: (Constante), ASCT4

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,995	,554		-3,601	,001		
	ASCT4	,372	,095	,531	3,911	,000	1,000	1,000

a. Variável Dependente: CS5

Estatísticas descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
MOT	,14755	,796044	41
ASCT4	5,73189	1,018272	41

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4 ^b		Inserir

a. Variável Dependente: MOT

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,484 ^a	,234	,215	,705421	1,646

a. Preditores: (Constante), ASCT4

b. Variável Dependente: MOT

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	5,940	1	5,940	11,937	,001 ^b
	Resíduo	19,407	39	,498		
	Total	25,347	40			

a. Variável Dependente: MOT

b. Preditores: (Constante), ASCT4

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-2,022	,637		-3,172	,003		
	ASCT4	,378	,110	,484	3,455	,001	1,000	1,000

a. Variável Dependente: MOT

Estatísticas descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
ACE	,20260	,869947	41
ASCT4	5,73189	1,018272	41

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4 ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ACE

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,401 ^a	,161	,139	,807132	2,445

a. Preditores: (Constante), ASCT4

b. Variável Dependente: ACE

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	4,865	1	4,865	7,468	,009 ^b
	Resíduo	25,407	39	,651		
	Total	30,272	40			

a. Variável Dependente: ACE

b. Preditores: (Constante), ASCT4

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-1,761	,729		-2,414	,021		
	ASCT4	,342	,125	,401	2,733	,009	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ACE

Estatísticas descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
ATR	,06689	,892123	41
ASCT4	5,73189	1,018272	41

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4 ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ATR

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,452 ^a	,204	,184	,806031	2,306

a. Preditores: (Constante), ASCT4

b. Variável Dependente: ATR

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	6,498	1	6,498	10,001	,003 ^b
	Resíduo	25,338	39	,650		
	Total	31,835	40			

a. Variável Dependente: ATR

b. Preditores: (Constante), ASCT4

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Estatísticas de colinearidade	
		B	Erro Padrão	Beta			Tolerância	VIF
1	(Constante)	-2,202	,728		-3,023	,004		
	ASCT4	,396	,125	,452	3,162	,003	1,000	1,000

a. Variável Dependente: ATR

Anexo III:*Outputs 3º estudo*

Regressão

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	AQS ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,552 ^a	,304	,284	,618025

a. Preditores: (Constante), AQS

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	5,680	1	5,680	14,870	,000 ^b
	Resíduo	12,986	34	,382		
	Total	18,666	35			

a. Variável Dependente: CS5

b. Preditores: (Constante), AQS

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
1	(Constante)	-1,053	,333		-3,166	,003
	AQS	2,234	,579	,552	3,856	,000

a. Variável Dependente: CS5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4 ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,503 ^a	,253	,231	,640323

a. Preditores: (Constante), ASCT4

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	4,726	1	4,726	11,525	,002 ^b
	Resíduo	13,940	34	,410		
	Total	18,666	35			

a. Variável Dependente: CS5

b. Preditores: (Constante), ASCT4

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
1	(Constante)	-1,958	,635		-3,085	,004
	ASCT4	,373	,110	,503	3,395	,002

a. Variável Dependente: CS5

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	AQS ^b		Inserir

a. Variável Dependente: ASCT4

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,452 ^a	,205	,181	,890715

a. Preditores: (Constante), AQS

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	6,942	1	6,942	8,750	,006 ^b
	Resíduo	26,975	34	,793		
	Total	33,917	35			

a. Variável Dependente: ASCT4

b. Preditores: (Constante), AQS

Coefficientes^a

Modelo		Coefficients não padronizados		Coefficients padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
1	(Constante)	4,344	,479		9,062	,000
	AQS	2,470	,835	,452	2,958	,006

a. Variável Dependente: ASCT4

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	ASCT4, AQS ^b		Inserir

a. Variável Dependente: CS5

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,621 ^a	,385	,348	,589737

a. Preditores: (Constante), ASCT4, AQS

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	7,189	2	3,594	10,335	,000 ^b
	Resíduo	11,477	33	,348		
	Total	18,666	35			

a. Variável Dependente: CS5

b. Preditores: (Constante), ASCT4, AQS

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
1	(Constante)	-2,081	,587		-3,547	,001
	AQS	1,650	,620	,407	2,661	,012
	ASCT4	,237	,114	,319	2,083	,045

a. Variável Dependente: CS5

Run MATRIX procedure:

Preacher and Hayes (2004) SPSS Macro for Simple Mediation

Written by Andrew F. Hayes, The Ohio State University

<http://www.comm.ohio-state.edu/ahayes/>

VARIABLES IN SIMPLE MEDIATION MODEL

Y CS5_GLOB
 X Score_se
 M MS4

DESCRIPTIVES STATISTICS AND PEARSON CORRELATIONS

	Mean	SD	CS5_GLOB	Score_se	MS4
CS5_GLOB	,1664	,7303	1,0000	,5516	,5032
Score_se	,5459	,1803	,5516	1,0000	,4524
MS4	5,6922	,9844	,5032	,4524	1,0000

SAMPLE SIZE

37

DIRECT AND TOTAL EFFECTS

	Coeff	s.e.	t	Sig(two)
b(YX)	2,2338	,5793	3,8561	,0005
b(MX)	2,4696	,8349	2,9580	,0056
b(YM.X)	,2365	,1135	2,0833	,0451
b(YX.M)	1,6496	,6198	2,6614	,0119

INDIRECT EFFECT AND SIGNIFICANCE USING NORMAL DISTRIBUTION

	Value	s.e.	LL 95 CI	UL 95 CI	Z	Sig(two)
Effect	,5842	,3558	-,1133	1,2816	1,6417	,1007

BOOTSTRAP RESULTS FOR INDIRECT EFFECT

	Data	Mean	s.e.	LL 95 CI	UL 95 CI	LL 99 CI	UL 99 CI
Effect	,5842	,7901	,6012	,0926	2,3412	-,0238	3,1181

NUMBER OF BOOTSTRAP RESAMPLES

5000

FAIRCHILD ET AL. (2009) VARIANCE IN Y ACCOUNTED FOR BY INDIRECT EFFECT:

,1723

----- END MATRIX -----